

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA

JHOYMAR CAMPOS DA SILVEIRA

“O CERCO DA LAPA E SEUS HERÓIS”: AS REPRESENTAÇÕES DO CERCO DA
LAPA NA OBRA DE DAVID CARNEIRO E SEUS EFEITOS NO ENSINO DE
HISTÓRIA.

PONTA GROSSA
2025

JHOYMAR CAMPOS DA SILVEIRA

“O CERCO DA LAPA E SEUS HERÓIS”: AS REPRESENTAÇÕES DO CERCO DA
LAPA NA OBRA DE DAVID CARNEIRO E SEUS EFEITOS NO ENSINO DE
HISTÓRIA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa como requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Paulo Benatte.

PONTA GROSSA
2025

S587 Silveira, Jhoymar Campos da
"O Cerco da Lapa e seus heróis": as representações do Cerco da Lapa na obra de David Carneiro e seus efeitos no Ensino de História / Jhoymar Campos da Silveira. Ponta Grossa, 2025.
178 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História - Área de Concentração: Ensino de História), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Paulo Benatte.

Coorientadora: Profa. Dra. Chistiane Marques Szesz.

1. Representação histórica. 2. Carneiro, David, 1904-1990. 3. Revolução Federalista, 1893-1895. 4. Cerco da Lapa. 5. Ensino de História. I. Benatte, Antonio Paulo. II. Szesz, Chistiane Marques. III. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ensino de História. IV.T.

CDD: 981.62



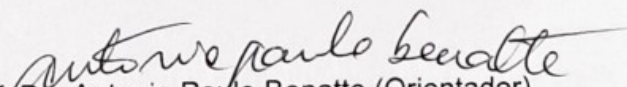
TERMO DE APROVAÇÃO

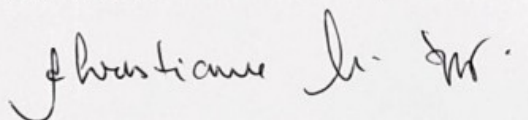
MESTRANDO
JHOYMAR CAMPOS DA SILVEIRA

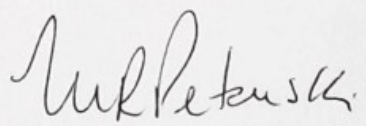
TÍTULO:

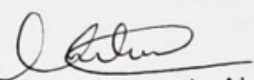
**“O CERCO DA LAPA E SEUS HERÓIS”: AS REPRESENTAÇÕES DO CERCO DA
LAPA NA OBRA DE DAVID CARNEIRO E SEUS EFEITOS NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino de História, no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 24 de junho de 2025, pela seguinte banca examinadora:


Prof. Dr. Antonio Paulo Benatte (Orientador)


Profª Drª Christiane Marques Szesz (UEPG)


Prof. Drª Maura Regina Petruski (UEPG)


Profª Drª Maria Julieta Batista de Almeida Weber (UEPG)

Ponta Grossa, 24 de junho de 2025.

Dedico aos professores e professoras de História, em especial aos que atuam em escolas públicas do Paraná, por sua resistência, pois, atualmente, estudar e ensinar História é um grande ato de resistência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Karol, minha esposa, pois foi com ela que a minha jornada no ProfHistória começou, ao me revelar a existência do ProfHistória, dois dias antes de encerrar as inscrições, por todo apoio e amor recebido antes e durante a realização do mestrado e por tudo o que ela significa na minha vida. Eu te amo.

À minha filha, Marina, meu amor sem medida, minha luz mais intensa e razão maior dos meus passos. É tua existência que ilumina meu caminho, que me dá forças para seguir, mesmo nos dias mais difíceis. És o sopro que me faz querer ser um pai melhor, um ser humano mais digno e inteiro. Perdoa minha ausência durante esse tempo de caminhada, pois te prometo que cada instante longe será transformado em presença plena, em amor dedicado e em memórias felizes que construiremos juntos.

Aos meus pais, pelo amor com que me foi ensinado o valor das coisas, da dedicação, a ser grato e ter orgulho das conquistas da vida. Gratidão eterna. A todos os familiares, pelo incentivo incondicional para realização do curso. Meus agradecimentos.

Aos amigos, por cobrarem celeridade em concluir o mestrado, já que estavam tão ansiosos para chamar um dos seus de “mestre” (risos) e por lembrarem sempre a importância de usarmos o pouco tempo disponível com coisas prioridades, como churrasco, cerveja e Heavy Metal. Valeu!

Agradeço muito aos colegas de curso, pelo acolhimento, pela ajuda e pela sempre deleitante presença durante as aulas. Ninguém solta a mão de ninguém. Até a próxima. Obrigado!

Aos professores do ProfHistória da UEPG, obrigado por tornar o dever do estudo suave, pela paixão no cumprimento de suas funções, pelo aprendizado, por dividir tanto conhecimento, pelas reflexões e por toda inspiração despertada em nos tornarmos professores e pessoas melhores.

Ao Prof. Dr. Antonio Paulo Benatte, por aceitar orientar minha pesquisa com muita dedicação, por toda ajuda durante a escrita da dissertação e por todo ensinamento. Também peço desculpas se tornei a tarefa desafiadora em demasia.

Quero agradecer à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa concedida e por valorizar pesquisas em educação.

Finalmente, todos e todas que contribuíram para realização deste trabalho.

A narrativa histórica é sempre uma escolha: entre o que se guarda, o que se esquece e o que se quer fazer lembrar.
(Paul Ricoeur)

Todas as guerras são combatidas duas vezes. Primeiro, no campo de batalha. Depois, na memória.
(Viet Thanh Nguyen)

Não fosse isso e era menos, não fosse tanto e era quase.
(Paulo Leminski)

RESUMO

A presente dissertação aborda as obras de David Carneiro referentes ao Cerco da Lapa, as representações da sua narrativa e seus impactos no Ensino de História. Trabalhamos com o conceito de representações na perspectiva de Roger Chartier, lugares de memória, por Pierre Nora, construção de memória coletiva e identidade de Paul Ricouer e Maurice Halbwachs, invenções de tradições de Hobsbawn. São importantes problematizações da pesquisa as representações criadas a partir das narrativas nos trabalhos de David Carneiro, como David Carneiro acaba construindo heróis da história regional e tenta dar visibilidade para a importância dos acontecimentos regionais para formação e desenvolvimento do Brasil republicano. A Lapa e sua gente são representados como exemplo de sacrifício e resistência. O Cerco da Lapa é representado como salvador da República. As representações de “heróis” são identificadas na construção da imagem de Floriano Peixoto, como herói político, de Joaquim Lacerda, como herói civil lapeano e Ernesto Gomes Carneiro como herói militar. Outra importante problematização é referente a influência das obras de Carneiro na historiografia paranaense: qual é o papel das obras de David Carneiro na historiografia sobre o Cerco da Lapa e no ensino de História. Para isso, foi necessário entender como é o processo de operação historiográfica de Carneiro. Ao concluir que as obras de David Carneiro se tornam referências historiográficas e que produzem efeitos no ensino, produzimos um guia didático para auxiliar visitas pedagógicas ao patrimônio histórico da Lapa. O produto final também reflete sobre a construção do conhecimento histórico e o ensino da Revolução Federalista e o Cerco da Lapa.

Palavras-chave: Representação. David Carneiro. Revolução Federalista. Cerco da Lapa. Ensino de História.

RESUMEN

La presente disertación aborda las obras de David Carneiro relacionadas con el Cerco de Lapa, las representaciones de su narrativa y sus impactos en la enseñanza de la Historia. Trabajamos con el concepto de representaciones desde la perspectiva de Roger Chartier, lugares de la memoria por Pierre Nora, la construcción de la memoria colectiva y la identidad según Paul Ricoeur y Maurice Halbwachs, así como las invenciones de tradiciones de Hobsbawm. Entre las principales problemáticas de la investigación, se destacan las representaciones creadas a partir de las narrativas en los trabajos de David Carneiro, la manera en que Carneiro construye héroes de la historia regional y su intento de dar visibilidad a la importancia de los acontecimientos regionales en la formación y el desarrollo de Brasil republicano. La ciudad de Lapa y su gente son representadas como un ejemplo de sacrificio y resistencia. El Cerco de Lapa es descrito como el salvador de la República. Las representaciones de "héroes" se identifican en la construcción de la imagen de Floriano Peixoto como héroe político, de Joaquim Lacerda como héroe civil lapeano y de Ernesto Gomes Carneiro como héroe militar. Otra cuestión relevante es la influencia de las obras de Carneiro en la historiografía paranaense: cuál es el papel de las obras de David Carneiro en la historiografía sobre el Cerco de Lapa y en la enseñanza de la Historia. Para ello, fue necesario comprender el proceso de operación historiográfica de Carneiro. Al concluir que las obras de David Carneiro se convierten en referencias historiográficas y generan efectos en la enseñanza, elaboramos una guía didáctica para apoyar visitas pedagógicas al patrimonio histórico de Lapa. El producto final también reflexiona sobre la construcción del conocimiento histórico y la enseñanza de la Revolución Federalista y el Cerco de Lapa.

Palabras clave: Representaciones. David Carneiro. Revolución Federalista. Cerco de Lapa. Enseñanza de la Historia.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 O CONTEXTO DA REVOLUÇÃO FEDERALISTA E A TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO DO INTELLECTUAL DAVID CARNEIRO.....	18
2.1 A LAPA NO CAMINHO DA REVOLUÇÃO FEDERALISTA	18
2.2 A TRAJETÓRIA INTELLECTUAL DE DAVID CARNEIRO.....	34
3 AS REPRESENTAÇÕES NA NARRATIVA DE DAVID CARNEIRO SOBRE O CERCO DA LAPA E SEUS IMPACTOS NO ENSINO DE HISTÓRIA	43
3.1 REPRESENTAÇÕES, MEMÓRIA COLETIVA E INVENÇÃO DE TRADIÇÕES.....	43
3.2 A LAPA.....	47
3.3 O CERCO DA LAPA.....	53
3.4 OS HERÓIS.....	63
3.5 A NARRATIVA DE DAVID CARNEIRO NO ENSINO.....	79
4 GUIA DIDÁTICO DE VISITAS AO PATRIMÔNIO DA LAPA-PR: O CERCO DA LAPA.....	98
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	170
REFERÊNCIAS.....	174

1 INTRODUÇÃO

O que é mais importante para um determinado povo? O que tem mais peso para as pessoas de um determinado lugar atribuírem valor para sua história? A herança dos fatos, os acontecimentos da sua história, ou a narrativa que é construída sobre os acontecimentos?

Foram reflexões sobre essas perguntas que motivaram o desenvolvimento de todo processo que envolveu a presente pesquisa. Responder essas perguntas, encontrar alguma continuação de diálogo sobre essas questões, despertaram a vontade de construir a pesquisa com o tema sobre as representações do Cerco da Lapa em obras tradicionais da historiografia paranaense, que se tornaram referências no assunto, de autoria do “historiador” David Carneiro – *O Cerco da Lapa e seus heróis: antecedentes e consequências da Revolução Federalista no Paraná* (2004) e *O Paraná e a Revolução Federalista* (1982). Antes disso, faremos uma breve contextualização do Cerco da Lapa como um episódio da Revolução Federalista. Além disso, a pesquisa também pretende problematizar o uso dos temas da Revolução Federalista e Cerco da Lapa no ensino de História.

A escolha do tema é fruto de uma combinação de interesse pessoal, de experiência acadêmica e profissional, que nos levou às problematizações em debate, ou seja, não é uma escolha natural ou neutra. Reflexões e discussões sobre as problematizações da pesquisa durante as aulas no programa ProfHistória, ajudaram a lapidar o tema da narrativa e das representações de David Carneiro sobre o Cerco da Lapa em seu trabalho. Pretendemos dar continuidade ao diálogo sobre o tema e também contribuir com produção de material didático, que ajude professores a refletir sobre os impactos da narrativa de David Carneiro e sua construção de representações no ensino de História, quais interesses suas obras atendem, se seus trabalhos são usados como referência nos estudos dos eventos da Revolução Federalista e do Cerco da Lapa, mas principalmente, refletir sobre práticas em aula e reproduções históricas que privilegiam atores, reflexões que evitem replicar tradicionalismos inventados e construção de memórias, produzindo como consequência, apagamentos históricos.

A historiografia sobre o assunto é muito ampla, vários autores já contribuíram com estudos sobre o tema da Revolução Federalista, os eventos da Revolução Federalista no Paraná e Cerco da Lapa. No entanto, essa historiografia

paranaense apresenta uma tradição positivista em sua narrativa, que tenta produzir um efeito identitário, mitificando heroísmos e romaneando a guerra. Essa narrativa formou uma tradição historiográfica inventada, reproduzida e amplamente divulgada, portanto, surge a necessidade de abrir um novo debate com esta historiografia e tendências de pesquisas mais atuais.

Pesquisas mais recentes continuam abordando e aprofundando o tema, trazendo novas visões, conceitos e teorias, portanto, a presente pesquisa vai reunir uma grande diversidade de autores sobre Cerco da Lapa, para tentar responder questões diversas, sendo elas: Como entender a representação do Cerco da Lapa nas obras de David Carneiro? Qual é a trajetória de David Carneiro como intelectual da história do Paraná? A biografia de David Carneiro explica a tradição de suas obras? Quais as novas tendências da historiografia sobre o Cerco da Lapa? Quais os efeitos desses trabalhos para o ensino de história? Quais possibilidades estratégicas e metodológicas para trabalhar o tema Cerco da Lapa nas aulas de História?

Entretanto, a narrativa produzida sobre o Cerco da Lapa por David Carneiro, divulgada e adotada até a atualidade, seus impactos no ensino de História, constituem a principal problematização da presente pesquisa. Para responder essa problemática, devemos refletir a história da Revolução Federalista, como a Revolução Federalista chega ao Paraná e à Lapa. Devemos refletir também sobre o perfil ideológico de David Carneiro, sua influência positivista, seu papel no chamado movimento paranista, para assim, compreender a construção historiográfica sobre o evento do Cerco da Lapa em suas obras. Dessa forma, a pesquisa vai responder a mais uma problematização: quais são os efeitos dessa construção no ensino de História?

De forma mais direta, o objetivo principal da presente pesquisa é identificar as representações sobre o Cerco da Lapa nas obras de David Carneiro, bem como, seus impactos no ensino de História. Como objetivos específicos, buscamos entender a construção da narrativa nas obras de David Carneiro, origens dessa narrativa e quais fatores fazem o trabalho de David Carneiro ainda ser referência na historiografia sobre o Cerco da Lapa; Mostrar as características ideológicas que existem nas obras de David Carneiro; Identificar quais memórias e tradições são construídas nas obras de David Carneiro e entender a quais interesses a sua narrativa atende.

Quais seriam os melhores caminhos para atingir os objetivos propostos? Para alcançar os objetivos, é necessário entender a trajetória de formação do intelectual David Carneiro, mesmo que a produção de uma biografia de David Carneiro não seja um dos objetivos da dissertação, não se chegaria a nenhuma conclusão sem antes compreender as influências sociais, a formação educacional, as ideologias que difundia em seus trabalhos, assim, justificamos a necessidade de visitar a biografia e a formação de David Carneiro. Vários trabalhos dialogam no esforço de entender a vida intelectual de David Carneiro, nossa pesquisa vai destacar os trabalhos de dissertação de Daiane Vaiz Machado (2012a), intitulado *O Percurso Intelectual de uma Personalidade Curitibana: David Carneiro*, e de Thiago de Paula (2023), com o título *História, Ficção e Regionalismo: A escrita da História em David Carneiro*, assim como, textos e livros de Maria Julieta Weber Cordova.

Daiane Machado apresenta informações precisas sobre a família Carneiro, a herança do nome “David Carneiro”, a fixação da família Carneiro no Paraná, o estabelecimento da família com uma posição de destaque social no Paraná dos tempos da Monarquia, a ligação da família com a economia ervateira. Especificamente, sobre o David Carneiro, nosso investigado na presente pesquisa, Machado contribui com o diálogo biográfico, mostrando vários aspectos de sua formação intelectual, com influências políticas, sociais e ideológicas.

Para tanto, investigamos a origem familiar e sua relação com a economia da erva-mate, os lugares de formação educacional e a filiação ao positivismo, e o cenário histórico-cultural curitibano das primeiras décadas da República, contexto de relativa prosperidade econômica com a erva-mate, de incentivo cultural e de surgimento de uma “intelectualidade paranaense”. Foi nesta atmosfera que David Carneiro fez suas primeiras filiações a correntes de pensamento e iniciou sua produção intelectual. (Machado, 2013, p. 20).

Maria Julieta Cordova também é muito precisa em afirmar que a corrente filosófica do positivismo é muito presente nos trabalhos de David Carneiro, podendo ser considerada uma grande marca intelectual de David Carneiro, caracterizando diversas de suas obras, e por consequência, a sua narrativa sobre os eventos da Revolução Federalista no Paraná e o Cerco da Lapa, principalmente em sua tentativa em mitificar determinados eventos e personagens como heroicos, criando elementos identitários para o povo do Paraná.

Ainda que o liberalismo tenha se configurado pelo sistema federativo, apregoando maior autonomia provincial e apaziguando anseios separatistas das elites hegemônicas regionais, possibilidade de reunir racionalidade e mitificação que permeou convicções positivistas em projetar utopicamente uma construção identitária, apontando para uma crescente representatividade historiográfica regional. O positivismo, por apresentar “ingredientes utópicos ainda mais salientes”, almejando a realização humana pelo mito, veio a constituir a base das investidas ideológicas do paranismo. Muitos dos intelectuais paranistas intitulavam-se positivistas, fazendo parte, inclusive, do Centro Positivista do Paraná. David Carneiro exerceu a presidência do Centro Positivista, declarando na abertura de um simpósio realizado por esse Centro, já na década de 90, a relação entre a instauração da república e a influência das idéias¹ positivistas no Brasil. (Cordova, 2007, p. 165-166).

Cordova também localiza os trabalhos de David Carneiro dentro do movimento paranista, sendo esse, considerado um grande, ou o “Último dos paranistas”.

Thiago de Paula (2023) confirma que David Carneiro carrega suas obras com uma grande carga de positivismo, sendo este, adepto do pensamento da história *magistra vitae*, que busca encontrar a verdade nos eventos do passado e uma função evolutiva para a História. Paula também evidencia a preocupação que David Carneiro teve em seus trabalhos, de enaltecer os eventos da história regional paranaense, mais uma vez, confirmando suas bases positivistas e paranista.

Estabelecemos dialogo entre os pesquisadores citados acima, no que se refere a dedicação especial que David Carneiro deu para criar a sua narrativa sobre os eventos da Revolução Federalista no Paraná, principalmente, sobre o Cerco da Lapa.

A Revolução Federalista se enquadra em um contexto de conflitos, de rivalidades, de paixões exacerbadas, de excessos, mas o que David Carneiro produz em sua narrativa, é um posicionamento, carregado de representações. A narrativa e a representação sobre o Cerco da Lapa, presentes na obra de David Carneiro, compõem importantes discussões da presente dissertação.

Tendo isso explicado, os eventos históricos devidamente contextualizados, chegamos a novas problematizações importantíssimas para justificar a construção da presente pesquisa e sua pertinência: Qual o valor, ou o papel, da narrativa de David Carneiro, sobre os eventos da Revolução Federalistas no Paraná? A narrativa de David Carneiro é referência historiográfica atualmente? Se a resposta for sim ou

1 Optamos por manter a ortografia como está no material de origem nas citações longas e curtas, por tanto, alguns desajustes ortográficos podem ser percebidos em algumas citações.

não, por quais motivos? A narrativa de David Carneiro tem quais impactos no ensino de História?

Tentar encontrar respostas para essas problematizações exigiu buscar diálogo com conceitos e quadro teórico de intelectuais que produziram estudos sobre narrativa, narrativa e esquecimento, memória, memória coletiva, lugares de memória, tradições inventadas e representação. Como método de pesquisa qualitativo, buscamos compreender melhor os efeitos da narrativa construída por David Carneiro, na historiografia do Paraná e no ensino de História.

Para isso, foi utilizado a modalidade de pesquisa bibliográfica, ou seja, levantar uma base bibliográfica, informações e opiniões que envolvem a historiografia do Paraná, a Revolução Federalista, o Cerco da Lapa e a narrativa de David Carneiro.

A natureza de abordagem qualitativa envolve escolhas e subjetividade por parte do pesquisador, no entanto, a base bibliográfica vai nortear o comportamento e a participação do pesquisador, por isso a pesquisa não pretende invalidar, denunciar, acusar, condenar ou julgar os textos ou as fontes, mas sim, revisitar o Cerco da Lapa, sua construção de narrativa e quais são os efeitos desses discursos no ensino de História.

A problematização da narrativa do Cerco da Lapa apresentam conceitos de representação, narrativa, memória e invenção de tradição, para realizar essas análises, a pesquisa vai contar com as ideias de intelectuais como Roger Chartier, e seu conceito de representação. Chartier entende por representação, o modo de como os homens constroem socialmente a realidade que os rodeia, assim, não é neutra, não é natural. Segundo Chartier, a representação é sempre resultado de interesses, resultado de posições sociais:

O objeto fundamental de uma história que se propõe reconhecer a maneira como os atores sociais dão sentido a suas práticas e a seus enunciados se situa, portanto, na tensão entre, por um lado, as capacidades inventivas dos indivíduos ou das comunidades e, por outro, as restrições e as convenções que limitam – de maneira mais ou menos clara conforme a posição que ocupam nas relações de dominação – o que lhes é possível pensar, dizer e fazer. Essa observação é válida também para as obras letradas e as criações estéticas, sempre inscritas nas heranças e nas referências que as fazem concebíveis, comunicáveis e compreensíveis. É válida, desse modo, para as práticas ordinárias, disseminadas e silenciosas, que inventam o cotidiano. (Chartier, 2009, p. 49).

Assim, narrativas históricas constituem representações, não universais, mas respondendo interesses de um determinado grupo social, como processo de legitimação e de imposição das suas representações, suas visões, sua versão de mundo e sua verdade histórica. Opiniões diferentes desses grupos, desses interesses, vão produzir diferentes representações, dessa forma, as narrativas geram conflitos de representações:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social – como julgou durante muito tempo uma história de vistas demasiado curtas –, muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de confronto tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais. (Chartier, 1990, p. 17).

Nesse ponto, problematiza-se também a tentativa de construção de uma memória coletiva. Um sentimento de memória, entendendo uma verdade absoluta e um sentimento de legitimação dessa memória, pela aceitação de um grupo coletivo: povo lapeano²; paranaense ou brasileiro republicano, como é visto em Maurice Halbwachs:

Se a condição necessária, para que haja memória, é que o sujeito que se lembra, indivíduo ou grupo, tenha o sentimento de que busca suas lembranças num movimento contínuo, como a história seria uma memória, uma vez que há uma solução de continuidade entre a sociedade que lê esta história, e os grupos testemunhas ou atores, outrora, dos fatos que ali são narrados? (Halbwachs, 1990, p. 81).

A problematização no trecho ditado de Halbwachs nos leva a outra forma importante de ver a narrativa e o discurso de David Carneiro, a narrativa de um

2 O termo gentílico correto daqueles que nascem ou vivem na Lapa ainda gera debates, lapeano ou lapiano são termos mais aceitos, assim, no texto desta dissertação, preferimos usar o termo lapeano.

determinado grupo de pessoas: ela enaltece indivíduos, tenta inventar uma tradição, além de identitária, uma tradição historiográfica, por isso trabalhamos também, com o conceito de “tradição inventada” de Eric Hobsbawn (1997).

A repetição em sua narrativa é encontrada não só em suas obras, mas é vista outros trabalhos, claramente influenciados pela narrativa de Carneiro. A repetição é vista na reprodução que a historiografia faz das suas representações e no patrimônio. A significação e valorização desse discurso é visto em nomes de ruas, praças e municípios pelo estado do Paraná.

Nesse momento, podemos recorrer a Roger Chartier (1991), para entender que a narrativa em discussão é uma forma de representação coletiva e de identidades sociais.

Diferente da construção histórica de David Carneiro, como sugere Machado, um representante da mitificação da História como *magistra vitae* (Machado, 2012, p. 59), segundo Chartier “Narrativas de ficção e narrativas de história têm em comum uma mesma maneira de fazer agir seus ‘personagens’, uma mesma maneira de construir a temporalidade, uma mesma concepção de causalidade” (Chartier, 2002, p.14).

Hayden White, citando o crítico literário Northrop Frye, vai apresentar estilos de mitificação histórica:

Frye se refere inclusive a diferentes tipos de mitos históricos: mitos românticos, “baseados numa busca (ou peregrinação) de uma Cidade de Deus ou de uma sociedade sem classes”; mitos cômicos, “mitos do progresso mediante evolução ou revolução”; mitos trágicos, de “declínio e queda, como as obras de Gibbon e Spengler”; e mitos irônicos, “de recorrência ou de catástrofe casual”. (White, 1994, p. 99).

Desses estilos literários, a narrativa de David Carneiro, sempre é bom ressaltar, positivista, tenta criar uma representação do Cerco da Lapa e de determinados personagens dos eventos históricos, como salvadores heroicos da República, mediante uma narrativa que mitifica o Cerco da Lapa como evento evolucionário do progresso do projeto republicano que se instalou no Brasil.

A narrativa de David Carneiro e suas representações, estão de acordo com as problemáticas que muitos historiadores veem na escrita tradicionalista da História. Para Peter Burke, muitas dessas produções históricas, que assumem características

de narrativas tradicionais, tem dificuldades para conciliar certos aspectos do passado, valorizando em suas narrativas, apenas grandes personalidades:

De um lado, os historiadores estruturais mostraram que a narrativa tradicional passa por cima de aspectos importantes do passado, que ela simplesmente é incapaz de conciliar, desde a estrutura econômica e social até à experiência e os modos de pensar das pessoas comuns. Em outras palavras, a narrativa não é mais inocente na historiografia do que o é na ficção. No caso de uma narrativa de acontecimentos políticos, é difícil evitar enfatizar os atos e as decisões dos líderes, que proporcionam uma linha clara à história, à custa dos fatores que escaparam ao seu controle. (Burke, 1992 p. 330).

Novamente, Burke vai dizer que o problema da narrativa tradicional na historiografia, fica ainda mais grave, quando se trata da história militar:

No caso da história militar em particular, John Keegan observou que a narrativa tradicional da batalha está levando a conclusões erradas, com seu “alto foco sobre a liderança” e sua “redução dos soldados a peões”, e necessita ser abandonada. (Burke, 1992 p. 331).

Uma problematização que se pretende debater é referente a consequências dessa representação e invenção de tradição, que é produção de memórias e narrativas de esquecimento, dialogando com o conceito de Paul Ricoeur (2007).

Organizamos a dissertação em três partes. A primeira apresenta uma contextualização da Revolução Federalista, da qual o Cerco da Lapa é parte, visitando a historiografia referente a Revolução. Além disso, vamos apresentar pontos da trajetória sobre a vida e a obra de David Carneiro, para entender a construção de sua narrativa das representações em seus trabalhos, ou seja, vamos realizar uma explicação referente ao contexto social, familiar e formativo de David Carneiro, trajetória de formação intelectual de David Carneiro, das suas influências, das suas experiências, analisando o contexto de criação de seus trabalhos, com principal enfoque para as obras sobre o Cerco da Lapa.

Na segunda parte vamos interpretar as obras de David Carneiro, sua narrativa e suas representações, para isso, vamos nos basear em um referencial teórico valorizando as teorias e conceitos de representação, memória coletiva, invenção de tradições, lugares de memória, apagamentos e silenciamentos das historiografia positivista e tradicionalista. Trataremos no segundo ponto dessa parte, as representações sobre a cidade da Lapa, como David Carneiro interpreta o

envolvimento e o papel da cidade na Revolução Federalista. Um terceiro ponto analisa as representações que David Carneiro construiu do Cerco da Lapa, os significados do Cerco da Lapa na narrativa de David Carneiro. No quarto ponto da segunda parte, analisamos a construção da mitificação do herói regional, as representações construídas dos heróis do Cerco da Lapa, a formação identitária com os heróis, o que atuou politicamente nos episódios, o herói civil e o herói militar. A última parte da segunda parte vai debater o Cerco da Lapa no Ensino de História, como o tema é trabalhado em diferentes etapas do Ensino Básico, como a narrativa de Carneiro aparece nos materiais didáticos usados e quais os impactos das representações da narrativa de David Carneiro podemos verificar no ensino atualmente.

A terceira parte é a apresentação de um material didático, uma contribuição para trabalhar os conteúdos referentes ao Cerco da Lapa nas aulas de história, um Guia didático para professoras, professores e estudantes, que pretendem visitar o patrimônio histórico da Lapa, que incentiva a reflexão sobre a construção historiográfica, as narrativas, as representações, mas principalmente os apagamentos produzidos pela narrativa de Carneiro, que se legitima e se torna oficial, quando o assunto é o Cerco da Lapa e o patrimônio histórico da Lapa.

2 O CONTEXTO DA REVOLUÇÃO FEDERALISTA E A TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO DO INTELLECTUAL DAVID CARNEIRO

2.1 A LAPA NO CAMINHO DA REVOLUÇÃO FEDERALISTA

A presente pesquisa faz questão de sempre associar o Cerco da Lapa como um evento histórico localizado dentro da Revolução Federalista, ou seja, um capítulo da Revolução Federalista. Assim, é necessário revisitar a historiográfica sobre a Revolução Federalista e contextualizá-la, com finalidade de compreender como a narrativa de David Carneiro tem alinhamento, ou deslocamentos, com essa historiografia e qual é o lugar da narrativa de Carneiro nessa historiografia.

A Revolução Federalista foi um evento violento, caracterizado por conflitos violentos, que marcaram a história do Brasil. Mais precisamente, um acontecimento dentro do contexto da proclamação e da consolidação da República brasileira, ocorreu entre 1893 e 1895, começou no Rio Grande do Sul, no entanto, atinge de forma direta todo o sul do Brasil (Pesavento, 1983, p. 7).

A origem dos acontecimentos da Revolução Federalista está relacionada ao modelo de proclamação e instalação da República no Brasil, a partir de um golpe contra a monarquia, governada no momento por D. Pedro II. O golpe foi liderado por militares, mas refletia consequências de grandes transformações no Brasil pós escravidão, incluindo a oligarquia cafeicultora tomando distanciamento da monarquia e o fortalecendo partidos políticos republicanos pelo Brasil.

Com esse modelo de instalação da República, os mesmos militares assumem o comando político da nação provisoriamente, com objetivos bem claros:

Estes primeiros governos republicanos tiveram como tarefa principal tanto garantir as condições de continuidade, expansão e lucratividade da economia cafeeira agroexportadora, quando conciliar a necessidade de manter a unidade nacional com as tendências de autonomia de algumas economias regionais, expressas através de um federalismo extremado. (Pesavento, 1983, p. 8).

No entanto, vários grupos começam a demonstrar interesses antagônicos sobre como, ou qual ideologia deve ser a base da construção da República e quem deve liderar a República, provocando tensões e crises diversas nos primeiros meses de República, mesmo assim, o afastamento da população durante a proclamação se

estendeu por muito mais tempo, como cita o propagandista republicano, Aristides Lobo, quando diz “Por hora a cor do governo é puramente militar e deverá ser assim.”:

Aristides Lobo, na célebre carta ao Diário Popular de São Paulo, datada de 18 novembro, confessa que “a colaboração civil foi quase nula” e que “o povo assistiu àquilo bestializado, sem saber o que significava, julgando tratar-se de uma parada”. Era pois um movimento completamente alheio ao povo, foi típica e exclusivamente um levante militar. A população de nada sabia. (Basbaun, 1968, p. 18).

Assim, podemos concluir que os eventos da Proclamação, conflitos e consolidação da República no Brasil, refletiam interesses de grupos oligárquicos, afastando o povo do centro das decisões e dos interesses da República que fora instalada.

Mesmo a profunda análise das circunstâncias as quais a República foi proclamada não ser objetivo da presente pesquisa, é a proclamação que abre espaço para disputas políticas antes silenciadas no período monárquico, mas agora vão emergir. Por isso é necessário entender e evidenciar a contextualização do tema central da pesquisa com esse evento. Vários grupos antagonizavam interesses na condução do processo de construção da República:

As tensões deram-se tanto no âmbito da condução do processo econômico (apoio ou não à política econômico-financeiro “encilhamento”) quanto do processo político (república autoritária X república “liberal” federativa). As questões desdobravam-se ainda em cisões regionais (tensão centro X periferia) e em divisões corporativas (Exército X Armada), tendo ainda como complemento a presença de novos interesses sociais que começavam a aparecer na sociedade brasileira (empresários industriais X operariado). (Pesavento, 1983, p. 8-9).

Em âmbito regional riograndense, essas tensões e antagonismos, associados ao modelo autoritário de governo de Floriano Peixoto e suas intervenções na política local, gerariam o violento conflito armado da Revolução Federalista. É importante aprofundar mais algumas explicações para entender esse processo.

Ao liderar a proclamação da República, Marechal Deodoro da Fonseca³ é escolhido, mesmo adoecido, para liderar provisoriamente o novo regime. Em 24 de fevereiro de 1891 a Constituição da República foi promulgada, Deodoro é eleito indiretamente presidente e Marechal Floriano Peixoto⁴ como seu vice-presidente. Desde muito cedo, o governo Deodoro já começa a dar sinais de desgaste.

Dentre todas as novas medidas da Constituição de 1891, é importante citar o artigo 42, que exigia novas eleições, convocadas pelo vice-presidente em caso o presidente da República não cumprisse pelo menos metade do seu mandato:

Art 42 – Se no caso de vaga, por qualquer causa, da Presidência ou Vice-Presidência, não houverem ainda decorrido dois anos do período presidencial, proceder-se-á a nova eleição. (Brasil, 1891, s.p.). Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm acesso dia 13 de fevereiro de 2024.

Importante destacar esse artigo 42 da primeira constituição da República, pois Deodoro vai renunciar antes da metade do mandato, assim, ao assumir o governo, o vice, Floriano Peixoto, não vai convocar novas eleições, assumindo uma postura autoritária de governo, desencadeando o processo que culminaria na Revolução Federalista no Rio Grande do Sul. A sua permanência no poder geraria muitas opiniões e debates sobre a legalidade dos seus atos e sobre a necessidade de consolidação da República. Tudo isso contribuiu para acirrar os ânimos que se tornavam mais tensos e levariam o país à barbárie.

-
- 3 Militar, nascido na cidade de Alagoas, atual Marechal Deodoro, estado de Alagoas, em 5 de agosto de 1827. Coursou Artilharia na Escola Militar do Rio de Janeiro (1843-1847). Durante o Império participou da brigada expedicionária ao rio da Prata, do cerco a Montevideu e da Guerra do Paraguai, onde comandou o 2º Batalhão de Voluntários da Pátria, além de ter combatido a Revolta Praieira em Pernambuco. Recebeu a comenda no grau de Cavaleiro da Ordem do Cruzeiro em 1866, e no ano seguinte a Medalha do Mérito Militar. Comandante das Armas do Rio Grande do Sul (1883-1888), foi também presidente da província (1885-1888). Elegeu-se o primeiro presidente do Clube Militar (1887-1889), comandando os setores antiescravistas do Exército. Foi nomeado comandante das Armas da província do Mato Grosso em 1888, regressando ao Rio de Janeiro no ano seguinte, onde assumiu a chefia do governo provisório da República em 15 de novembro de 1889. Por meio de eleição indireta, passou a exercer a presidência em 25 de fevereiro de 1891. Faleceu no Rio de Janeiro em 23 de agosto de 1892. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/deodoro-fonseca/biografia>. Acesso em 25 mar. 2025.
- 4 Militar, nascido em Ipioca, atual Floriano Peixoto, estado de Alagoas, em 30 de abril de 1839. Formado em engenharia, participou da Guerra do Paraguai e foi presidente da província de Mato Grosso. Alinhado com os setores antiescravistas do Exército, destacou-se no processo de instauração da República, passando a exercer a vice-presidência em 25 de fevereiro de 1891. Com a renúncia de Deodoro da Fonseca, assumiu a presidência da República em 23 de novembro de 1891. Faleceu na cidade de Divisa, estado do Rio de Janeiro, em 26 de junho de 1895. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/floriano-peixoto/biografia>. Acesso em 25 mar. 2025.

A manutenção de Deodoro da Fonseca no comando do executivo, representava uma vitória positivista, tendia a atender interesses militares e a construção de uma República militarista e autoritária. No entanto, o decreto e promulgação da Constituição de 1891, com características liberais, pelo congresso, representavam uma vitória ideológica do liberalismo, refletiam a participação oligárquica na construção dos primeiros anos do regime republicano no Brasil, esse dualismo é mais um exemplo das várias tensões que caracterizam os primeiros anos da República (Pesavento, 1983).

Com a República instalada, com a plena vigência da Constituição, são eleitos, indiretamente, Deodoro da Fonseca como primeiro presidente, mas o vice-presidente eleito foi o representante da chapa opositora de Deodoro, Floriano Peixoto, um resultado que também dificulta a solidificação do novo modelo político e cria novas tensões, agora entre Deodoro e os “casacas”:

A antipatia entre Deodoro e os “casacas” (civis) era recíproca em razão de seu afastamento dos interesses dos cafeicultores paulistas, e o seu mandato constitucional foi marcado por atitudes autoritárias de sua parte, homem acostumado com a disciplina dos quartéis. Em verdade, o pacto circunstancial realizado pelos parlamentares para a primeira eleição presidencial desagradou os setores que se intitulavam “defensores do 15 de novembro”, como as oligarquias regionais, os ex-liberais, os republicanos históricos e militares não-positivistas. Tais setores passaram a fazer oposição sistemática a Deodoro. Oportunista, Floriano aderiu a esse bloco de descontentes. (Sêga, 2008, p. 65-66).

Sêga continua comparando e aproximando os acontecimentos nacionais aos regionais, ocorridos no Rio Grande do Sul, pois um antigo rival de Deodoro, Gaspar da Silveira Martins⁵, que um dia havia sido exilado do Brasil, retorna ao país e

5 Nasceu no Departamento de Serro Largo, Melo, no Uruguai, em 5 de agosto de 1835, na fazenda Asseguá, pertencente ao seu avô. Era filho de Carlos Silveira Moraes Ramos e de Maria Joaquina das Dores Martins, cujo pai era dono de estâncias na região fronteira entre Uruguai e Brasil. Ingressou na Faculdade de Direito do Recife, onde realizou parte do curso (1852-1854), transferindo-se para a Faculdade de Direito de São Paulo, em que bacharelou em 1856. Iniciou a vida política no Rio Grande do Sul. Liberal e monarquista, participou da criação do Partido Liberal Histórico (PLH). Em Porto Alegre, fundou o jornal *A Reforma* (1862), que seria um dos principais veículos propagandistas dos federalistas gaúchos. Participou da organização do Partido Federalista (PF), no Congresso de Bagé, que reuniu dissidentes do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), de inspiração positivista, que defendia o sistema de governo parlamentarista e opunha-se ao presidente do estado do Rio Grande do Sul Júlio Prates de Castilhos. Foi um dos líderes da Revolução Federalista (1893-1895), em que se confrontavam federalistas, os chamados gasparistas ou maragatos, e republicanos, denominados castilhistas ou pica-paus. Permaneceu na região da fronteira entre Brasil, Argentina e Uruguai durante o conflito, de onde liderou ações e articulou apoio político contra as tropas federais. Derrotada a Revolução Federalista, em 1896 organizou um novo congresso do Partido Federalista, em que mantinha as bandeiras de luta pelo parlamentarismo e por um Estado unitário federal, em oposição

começa uma campanha de oposição ao governo federal estabelecido e ao seu principal opositor regional, Júlio de Castilhos:

Silveira Martins passou a fazer severas críticas tanto ao marechal Floriano, como a Júlio de Castilhos, que, mesmo afastado da presidência do Rio Grande do Sul, continuava sendo o homem forte do Estado. Martins propunha a instalação de uma república parlamentarista aos moldes do Império, idéias que não agradaram nem um pouco a Floriano. (Sêga, 2008, p. 66).

Ou seja, o quadro de rivalidades e disputas políticas estava cada dia maior em âmbito nacional e regional. Além das disputas no campo político, a instalação da República reacende antigas diferenças e faz emergir novos interesses conflitante:

Paralelamente a tensões de ordem regional, mais antigas, mas agora revitalizadas (café X grupos agrários regionais), manifestam-se tensões entre os interesses da oligarquia proprietária de terras, por um lado, e os do emergente empresariado industrial, por outro. (Pesavento, 1983, p. 21).

No entanto, é importante lembrar que todo esse quadro ainda é elaborado por disputas elitistas da sociedade brasileira daquela época. O povo ficou às margens desse processo, esses arranjos são: ou de manutenção de privilégios econômicos da época do império; ou para favorecimento de uma nova elite, nesse caso, industriais. O jogo político se torna mais tenso com personagens que se envolvem e atuam cada vez mais em favor desses grupos econômicos ou em defesa de suas ideologias, como bem observou Pesavento (1983, p. 25) “Acrescente-se a estas questões a estruturação propriamente dita do novo regime político a seguir: se uma República autoritária e centralizada ou uma República ‘liberal’ federativa”.

Sendo assim, podemos entender que, por trás da aparente instalação republicana pacífica, muitos interesses estavam entrando em conflito, no entanto, cabe perguntar: Qual é o conjunto de acontecimentos que contribuíram para que as rivalidades chegassem ao extremo e como esses acontecimentos se encontram com o tema dessa pesquisa? Quando vai ocorrer a “gota d’água”, que desencadeia o início dos conflitos no Rio Grande do Sul?

à Constituição de 1891. Aos poucos se afastou da vida política, fixando residência na estância do Rincão do Pereira, no Departamento de Tacuarembó, no Uruguai. Morreu em Montevideu, Uruguai, em 23 de julho de 1901. Disponível em: <https://mapa.an.gov.br/index.php/assuntos/79-producao/70-biografias/835-gaspar-da-silveira-martins>. Acesso em 25 mar. 2025.

A pesquisa indica que o autoritarismo de Deodoro, associado a sua falta de habilidade política com o novo regime republicano marca o início dos conflitos em esfera nacional, os antagonismos entre Deodoro e o Congresso Nacional chegam ao extremo, em 3 de novembro de 1891, Deodoro dissolve o Congresso. A historiografia não apresenta consenso sobre os motivos do desgosto entre Deodoro e o Congresso, para David Carneiro (2004, p. 25), seguindo sua linha de narrativa, que enaltece os militares, principalmente Floriano, a antipatia entre Deodoro e o Congresso se deu devido ao orgulho de Deodoro, que foi friamente recebido na sua posse, enquanto Floriano foi muito mais prestigiado, dessa maneira, quando Deodoro sofre derrota ao tentar uma reforma ministerial, ocorre o golpe contra o Congresso. Segundo Silva (2005, p. 190), o Congresso tramitou um projeto prevendo o *impeachment* do presidente, mas foi vetado, seguido da dissolução do próprio Congresso. Para Pesavento (1983, p. 75-76), os políticos civis queiram se precaver, tentar aprovar leis para atribuir responsabilidades ao representante do poder executivo, para aumentar os poderes do legislativo frente ao executivo, assim, Deodoro reage dissolvendo o Congresso. Segundo Fausto (2006, p. 254), o Congresso levanta suspeitas de que o executivo tentou a substituição do ministério para reforçar o poder executivo, aos moldes do antigo sistema monárquico e do poder moderador⁶, devido a reação do Congresso, ocorre sua dissolução. Para Sêga (2008, p. 67), Deodoro tinha minoria no congresso, assim, o poder executivo se sentia acoado, alegando boa fé, o presidente toma medidas polêmicas, como concessão de obras sem licitação e substituição de presidentes de Estados, o que contrariava a opinião do Congresso e gerava mais reações contrárias, por isso, Deodoro dissolve o Congresso.

Na sequência dos eventos, Deodoro não consegue sustentar seu golpe, pois lhe faltou apoio das Forças Armadas, essas se demonstraram contrárias ao golpe do presidente, principalmente a Marinha, liderada pelo Almirante Custódio de Melo⁷, que

6 O Poder Moderador foi um princípio estabelecido na Constituição de 1824 do Brasil, outorgada por Dom Pedro I, que conferia ao imperador a autoridade suprema para garantir o equilíbrio entre os três poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário). Inspirado no pensamento de Benjamin Constant [o escritor e político franco-suíço], o Poder Moderador permitia ao monarca dissolver a Câmara dos Deputados, nomear senadores e intervir diretamente nos demais poderes, o que concentrava grande poder nas mãos do imperador e caracterizava o regime como uma monarquia constitucional, mas com forte traço absolutista (Carvalho, 2007. p. 371).

7 Nasceu em Salvador, Bahia, em 9 de junho de 1840. Era filho do tenente-coronel José Francisco e Melo e de Maria Rosa Moreira da Silva. Iniciou sua carreira militar em 1856, quando ingressou na Marinha como aspirante a guarda-marinha. Participou da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), que reuniu Brasil, Argentina e Uruguai contra as forças paraguaias de Solano López. Com

promove um levante da Marinha⁸ contra Deodoro. Cansado, adoecido, para evitar uma guerra civil (o que é uma grande ironia, pois é justamente o aconteceria futuramente no Brasil), em 23 de novembro de 1891, Deodoro da Fonseca renunciou.

Deodoro vai renunciar à presidência, assumindo o vice, Floriano Peixoto. A permanência de Floriano no poder, as políticas, alianças de Floriano, mas principalmente a intervenção nas políticas regionais, fazem com o que os rancores e ódios políticos se manifestem, como o início de batalhas no Rio Grande do Sul.

Como citado anteriormente, o artigo 42 da Constituição de 1891, com a renúncia de Deodoro, previa que o vice-presidente deveria convocar novas eleições, no entanto, Floriano consegue permanecer no poder, segundo Sêga, Floriano usa uma artimanha de interpretação da lei, alegando excepcionalidade em seu caso:

Floriano a princípio nem se preocupou com esse dispositivo constitucional, alegando que seu caso era excepcional, pois, as “Disposições Transitórias” que fixaram a eleição indireta dele e de Deodoro previam que *“o presidente e o vicepresidente eleitos na forma deste artigo (via indireta) ocuparão seus cargos por quatro anos”*; dessa feita, para ele seu mandato era legal até o final do período previsto para Deodoro em 1894. (Sêga, 2008, p. 70).

No entanto, a legalidade do caso deveria ser discutida no congresso:

a Proclamação da República, foi eleito deputado federal para a Assembleia Nacional Constituinte (1890-1891) e a legislatura ordinária (1891-1893), pelo estado da Bahia. Em 3 de novembro de 1891, em meio a uma grave crise política, o presidente Deodoro da Fonseca fechou o Congresso e decretou o primeiro estado de sítio após a promulgação da Constituição. Liderou unidades da Marinha que ameaçaram bombardear a cidade do Rio de Janeiro, no que ficou conhecido como Primeira Revolta da Armada e resultou na renúncia do marechal Deodoro, tendo assumido a presidência Floriano Peixoto. Demitiu-se do Ministério da Marinha por discordância com o governo e liderou um grupo de altos oficiais na oposição a Floriano Peixoto, exigindo a convocação de eleições presidenciais, conforme disposto na Constituição. Conduziu, ao lado dos almirantes Eduardo Wandenkolk e Luís Filipe Saldanha da Gama, a Revolta da Armada (1893-1894), cujos bombardeios obrigariam o governo do estado a transferir sua sede de Niterói para a cidade de Petrópolis. Avançou para o sul para tentar uma aliança com as forças de Gaspar Silveira Martins, que liderava a Revolução Federalista (1893-1895) contra o presidente do estado Júlio de Castilhos, apoiado pelas tropas federais. Derrotada a Revolta da Armada, pela baixa adesão popular e forte oposição no Exército, parte dos revoltosos se asilaram em navios portugueses, que acompanhavam o conflito. Morreu no Rio de Janeiro, em 15 de março de 1902. Disponível em: <https://mapa.an.gov.br/index.php/ultimas-noticias/1000-custodio-jose-de-melo>. Acesso em 25 mar. 2025.

- 8 Iniciada em 1893, a Revolta da Armada teve seus antecedentes dois anos antes, em 3 de novembro de 1891, quando o primeiro presidente da República, marechal Deodoro da Fonseca, sem conseguir negociar com as bancadas dos estados, especialmente os produtores de café (São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais), fechou o Congresso Nacional. Unidades da Marinha se sublevaram e, sob a liderança do almirante Custódio José de Melo, ameaçaram bombardear o Rio de Janeiro. Para evitar uma guerra civil, em 23 de novembro Deodoro renunciou. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REVOLTA%20DA%20ARMADA.pdf>. Acesso em 25 mar. 2025.

Essa artimanha gerou debates exaustivos nos jornais e no Congresso, órgão competente para a solução da pendência, e este manifestou-se pela permanência de Floriano na presidência até 1894. Evidentemente, essa era uma decisão mais política do que jurídica, e outra vez os paisanos arrefeciam frente aos acenos de intervenção militar. (Sêga, 2008, p. 70).

O governo de Floriano é marcado por contradições, tanto em alinhamento ideológico, quanto em bases de apoio e medidas políticas, na visão de Boris Fausto:

O marechal Floriano encarnava uma visão da República não identificada com as forças econômicas dominantes. Pensava construir um governo estável, centralizado, nacionalista, baseado sobretudo no exército e na mocidade das escolas civis e militares. Essa visão chocava-se com a da chamada "República dos Fazendeiros", liberal e descentralizada, que via com suspeitas o reforço do Exército e as manifestações da população urbana do Rio de Janeiro. Mas, ao contrário do que se poderia prever, houve na presidência de Floriano um acordo tácito entre o presidente e o PRP. As razões básicas para isso foram os riscos, alguns reais, outros imaginários, que corria o regime republicano. A elite política de São Paulo via na figura de Floriano a possibilidade mais segura de garantir a sobrevivência da República, a partir do poder central. Floriano, por sua vez, percebia que sem o PRP não teria base política para governar. (Fausto, 2006, p. 254).

Medidas políticas em seu início de governo, se contradizem e produzem uma figura enigmática de Floriano Peixoto, uma “esfinge”⁹, em primeiro lugar, é a restauração do congresso fechado por Deodoro, no golpe de 3 de novembro de 1891, o que transmite uma ideia de governo democrático, mas interfere fortemente nos governos estaduais, em especial, naqueles que haviam declarado apoio ao golpe de 3 de novembro de 1891, muito por oposição que faziam à ascensão de Floriano ao poder:

Como primeiras medidas, Floriano reabriu o Congresso, decretou a liberdade de imprensa e, valendo-se do artigo 6º da Constituição, substituiu as situações estaduais que haviam apoiado o golpe de Deodoro. Com relação ao Rio Grande do Sul, contudo, sua atuação dependeu do rumo tomado pelo processo político regional. (Pesavento, 1983, p. 78).

No entanto, heterogênea também era a condição das Forças Armadas do Brasil, provocando outro efeito, envolvendo a polêmica posse de Floriano: O Manifesto dos treze generais, que foi o pedido de muitos líderes militares em

9 Descrição de Euclides da Cunha, em seu ensaio *Marechal de Ferro*, parte do livro *Contrastes e Confrontos*, Euclides da Cunha (2013) descreve Floriano Peixoto como uma figura enigmática, autoritária e impenetrável, comparando-o a uma “esfinge”.

convocar novas eleições, no entanto, a reação de Floriano foi enérgica, uma clara demonstração do seu autoritarismo, que se tornaria cada vez mais habitual. Segundo Sêga, esse é um dos motivos para desencadear uma nova Revolta da Armada:

A Revolta da Armada foi uma das rebeliões militares mais sérias que Floriano enfrentou em seu período presidencial. As ironias do destino fizeram com que o mesmo almirante que havia garantido sua posse, Custódio de Melo, agora ministro da Marinha, pedisse exoneração do cargo e comandasse um segundo levante da marinhagem. Custódio alegava a mesma justificativa anterior: desrespeito à Constituição, pois, para ele, Floriano havia se tornado um “ditador”, e clamava pela deposição do presidente e por eleição para o primeiro mandatário da República, na qual o próprio Custódio tinha pretensões eleitorais. (Sêga, 2008, p. 71).

O Rio Grande do Sul era reflexo regional de toda essa tensão política nacional. Desde a proclamação da República, diversas rivalidades se manifestam no Rio Grande do Sul, envolvendo questões locais e da política nacional, fazendo que no Rio Grande do Sul, essas manifestações terminassem em guerra. É necessário lembrar que conservadores e liberais fazem uma aliança, em oposição aos históricos republicanos, como explica Westphalen:

Ali, conservadores e liberais, chefiados pelo general Silva Tavares (Joca Tavares), no exílio do líder liberal, chefe indiscutível da oposição local, Gaspar Silveira Martins, se haviam fundido no Partido Nacional Federalista, enquanto que os republicanos históricos, liderados pelo jovem político, Júlio de Castilhos, entranhado da filosofia positivista, arregimentavam-se no Partido Republicano. (Westphalen, 1969, p. 189).

A disputa pelo poder regional no Rio Grande do Sul passa por processos de eleições, governos provisórios, golpes, e pelo chamado “governicho”:

O tempo em que os republicanos dissidentes controlaram a situação política no Rio Grande foi chamado pejorativamente pelos castilhistas de “governicho”. Ao ser deposto, Castilhos dissera que entregava o poder “à anarquia”. Durante os conturbados meses em que a oposição governou, o PRR [Partido Republicano Rio-grandense] foi incansável no seu ataque à situação estadual, preparando a volta de Castilhos ao poder. (Pesavento, 1983, p. 79).

É com essa instabilidade política, tanto regional, quanto nacional, que Floriano Peixoto vai legitimar Júlio de Castilhos¹⁰ no governo do Rio Grande do Sul:

10 Nasceu na fazenda da Reserva, no município de Cruz Alta, depois Vila Rica, e atualmente denominado Júlio de Castilhos, no Rio Grande do Sul, em 29 de junho de 1859. De família

Para Floriano, a situação no sul se revelava sobre muitas opções: apesar de Castilhos ter dado apoio ao golpe de Deodoro, a alternativa federalista lhe parecia inviável, com tendências restauracionistas. Desta forma, quando, em 17 de junho de 1892, com o apoio da Guarda Cívica de Porto Alegre e de seus correligionários, Castilhos retomou ao poder no Rio Grande do Sul, Floriano legitimou o golpe.

Restaurava-se, assim, a aliança do PRR [Partido Republicano Rio-grandense] com os militares, identificadas ambas as posições com a consolidação da República. (Pesavento, 1983, p. 82).

O início da Revolução Federalista no Rio Grande do Sul está relacionado ao envolvimento de Floriano Peixoto na Política local, ao indicar o nome de Castilhos

tradicional, cujas posses eram provenientes da pecuária e do comércio de muare, era filho do comendador Francisco Prates de Castilhos e de Carolina Prates de Castilhos. Em 1877, ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo, período em que se aprofundou na filosofia positivista de Augusto Comte, com a qual tivera contato ainda em Porto Alegre. Em 1882, já formado, retornou ao seu estado natal e atuou como advogado em Porto Alegre, além de filiar-se à campanha republicana mobilizada em torno do Clube Republicano, fundado em 1872. Participou da criação, em 23 de fevereiro de 1882, do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR). Após a Proclamação da República foi secretário do Interior do governo provisório do Rio Grande do Sul, do marechal José Antônio Correia da Câmara, visconde de Pelotas, nomeado por Deodoro da Fonseca, do qual se afastaria em pouco tempo. Em meio à crise política do poder local, foi convidado pelo presidente da República a assumir o governo do estado, tendo indicado para o seu lugar o general de divisão Júlio Anacleto Falcão da Frota, membro do PRR. Assumiu o cargo de primeiro vice-governador, tendo Antônio Gonçalves de Farias como segundo vice-governador, e ocupou ainda a Superintendência dos Negócios do Interior. Em nova crise política, exonerou-se do cargo, ao lado de correligionários do PRR, por divergências com o governo central, tendo sido eleito deputado para a Assembleia Constituinte (1890-1891). Integrou a chamada Comissão dos 21, encarregada de dar parecer sobre a Constituição provisória, composta por um representante de cada estado. Apoiou a candidatura do marechal Deodoro da Fonseca, eleito presidente pelo Congresso Constituinte, logo após promulgada a Constituição, o que causou dissidência de integrantes do PRR, que apoiaram o representante do Partido Republicano Paulista (PRP) Prudente José de Moraes e Barros. Participou da comissão reunida para elaboração do projeto da Constituição estadual, ao lado de Ramiro Fortes de Barcelos e Joaquim Francisco de Assis Brasil, tendo este último se recusado a assinar o projeto por desacordo com o que foi apresentado. Promulgada a Constituição estadual em 14 de julho de 1891, foi eleito governador do estado na mesma sessão. Em 12 de novembro de 1891, renunciou ao governo do estado por seu alinhamento ao marechal Deodoro da Fonseca, em virtude do golpe de 3 de novembro, que fechou o Congresso Nacional e instaurou o estado de sítio. Com a renúncia de Deodoro da Fonseca, assumiu o vice-presidente Floriano Peixoto, que o reconduziu ao governo do estado em 1892, após um acordo político para impedir o avanço das forças de apoio de Gaspar Silveira Martins, líder do Partido Federalista do Rio Grande do Sul (PFR). Renunciou ao cargo, transferido ao vice-presidente do estado, Vitorino Carneiro Monteiro, que convocaria novas eleições estaduais. Foi mais uma vez eleito para o governo do estado, assumindo em janeiro de 1893. Durante seu governo enfrentou a Revolução Federalista (1893-1895), que atingiu os estados do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, em que se confrontaram federalistas, os chamados *gasparistas* ou *maragatos*, e republicanos, denominados *castilhistas* ou *pica-paus*. O conflito foi controlado somente no governo de Prudente de Moraes (1894-1898), com a vitória das tropas federais, a assinatura do tratado de paz, em 23 de agosto de 1895, e a anistia aos revoltosos. Continuou no exercício do cargo até 1898, elegendo seu sucessor político, Antônio Augusto Borges de Medeiros. Manteve-se na direção do PRR, tendo sido um dos mais proeminentes líderes políticos do estado. Morreu em Porto Alegre, em 24 de outubro de 1903. Disponível em: <https://mapa.an.gov.br/index.php/assuntos/79-producao/70-biografias/996-julio-prates-de-castilhos>. Acesso em 25 mar. 2025.

para governar o Rio Grande do Sul, provocando as movimentações militares de Gumerindo Saraiva:

Formalmente, a Revolução Federalista tem como baliza inicial a invasão de uma coluna de maragatos de Gumerindo Saraiva (1851–1894) ao Rio Grande do Sul em 05 de fevereiro de 1893, quando, vindos de Aceguá, no Uruguai, eles transpuseram a fronteira e acamparam em um capão em Ana Correia, próximo ao rio Jaguarão, no município de Bagé. E o marco de encerramento mais difundido é a assinatura do *Armistício de Piratini*, firmado entre republicanos e federalistas em 23 de agosto de 1895, lavrado no município de Pelotas. (Sêga, 2008, p. 87).

No entanto, para Pesavento (1983, p. 86) “A 2 de fevereiro de 1893, deu-se a primeira invasão, quando os revoltosos, vindos do Uruguai, pretenderam tomar a cidade de Bagé. Começava a Revolução Federalista.” As datas e marcos temporais referentes ao início e fim da Revolução Federalista, ainda são alvos de discussões e problematizações na historiografia, pesquisas indicam que o armistício não foi suficiente para encerrar as mágoas do conflito entre os gaúchos. Dessa forma, o que pretendemos deixar bem claro nesta parte da pesquisa, é o entendimento de que são os diversos interesses políticos, que surgem no processo de transição da Monarquia para a República, que provocam as rivalidades no Rio Grande do Sul, promovendo assim, a guerra e os quadros de barbárie, como apresentou em sua dissertação, Marcelo de França Oliveira:

A Revolução Federalista foi um dos maiores e mais dramáticos conflitos armados ocorridos na história do Brasil, contabilizando, segundo a maioria dos historiadores e pesquisadores do tema, algo em torno de 10 a 12 mil mortos nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, entre os anos de 1893 e 1895. A Revolução não deve, contudo, ser reduzida apenas a este curto período temporal, uma vez que seus antecedentes remontam a antigas rivalidades arrefecidas a partir da instauração da república no Brasil (e o seguinte apeamento dos antigos mandatários liberais do poder local), bem como não se pode considerar totalmente encerrada após o armistício de 1895. Ainda que o conflito armado seja normalmente estudado sob os enfoques econômico e social, sobretudo o fator *violência*, que majoritariamente é destacado quando se trata de Revolução Federalista (Oliveira, 2014 p.31).

Também é importante ressaltar que os grupos que entraram em conflito ganharam denominações, ou, identidades. Os grupos em beligerância criam representações de desqualificação para os seus opositos, sendo elas: os revoltosos

contra o governo *castilhista*¹¹ e a centralização florianista, os “Federalistas”, são contrários aqueles que querem a manutenção de Júlio de Castilhos no poder do Rio Grande do Sul, assim como, aqueles que defendem a manutenção de Castilhos no poder do Rio Grande do Sul e de Floriano no poder do governo federal, os “Legalistas”, ou ainda, como explica Sêga, os grupos antagonistas vão identificar um ao outro com alcunhas pejorativas:

O termo “maragato” adquiriu uma feição muitas vezes pejorativa e podia designar “pessoa desqualificada” ou “castelhano”, que usava bombacha e tinha fama de desordeiro. Sua origem é controversa, mas a hipótese mais aceita faz retroceder a uma região na Espanha, *La Maragataria*, região povoada durante a dominação moura por berberes da região do *Maragath*, no Egito. Para os uruguaiois, o termo designava as pessoas oriundas do departamento de San José, descendentes dos maragatos espanhóis. (Sêga, 2008, p. 91).

Entre os chamados federalistas, os inimigos eram chamados, também com conotação pejorativa, de “chimangos”, pois:

Já a origem do termo “chimango” vem de “pássaro ruim para caça e não merece chumbo” e que, durante a Revolução Farroupilha, designava liberais moderados, ou de centro. As tropas federais passaram a ser conhecidas por “pica-paus”, em razão do uniforme azul e do barrete vermelho. (Sêga, 2008, p. 91).

Os apelidos pejorativos demonstram mais do que rivalidade no campo político, demonstram também rivalidade identitária e de representações, que podemos definir como a grande problemática da nossa pesquisa, desse modo, vemos o papel da linguagem e da narrativa na construção dos eventos históricos, neste caso, o inimigo, ao ser desqualificado por meio da linguagem, vai ganhar uma determinada representação pela narrativa oposta. Nas representações investigadas nesta pesquisa, frutos da narrativa de David Carneiro, veremos a representação do maragato como “inimigos”, não apenas dos republicanos, mas também do Brasil, dos brasileiros, isso quando são contemplados na narrativa e não sofrem desvalorização ou apagamentos, no entanto, isso será problematizado em momento mais apropriado.

11 Castilhismo é o termo usado para identificar aqueles que defendiam e apoiavam Júlio de Castilhos, por tanto, seu nome é referência para identificar a corrente política de apoio a Castilhos, Castilhista, é o adepto a apoiar ou defender o castilhismo.

As diferenças entre os grupos se transformam em extremismos. A violência entre os soldados no campo de batalha toma forma de barbárie. O conflito que se instalou vai receber várias denominações e também fica conhecida pela violência das degolas:

no final de 1893, uma força governista foi dominada por Joca Tavares às margens do Rio Negro, nas proximidades de Bagé, onde ocorreu uma das maiores atrocidades de todo o período. Na noite de 24 de novembro, cerca de trezentos dos mil prisioneiros foram executados por degola. Mas essa chacina não passaria incólume. Alguns meses depois, um general castilhista, Firmino de Paula, se vingou exterminando um número quase igual de maragatos em Boi Preto. (Sêga, 2011, p. 50).

A prática da degola, por ambos os grupos, mostra importantes características da Revolução Federalista em território riograndense, por exemplo, o uso da degola como representação de desprezo pela vida do antagonista, por isso, identificamos na prática da degola uma consequência da Revolução Federalista, a desumanização dos envolvidos nos atos dessa violência, gerando um grande impacto psicológico nas tropas adversárias, que, por sua vez, retribuía o ato de barbárie, gerando um ciclo terrível de violência:

O certo é que de ambos os lados generalizou-se a prática da “degola”, forma de execução rápida e barata, uma vez que não requeria o emprego de arma de fogo. Consistia, na sua maneira mais usual, em matar a vítima tal como se procedia com os carneiros: o indivíduo era coagido a, de mãos atadas nas costas, ajoelhar-se. Seu executor, puxando sua cabeça para trás, pelos cabelos, rasgava sua garganta, de orelha à orelha, seccionando as carótidas, com um rápido golpe de faca.

Uma vez desencadeada a violência, a barbárie se deu num crescendo. A cada piquete aprisionado e degolado, o adversário vingava-se com uma atrocidade maior.

Ainda hoje, no Rio Grande, uma expressão popular lembra esta prática sanguinária. Quando se quer significar que uma coisa não vale a pena, diz-se “isso é gastar pólvora em chimango!”. Chimango, no caso, foi a alcunha que os republicanos receberam na época de Borges de Medeiros, sucessor de Júlio de Castilhos no governo do Rio Grande. Quanto ao “gastar pólvora”, significa — na concepção de um maragato — que, para dar cabo de um republicano, não valia a pena gastar um tiro; vai na faca mesmo, que é mais simples e barato... (Pesavento, 1983, p. 89-90).

Outra problematização interessante para refletir neste momento, faz parte das narrativas sobre a Revolução Federalista, ou, sobre como as diversas narrativas vão tentar representar diferentes ideias do que foi o conflito, é o Sêga chama de “Trama Episódica”:

Autores como Sérgio da Costa Franco, Davis Ribeiro de Sena e o coronel Cláudio Moreira Bento insistem em nomeá-la “*Guerra Civil*”, e outros, como o general José Cândido da Silva Muricy, Moacyr Flores, Hilda Agnes Hübner Flores, Angelo Dourado, Wenceslau Escobar e Euclides B. de Moura, em “*Revolução de 1893*”. Alguns autores paranaenses chamam-na de “*Revolução de 1894*”, porque esse foi o ano no qual os federalistas ocuparam o Estado. (Sêga, 2008, p. 86).

Como já foi visto, vamos trabalhar no presente estudo a denominação mais conhecida dessa série de conflitos, Revolução Federalista, pois essa denominação também faz parte da narrativa de David Carneiro, mas a situação colocada naquele momento também pode ser bem-aceita como uma guerra civil (Oliveira, 2024).

Com todo extremismo, paixões alvoroçadas, a luta violenta, tal qual foi no Rio Grande do Sul, ruma sentido Santa Catarina e Paraná. As rivalidades entre Exército e Marinha também se acentuaram com Floriano e seu projeto autoritário de permanecer no poder. Ao longo de 1893, ocorre a Segunda Revolta da Armada (lembrando que a primeira revolta da Marinha contra o governo/exército ocorre quando Deodoro tentou aplicar um golpe, tentando dissolver o congresso, em novembro de 1891), essa nova revolta se envolve com a Revolução Federalista, dando nova projeção ao conflito (Pesavento, 1983, p. 92).

Com a marinha revoltada (sob o comando de Custódio de Melo) e sua associação aos federalistas, os maragatos atingem Santa Catarina, sua capital, Desterro, é ocupada e vira porto da marinha rebelada, assim, por mar e por terra, a marcha da Revolução Federalista vai chegar ao território do Paraná.

Uma das obras mais importantes sobre a Revolução Federalista, que compõem a nossa análise historiográfica se chama *A Revolução Federalista* (1983), da historiadora e professora gaúcha Sandra Jatahy Pesavento. Nesse trabalho, Pesavento constrói toda uma contextualização do momento político e econômico da transição da Monarquia para a República, quando divergências vão gerar rivalidades, que se intensificam, desse modo, essas rivalidades provocam uma guerra com muita violência, no entanto, o foco principal da obra é apresentar o quadro político, econômico e social do Rio Grande do Sul em relação ao quadro nacional, assim, em seu trabalho, Pesavento contribui para o debate historiográfico, explicando as complexas divergências entre interesses, principalmente econômicos e políticos locais, são os principais motivos para a guerra se estabelecer. Pesavento apresenta uma importante conjuntura, de forma muito competente e imparcial sobre os citados eventos motivadores da Revolução federalista.

Não menos importante, é o conjunto de trabalho de Rafael Augustus Sêga, professor e historiador, autor de *Tempos Belicosos* (2008), um dos livros mais atuais referente ao tema da Revolução Federalista, diferente de Pesavento, que apresenta a conjuntura regional riograndense e sua relação com a conjuntura nacional, o trabalho de Sêga é importante para presente pesquisa por apresentar elementos historiográficos sobre a Revolução Federalista, não apenas no Rio Grande do Sul, mas também atingindo o Paraná. Além desse trabalho, Rafael Sêga também publicou o artigo *Revolução Federalista, 110 anos* (2004), onde temos acesso, indiretamente, a uma análise historiográfica bem completa sobre várias problemáticas propostas pela presente dissertação, entre elas cabe destacar os trechos do artigo intitulados de *A trama factual* (2004, p. 185) e *A urdidura historiográfica* (2004, p. 206). Em *A trama episódica*, Sêga problematiza as várias narrativas, tanto sobre a denominação, quanto a balizas temporais, para designar à Revolução Federalista. As narrativas apresentadas por Sêga são de cronistas, narradores contemporâneos ao conflito e também estudiosos, escritores e historiadores de épocas posteriores ao conflito. Sobre este ponto, temos divergências de opiniões na historiografia, onde segundo Sêga:

Podemos, então, reparar que a Revolução Federalista é um tema onde o consenso e a unanimidade de posições estão longe de serem alcançados. Acreditamos que isso aconteceu porque sua marca registrada foi a brutalidade. Todos os escritores contemporâneos às batalhas narraram o pavor e o assombro frente às sessões de degola dos vencidos. (Sêga, 2004, p. 187).

Em *A urdidura historiográfica*, Sêga nos apresenta um conjunto de trabalhos que o próprio Sêga julgou ser importante para construir uma linha de análise historiográfica. Assim, de forma indireta, vamos aproveitar essa análise preciosa de Rafael Sêga, que estabelece diálogo entre autores contemporâneos e posteriores aos eventos da Revolução Federalista, autores do Rio Grande do Sul, paranaenses e de outras diferentes origens.

Sêga nos ajuda a entender que é rica a variedade de discursos e explicações da chegada do conflito ao solo paranaense:

Não tivemos a pretensão de recriar a totalidade do passado com a “*pena de fogo*” de Ângelo Dourado, nem prover as gerações futuras com exemplos de vida, como pretendia Wenceslau Escobar, mas, a de proporcionar um cenário que tentasse explicar os motivos que levaram um grupo de

fronteiriços gaúchos a cavalo a galgar os Campos Gerais paranaenses, um lugar tão distante dos pampas e das querelas partidárias rio-grandenses. Como num tear, tentamos articular descrições com interpretações, no intuito de tecer uma rede que pudesse fornecer subsídios à explicação da chegada dos maragatos de Gumerindo ao Estado do Paraná. (Sêga, 2008, p. 121).

No Paraná, os revolucionários vão entrar em conflito na região de Tijucas do Sul e em Paranaguá. Vão atingir Curitiba, que não oferece resistência aos soldados de Gumerindo Saraiva, pois a chefia política e militar do estado resolveu transferir a capital para Castro, nos Campos Gerais, ficando assim, a cidade de Curitiba abandonada, no entanto, instalou-se uma junta de comerciantes e empresários, responsável por improvisar uma chefia civil da cidade, durante a ocupação dos maragatos, foi entregue a liderança de tal junta civil, a Ildefonso Pereira Correia, o Barão do Serro Azul¹².

Por fim, outro ponto de combates entre federalistas e legalistas acontece na Lapa, que fica sitiada, caracterizando, assim, o evento conhecido como Cerco da Lapa.

Os acontecimentos apresentados na introdução e na primeira parte da presente pesquisa, referentes a Revolução Federalista e ao Cerco da Lapa estão ligados a vida de David Carneiro, por isso, na sequência desta parte, vamos apresentar uma trajetória de vida e de formação intelectual de David Carneiro, entendendo como sua trajetória esta ligada aos acontecimentos relacionados aos primeiros anos de República, assim como, buscar uma explicação de como foi sua forma de produção historiográfica referente ao Cerco da Lapa.

12 Ildefonso Pereira Correia nasceu em 1849, na cidade de Paranaguá (PR). Apesar de sua formação acadêmica na área de humanidades, atuou profissionalmente como comerciante. Possuía um engenho de erva-mate e chegou a ser o maior exportador do produto no estado do Paraná. Depois de transferir suas atividades para Curitiba, instalou a infraestrutura necessária para o desenvolvimento da indústria da erva-mate e do café, o que lhe rendeu grande influência no meio empresarial. Também contribuiu para a modernização da cidade, fundando a imprensa paranaense. Em 1881, recebeu a comenda da Ordem da Rosa, em virtude de sua notável atuação pública, e em 1888 recebeu o título de barão de Serro Azul. Durante a Revolução Federalista (1893), que tinha como objetivo garantir um sistema federativo, em que os estados tivessem maior autonomia, um grupo de revolucionários gaúchos inconformados com a posse de Floriano Peixoto rumaram para o Rio de Janeiro, na tentativa de derrubar o presidente. Os maragatos, como eram conhecidos, saíram do Rio Grande do Sul, avançaram sobre Santa Catarina e chegaram a Curitiba. As tropas estavam prestes a atacar a cidade, quando o barão de Serro Azul concedeu um empréstimo de guerra aos federalistas e conseguiu evitar a invasão. Em razão de sua atitude, o barão foi considerado um traidor, acusado de colaborar com a Revolução Federalista. Foi fuzilado na estrada de ferro Paranaguá – Curitiba, em maio de 1894. Fonte: Agência Câmara de Notícias. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/67078-barao-de-serro-azul-pode-tornar-se-heroi-da-patria/>. Acesso em 25 mar. 2025.

Para isso, precisamos esclarecer perguntas como: Quem é David Carneiro? Qual era sua posição na sociedade curitibana do século XX? Qual é sua relação com a Revolução Federalista e o Cerco da Lapa? Qual é o seu lugar no ensino de História?

2.2 A TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE DAVID CARNEIRO

David Carneiro é um membro da elite social curitibana, herdeiro de uma linhagem familiar, economicamente estabelecida pela indústria da erva-mate (Oliveira, 2000), herdeiro de um nome que se repetiu por gerações¹³, nosso investigado, por exemplo, foi o quarto a usar o nome “David Carneiro”, é ligado ao movimento paranista, autodeclarado continuador do trabalho de Romário Martins, o pai do paranismo. Associado politicamente ao republicanismo, teve acesso à educação e formação militar, é justamente nas academias militares que David Carneiro se aproxima dos ideais da filosofia positivista, que orientará toda sua produção intelectual (Machado, 2012a).

“O último dos paranistas”, como assim intitulou Ricardo Oliveira (2001, p. 24), por grande influência do pai, o Coronel David Carneiro (terceiro dos David Antonio da Silva Carneiro), foi um grande entusiasta do republicanismo:

o Coronel David Antonio da Silva Carneiro (1879-1928), pai de David Carneiro, ao lembrar a data histórica da proclamação da República no Brasil ressaltou a missão do filho Vicota: dar mostras de civismo, servir ao próximo e trabalhar pela pátria, difundir exemplos morais e culturais para a construção de uma nova sociedade. Compreendia o pai que era necessário pregar os ideais republicanos, pois a República em que viviam não era a idealizada por Benjamin Constant, mas sim a que “abastardou o caráter, esmagou a justiça e arruinou o Brasil.”(Machado, 2012a, p. 21).

Segundo Machado (2012a), essa crítica feita à República que se instalou, pelo pai de David Carneiro, é uma herança que vem do David Carneiro avô, ou o segundo David Carneiro, referente ao assassinato sumário do Barão do Serro Azul,

13 Os “David Carneiro da Silva”: David Antonio da Silva Carneiro (1815-1862), bisavô do Carneiro intelectual vindo de Iguape, iniciou a tradição de batizar os primogênitos com seu nome. David Antonio da Silva Carneiro (1857-1928), avô do David Carneiro intelectual, aquele que entrou no negócio da erva-mate e se torna sócio do Barão do Serro Azul. David Antonio da Silva Carneiro (1879-1928), o Coronel Carneiro, pai do Carneiro intelectual, por fim, David Antonio da Silva Carneiro (1904-1990), o intelectual. David Carneiro da continuidade à tradição do bisavô, mas adiciona a indicação que esse seria seu filho, David Antonio da Silva Carneiro Júnior (1926-1997).

no entanto, não representava recusa, mas sim, um diferente entendimento de qual seria o modelo, ou o desenvolvimento ideal da República.

Ainda por influência do pai, a quem David Carneiro chamava de “tremendamente paranaense” (Machado, 1012a, p. 20), vem a grande paixão ao lugar de nascimento, ao ideário de Paraná que começa a ser construído no denominado “Movimento Paranista”, do início do século XX, que criou um conjunto de signos e símbolos representativos como tradicionais ao regionalismo paranaense. Para ilustrar melhor a ideia dos sentimentos paranistas, resgatamos a ideia de um de seus fundadores, Romário Martins:

Paranista é todo aquele que tem pelo Paraná uma afeição sincera, e que notavelmente a demonstra em qualquer manifestação de atividade digna, útil à coletividade paranaense [...] Paranista é aquele que em terras do Paraná lavrou um campo, cedeu uma floresta, lançou uma ponte, construiu uma máquina, dirigiu uma fábrica, compoz uma estrofe, pintou um quadro, esculpiu uma estátua, redigiu uma lei liberal, praticou uma bondade, iluminou um cérebro, evitou uma injustiça, educou um sentimento, reformou um perverso, escreveu um livro, plantou uma árvore. (Martins, 1946, p. 91).

Fazer uma reflexão sobre o papel de David Carneiro no Movimento Paranista, Segundo Ana Paula Peters (2005) faz muito sentido, pois se encaixa perfeitamente dentro dos interesses do grupo social a qual pertencia David Carneiro:

Assim, olhar o Movimento Paranista é procurar entender como se deu o processo de construção da identidade paranaense. Trata-se ainda de uma chave para que se possa entender as particularidades do Paraná, não apenas em sua relação periférica com o governo central, mas particularmente em seu republicanismo marcadamente positivista e anticlerical, na fase da erva-mate, que propiciou o desenvolvimento urbano e cultural de Curitiba (Peters, 2005, p. 266-267).

A produção literária e historiográfica de David Carneiro vai ser fundamental na construção dessa identidade paranista, sendo essa produção, também resultado do seu meio, das suas ligações familiares e sociais.

Teve formação essencialmente militar, estudou no Colégio Militar de Barbacena (1916) e no Colégio Militar do Rio de Janeiro (1919-1922), onde entra em contato com os ideais da filosofia positivista de Augusto Comte.

Assim, entendemos que, sua origem social privilegiada da família Carneiro, sua ligação com o mundo empresarial da erva-mate, a influência do sentimento

paranista do início do século XX, seu contato com formação militar e com o positivismo, são fatores importantes para entender a narrativa de David Carneiro.

Ao retornar para o Paraná David Carneiro vai começar sua produção intelectual ligada ao militarismo, ao positivismo e ao ideário de construção identitária paranista. Após seu casamento com Marília Supplicity de Lacerda, filha de Manuel José Correia de Lacerda, ou seja, Marília era sobrinha do Coronel Joaquim Lacerda, David Carneiro começa a escrever sobre História, História Militar, História do Paraná, a Revolução Federalista e o Cerco da Lapa, assim, segundo Cordova (2013), David Carneiro, tendo o positivismo como cerne, além do ideal identitário, vai, também, contribuir para mitificação do heroísmo paranaense:

David Carneiro foi um intelectual que trabalhou no sentido de elaborar uma simbologia própria ao paranaense, com vistas à mitificação do herói regional. A representação da morte do maior herói do Cerco da Lapa, General Gomes Carneiro, juntamente com seu panteão, justifica essa mitificação e concretiza-se pelo próprio monumento construído em homenagem aos heróis do Cerco (Cordova, 2013, p. 369).

Assim, podemos encontrar elementos para responder as questões iniciais, a construção da narrativa de David Carneiro é fruto do republicanismo da família, militarista e positivista por sua formação nas escolas militares e como “porta-voz” (Machado, 2012a, p.26), não apenas do grupo social a qual pertencia, mas também da invenção da tradição inventada com o pensamento paranista, que junto ao positivismo, vai criar mitos de heróis regionais, enaltecendo os grandes feitos, militares, dos grandes personagens da História do Paraná, militares, civis e políticos, mas envolvidos em eventos militares:

Em cada canto que se conheça do Setor Histórico da Lapa, lá está um fato ligado ao episódio. Foi o Cerco da Lapa que justificou o processo de tombamento dos casarios que compõem o Setor Histórico. Foi pela resistência do Cerco da Lapa, que se combateu o movimento maragato rebelde e assegurou-se a república pica-pau no Brasil: um viva aos florianistas! E foi também o Cerco da Lapa um dos temas utilizados pelos paranistas para discorrer sobre a construção de uma identidade paranaense.

David Carneiro pode ser considerado um dos intelectuais mais proeminentes do Cerco da Lapa, pois sustentou variados argumentos para reiterar a identidade político-cultural paranaense no contexto nacional gerado desde a Proclamação da República. (Cordova, 2007, p. 185-186).

Segundo José Murilo de Carvalho (1990), os positivistas eram hábeis fabricantes de símbolos e:

A luta em torno do mito de origem da República mostrou a dificuldade de construir um herói para o novo regime. Heróis são símbolos poderosos, encarnações de idéias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva. São, por isso, instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos. Não há regime que não promova o culto de seus heróis e não possua seu panteão cívico. (Carvalho, 1990. p. 55).

Assim sendo, o positivismo republicano, associado ao espírito paranista são fortes características do trabalho de David Carneiro, formando também, parte da historiografia do Paraná. Por essas influências, o trabalho de David Carneiro apresenta um forte sentido ufanista, segundo Cordova (2016), Carneiro se referia aos vindos de fora do Paraná como “Adventícios”, termo que lhe causou contratempos com a justiça:

David Carneiro foi processado e absolvido, em 1943, pelo Tribunal de Segurança Nacional do Estado Novo, acusado pela publicação de artigos que injuriavam os “adventícios”, ou seja, aqueles que não haviam nascido no Paraná e que ocupavam altos cargos na administração pública do Estado.

As argumentações contrárias provocadas pelo discurso de David são reveladoras do “lugar social” por ele ocupado e da “cena enunciativa” que se procedeu. A encenação discursiva se passa na gestão do governador Manoel Ribas, em pleno Estado Novo (1937-1945), momento histórico de centralização nacional e de recrudescimento às intenções regionais identitárias. (Cordova, 2016, p. 212).

Essa significação que Carneiro faz sobre o Cerco da Lapa, tenta inventar uma ou criar uma tradição, tenta construir um ideário universalizador da história do Cerco da Lapa, do Paraná e identidade para seu povo (Cordova, 2016, p. 206), pensando assim, temos a confirmação de que a narrativa de David Carneiro exerceu influência na formação histórica do povo paranaense. Sustemos a hipótese de que a narrativa de Carneiro também influencia a historiografia e o ensino de História, o que será atestado em momento mais apropriado da pesquisa.

Devemos reconhecer, o intelectual David Carneiro, é um habilidoso contador de histórias. Carneiro é um vigoroso escritor, foi autor de um grande conjunto de trabalhos, são romances históricos, como “Drama da Fazenda Fortaleza” e “Rastros de Sangue” (título de reedição, originalmente intitulado de “Um Noivado em 1894”), sobre História do Brasil, escreve evidentes obras de cunho positivista, como “Tiradentes”, “Floriano – Memórias e Documentos”, escreve também “Dos Troféus da História do Brasil”, “Historia da Guerra Cisplatina” e “Casos e Coisas da História

Nacional”. Referente a historiografia paranaense, Carneiro é autor de “História do Período Provincial do Paraná”, História da História do Paraná”, “História do Incidente Cormorant”, “Efemérides Paranaenses” e “Galeria de Ontem”, entre tantos outros trabalhos (Machado, 2012a, p. 153). Sobre a historiografia da Revolução Federalista e do Cerco da Lapa, David Carneiro é autor “O Cerco da Lapa e Seus Heróis”, “Os Fuzilamentos de 1894 no Paraná” e “O Paraná e a Revolução Federalista”, sendo a primeira delas e trechos de outras obras, alvos de discussões no nosso trabalho.

Antes explorar os trabalhos de Carneiro, é necessário ter uma visão sobre a forma com que David Carneiro, agora valer-nos-emos da ideia de Michel de Certeau (1982), realiza sua “Operação Historiográfica” (Certeau, 1982, p. 66), ou seja, como David Carneiro pensava a História e o ofício do historiador.

Não é nosso objetivo denunciar, acusar, ou ainda, julgar o tamanho e a importância ou não da história da Lapa, seus eventos e personagens; nem é nosso objetivo fazer revisionismos históricos, mas evidenciar elementos das representações criadas nas obras de David Carneiro, para entender como a história local foi criada e entender os efeitos que essa construção produz até hoje. Essa construção é social, e não apenas individual, pois segundo Michel de Certeau:

Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócioeconômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam. (Certeau, 1982, p. 66-67).

Na perspectiva de Certeau, a “operação historiográfica” de Carneiro pode ser entendida como resultante de seu “lugar social”, não necessariamente acadêmico, mas que inclui posição social e econômica, assim como ideologias políticas e contexto histórico; dessa forma, suas obras não são neutras, mas privilegiam determinadas vozes, personagens e acontecimentos. Por isso, antes de começar a analisar as representações construídas por David Carneiro, achamos importante estabelecer uma hipótese sobre sua forma de operação historiográfica, em outras palavras, entender quais princípios orientam a prática historiográfica de David Carneiro.

David Carneiro viveu entre 29 de março de 1904 e 3 de agosto de 1990, nasceu e faleceu em Curitiba, por tanto, mesmo vivendo temporariamente em diferentes lugares, podemos definir a capital paranaense do século XX como seu principal cenário de vida e influência para sua produção intelectual (Machado, 2012a, p.20).

Bisneto, neto e filho de outros que compartilharam o mesmo nome “David Carneiro”, o autor herdou mais do que seu nome: desde seu avô, sua família está associada à produção de erva-mate: seu avô foi sócio de Ildefonso Pereira Correia, o Barão do Serro Azul, o mais importante industrial e comerciante de erva-mate paranaense da época. Por tanto, seguindo as análises genealógicas de Ricardo Oliveira (2000), podemos classificar a posição socioeconômica de David Carneiro como membro da elite curitibana ligada historicamente à indústria e ao comércio da erva-mate.

Para completar o quadro do “lugar social” de David Carneiro, vemos como alinhamento ideológico de produção intelectual, além do positivismo já citado, a sua educação militar, que também produziu efeitos em seus valores morais. Além disso, também sofreu a influência do pensamento ou movimento paranista (Machado, 2012a).

Em suma, a operação historiográfica de David Carneiro é resultado de sua posição socioeconômica ligada produção industrial da erva-mate, o que lhe deu acesso ao convívio com a elite social e política de Curitiba do início do século XX, da sua educação militarista, filiado à ideologia positivista e do seu grande apego ao Movimento Paranista, ou seja, a valorização regional do Paraná e do homem do Paraná.

O próprio David Carneiro escreveu um trabalho historiográfico, publicado em 1952, como edição comemorativa ao centenário da emancipação política do Paraná, chamado *A História da História do Paraná* (1952). Nessa obra, David Carneiro descreve suas teorias, ideias e percepções sobre história e historiadores, sobre verdade, a função da História e do historiador, aplicando essas teorias à construção historiográfica sobre o Paraná.

Sobre essa obra, Machado (2012a) aponta que, David Carneiro segue o princípio da História como mecanismo de “evolução social”, ou seja, buscar a verdade sobre o passado, para compreensão do presente e construção do futuro, ou, crédulo em uma “história progressista” (Machado, 2012a, p. 56), uma história

“mestra da vida”. David Carneiro também acreditava em sistemas e métodos de buscar a verdade e construir a História.

Para David Carneiro, seria necessário distinguir a vida, os feitos humanos do relato sobre esses feitos, ou seja, separar a verdadeira História da crônica, mas compreende que a História em si mesma é o fato e seu relato. Consequentemente, a construção da História seria construída com uma mistura de método, ciência e arte (Carneiro, 1952, p. 12).

Na perspectiva de Carneiro, como método, a História deve fazer investigação de fatos e para buscar a verdade. A ciência estaria no apego à sociologia, pois recorre às suas leis para previsão dos acontecimentos sociais. A arte é a forma de expressar a História, como filha do estilo literário (Carneiro, 1952, p. 12-13).

Por tanto, podemos considerar que Carneiro é adepto da História Social, mas ainda apegado a aspectos de uma historiografia tradicional, entende que a função da História é buscar a verdade sobre o passado, cumprindo uma finalidade evolutiva, de entender o presente e construir um futuro melhor.

Apesar da predominância do pensamento progressista da História, segundo Machado (2012a), na operação historiográfica de David Carneiro não existe uma única corrente de pensamento, mas uma mescla de referências: assim, quando nos lembramos do contexto social, econômico e histórico da vida de David Carneiro, fica muito fácil entender a força do pensamento positivista (comteano) em seus trabalhos e de perceber as representações criadas em suas obras.

Maria Julieta Weber Cordova nos ajuda a interpretar, de forma muito precisa, o modo de operação historiográfica e de construção da narrativa de David Carneiro:

Já David, ainda que visse como Bento, a necessidade de apego às tradições ervateiras e de valorização das características paranaenses, enquanto um intelectual positivista teceu críticas ao comportamento acomodado adotado pelo catolicismo, em prol do que denomina, conforme Comte, de “evolução social”. É em busca das “leis de evolução social” e da “necessidade do conhecimento sistemático da história” que materializa seu discurso regional e corporifica a identidade paranaense consolidada por um passado glorioso. (Cordova, 2016, p. 253).

Em *A História da História do Paraná* (1952) David Carneiro defende que o historiador tem a missão de esclarecer aos contemporâneos, ou fazer reparações de injustiças cometidas por antepassados. Esclarecer seria exercer a sua função de

narrador (Carneiro, 1952, p. 59). No entanto, a operação historiográfica de David Carneiro valoriza o papel dos líderes e dos grandes acontecimentos, mesmo que reconheça que esse papel não é determinante, os grandes homens e grandes acontecimentos alavancam a evolução humana (Carneiro, 1952, p. 61-62).

Outro ponto importante da teoria historiográfica de David Carneiro é o que o próprio chamou de “*Julgamento Histórico*”. Segundo David Carneiro, aqueles que cumpriram importante papel para solução de problemas de sua época, mesmo não parecendo simples ver a amplitude dos problemas contemporâneos, assim como solucioná-los. David Carneiro define como “grande homem”, os que resolvem os problemas sociais contemporâneos, ou seja, aqueles que desempenharam “*papel histórico*” (Carneiro, 1952, p. 86), dessa forma, o “Grande Homem”, pelas complexas relações que envolvem o desempenho do papel histórico é um “gênio inventivo”, classificado como sábio, santo ou herói: “O que a história exige é que alguém reconheça o problema e lhe dê solução adequada. A esse indivíduo, a história glorifica, imortaliza.” (Carneiro, 1952, p. 87).

É necessário ponderar que um Grande Homem não é somente um estadista que resolva problemas governamentais, mas todo aquele que apresente desfechos adequados a problemas prementes de caráter sentimental (santos), intelectual (sábios e gênios) ou prático (heróis) problemas que o passado próximo lega e que o grande homem faz desaparecer.

Grande Homem é quem preenche um “papel histórico” encontrado em seu caminho, quer seja local quer seja universal. Mas ele é sempre, mais uma consequência do passado visto que o pretérito é que lhe impõe diretriz à vida, lhe enche o futuro de preocupações altruístas, fazendo vibrar seu coração aos ansêios herdados. Sua ligação ao futuro é no sentido dos exemplos e das lições que deixa. A glorificação dos pósteros se amplia com o tempo, as admirações e os aplausos repercutindo pelos séculos além. (Carneiro, 1952, p. 88).

Essa construção do conceito de julgamento histórico é presença constante nas obras de David Carneiro, David Carneiro representa os “heróis” pelo comprimento de seu papel histórico, como Floriano Peixoto, que cumpre papel histórico no seu modo de governar o Brasil em momento de importância crucial, ou Gomes Carneiro, que cumpriu seu papel histórico com seu sacrifício, ou ainda, Coronel Joaquim Lacerda, ao salvar o povo da Lapa com os termos da capitulação.

É importante olhar esses aspectos da operação historiográfica de David Carneiro para que possamos entender melhor as suas escolhas e posições que

aparecem nas suas obras, assim, também podemos entender como Carneiro produz sua narrativa e suas representações na próxima parte.

3 AS REPRESENTAÇÕES NA NARRATIVA DE DAVID CARNEIRO SOBRE O CERCO DA LAPA

A presente parte da pesquisa analisa as representações construídas na obra de David Carneiro, sobre os eventos da Revolução Federalista na cidade da Lapa, ou seja, as representações sobre a Lapa, sobre o cerco que ali ocorreu e os personagens nele envolvidos, os “heróis” destacados em sua narrativa historiográfica.

Escolhemos interpretar as representações criadas a partir das obras de David Carneiro, sobre a cidade da Lapa, sobre o evento do Cerco da Lapa e os personagens que Carneiro classifica em suas obras como heróis, valendo-se do conceito de Representação desenvolvido por Roger Chartier, historiador francês associado a 4ª geração da Escola de *Annales* e importante formulador da História Cultural francesa (Rojas, 2004).

Carneiro, como já explicamos, devido ao seu “espaço social”, em muitas de suas obras tratou com atenção especial a História do Paraná. Com toda sua carga positivista historiográfica, vai encontrar grande inspiração de escrita sobre o Cerco da Lapa, por considerar um evento militar marcante da história do Paraná. Uma outra hipótese para esse fascínio sobre o assunto é seu casamento com Marília Suplicy de Lacerda (Pereira, 2018 p. 81), filha de Manuel José Correia Lacerda, sobrinha do coronel Joaquim Resende Correia de Lacerda, desse modo, “A partir de conversas com o sogro, intensificou-se o interesse pelo episódio” (Machado, 2012b, p. 113).

3.1 REPRESENTAÇÃO, MEMÓRIA COLETIVA E INVENÇÃO DE TRADIÇÕES

Na presente dissertação, as obras de David Carneiro são interpretadas usando o conceito de representação, desenvolvido na perspectiva de Roger Chartier: sendo assim, queremos primeiramente explicar como podemos aplicar o conceito de representação aos trabalhos de David Carneiro, entendendo que a abordagem que Chartier tem sobre representações é uma tentativa de superar práticas historiográficas globais, universalizadoras, totalizantes e “naturais”, assim, para superar essas tendências, ao citar Marcel Mauss e Emile Durkheim, Chartier diz que:

Tentar superá-la exige, a princípio, considerar os esquemas geradores dos sistemas de classificação e de percepção como verdadeiras “instituições sociais”, incorporando sob a forma de representações coletivas as divisões da organização social — “As primeiras categorias lógicas foram categorias sociais; as primeiras classes de coisas foram classes de homens em que estas coisas foram integradas” —, mas também considerar, corolariamente, estas representações coletivas como as matrizes de práticas construtoras do próprio mundo social — “Mesmo as representações coletivas mais elevadas só têm existência, só são verdadeiramente tais, na medida em que comandam atos”. (Chartier, 1991, p.183).

Por tanto, Chartier entende que o conceito de representação, ou representação coletiva, é uma forma de articulação da visão de mundo construída socialmente muito melhor do que uma teoria de mentalidade universalizadora:

Este retorno a Marcel Mauss e Emile Durkheim e à noção de “representação coletiva” autoriza a articular, sem dúvida melhor que o conceito de mentalidade, três modalidades de relação com o mundo social: de início, o trabalho de classificação e de recorte que produz configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais “representantes” (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe. (Chartier, 1991, p.183).

Acreditamos ser esse entendimento sobre conceito de representação coletiva ideal para elucidar tanto a escrita de David Carneiro, quanto suas ideias, representações e determinadas finalidades dos seus trabalhos. Para Chartier, o mundo é construído conforme as representações coletivas, fruto das relações sociais, econômicas ou históricas dos grupos humanos. Nesse sentido, uma das hipóteses trabalhadas no presente texto é que as obras de Carneiro e suas representações produziram a construção de determinadas realidades, ou ainda, as representações das obras de Carneiro tentam criar uma verdade histórica, uma identidade, símbolos e uma história regional que enaltece e mitifica determinados personagens como heroicos:

Uma dupla via abre-se assim: uma que pensa a construção das identidades sociais como resultando sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma; outra que considera o recorte social objetivado como a tradução do crédito conferido à representação que cada grupo dá de si

mesmo, logo a sua capacidade de fazer reconhecer sua existência a partir de uma demonstração de unidade. Ao trabalhar sobre as lutas de representação, cuja questão é o ordenamento, portanto a hierarquização da própria estrutura social, a história cultural separa-se sem dúvida de uma dependência demasiadamente estrita de uma história social dedicada exclusivamente ao estudo das lutas econômicas, porém opera um retorno hábil também sobre o social, pois centra a atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido constitutivo de sua identidade. (Chartier, 1991, p. 183-184).

Desse modo, uma outra reflexão também deve ser discutida, sobre a hipótese de intenção de David Carneiro, ao escrever seus trabalhos sobre o Cerco da Lapa, com toda sua carga de representação, em criar símbolos e elementos de apego identitário, através da produção de uma memória universal e coletiva, não só do povo da Lapa, mas também do povo do Paraná. Sobre o conceito de Memória coletiva, segundo Maurice Halbwachs:

A história, sem dúvida, é a compilação dos fatos que ocuparam o maior espaço na memória dos homens. Mas lidos em livros, ensinados e aprendidos nas escolas, os acontecimentos passados são escolhidos, aproximados e classificados conforme as necessidades ou regras que não se impunham aos círculos de homens que deles guardaram por muito tempo a lembrança viva. É porque geralmente a história começa somente no ponto onde acaba a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social. Enquanto uma lembrança subsiste, é inútil fixá-la por escrito, nem mesmo fixá-la, pura e simplesmente. Assim, a necessidade de escrever a história de um período, de uma sociedade, e mesmo de uma pessoa desperta somente quando eles já estão muito distantes no passado, para que se tivesse a oportunidade de encontrar por muito tempo ainda em torno de si muitas testemunhas que dela conservem alguma lembrança. Quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, aquele mesmo em que esteve engajada ou que dela suportou as conseqüências, que lhe assistiu ou dela recebeu um relato vivo dos primeiros atores e espectadores, quando ela se dispersa por entre alguns espíritos individuais, perdidos em novas sociedades para as quais esses fatos não interessam mais porque lhes são decididamente exteriores, então o único meio de salvar tais lembranças, é fixá-las por escrito em uma narrativa seguida uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem. (Halbwachs, 1990, p. 80-81).

A verificação da hipótese de construção de memória coletiva pode ocorrer através da aceitação e de legitimação da narrativa de David Carneiro, dos efeitos dessa narrativa sobre a historiografia, na forma como seus trabalhos interferiram a construção de tradições. Sobre o conceito de Tradição Inventada, Hobsbawm explica:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (Hobsbawn, 1997. p. 9).

Ou seja, David Carneiro “inculcou” na mente da população paranaense esses valores de heroização dos personagens, os líderes legalistas da resistência na Lapa, como sentimento de identidade coletiva do povo paranaense. Sem sombra de dúvidas, as obras de David Carneiro sobre o Cerco da Lapa se tornaram, e parecem ser até hoje, referências historiográficas importantes e quase canônicas; pois é recorrente a repetição e reprodução do seu discurso, que aparece em sua influência e em forma de referência para tantos outros trabalhos. Essa invenção de uma tradição historiográfica gera uma importante problematização: a narrativa de Carneiro, além de produzir suas diversas representações, também produz outro efeito, junto com o empoderamento da memória, do aparecimento nas narrativas, o exagero de lembrança também gera exagero de esquecimento, como explica Paul Ricoeur:

Também era o nível em que a problemática da memória cruzava a da identidade a ponto de com ela se confundir, como em Locke: tudo o que constitui a fragilidade da identidade se revela assim oportunidade de manipulação da memória, principalmente por via ideológica. Por que os abusos da memória são, de saída, abusos do esquecimento? Nossa explicação, então, foi: por causa da função mediadora da narrativa, os abusos de memória tornam-se abusos de esquecimento. De fato, antes do abuso, há o uso, a saber, o caráter inelutavelmente seletivo da narrativa. Assim como é impossível lembrar-se de tudo, é impossível narrar tudo. A idéia de narração exaustiva é uma idéia performativamente impossível. A narrativa comporta necessariamente uma dimensão seletiva. Alcançamos, aqui, a relação estreita entre memória declarativa, narratividade, testemunho, representação figurada do passado histórico. Como notamos então, a ideologização da memória é possibilitada pelos recursos de variação que o trabalho de configuração narrativa oferece. As estratégias do esquecimento enxertam-se diretamente nesse trabalho de configuração pode-se sempre narrar de outro modo, suprimindo, deslocando as ênfases, refigurando diferentemente os protagonistas da ação assim como os contornos dela. Para quem atravessou todas as camadas de configuração e de refiguração narrativa desde a constituição da identidade pessoal até a das identidades comunitárias que estruturam nossos vínculos de pertencimento, o perigo maior, no fim do percurso, está no manejo da história autorizada, imposta, celebrada, comemorada da história oficial. (Ricoeur, 2007, p. 455).

Quando Ricoeur chama a atenção para a seletividade da memória e os esquecimentos produzidos por narrativas, buscamos quais foram as escolhas que David Carneiro usou para sua produção historiográfica, se seus trabalhos correm o risco de produzir silenciamentos ou esquecimentos históricos, por excessos de memória.

3.2 A LAPA

O município da Lapa, no Estado do Paraná, se localiza na Região Metropolitana de Curitiba. Segundo dados do IBGE (2022), conta uma população estimada de 45.003 pessoas com uma área territorial 2093.86 km². Economia com forte atividade agrícola, indústria alimentícia e metalúrgica, ampla atividade comercial e de prestação de serviços, por tanto, uma pequena cidade metropolitana, com aspectos típicos interioranos.

A Lapa vem se destacando em outra atividade, o turismo histórico. Dois são os grandes motivadores da atividade turística histórica/cultural na cidade da Lapa: o tropeirismo, atividade econômica do período colonial brasileiro; e os eventos relacionados ao contexto da Proclamação da República e Revolução Federalista no Paraná, devido aos dias de resistência, o Cerco da Lapa.

A Lapa completou 252 anos em 13 de junho de 2024, desde sua fundação, em 1769, como Freguesia de Santo Antônio, pois foi fundada na data de homenagens ao santo casamenteiro, na rota de deslocamento de tropas, assim, foi se desenvolvendo com a atividade econômica tropeira.

O tropeirismo foi uma atividade econômica, da época de exploração colonial, secundária à mineração, sua função era abastecer as regiões mineradoras de produtos como couro e carne, assim, no deslocamento de tropas saídas de Viamão, no atual Rio Grande do Sul, com destino aos mercados em São Paulo, como a feira de Sorocaba. Os tropeiros estabeleceram pontos de descanso, pouso e engorda de animais (invernada), pelas regiões da Serra Catarinense e dos Campos Gerais, no Paraná:

Na Região Sul do Brasil, o tropeirismo é visto como responsável pela dinâmica da economia pecuarista e pelo surgimento de diversas cidades, das quais podemos destacar, entre outras, Viamão, Santo Antônio da Patrulha, Bom Jesus da Serra, Capão Bonito (Rio Grande do Sul);

Curitibanos, Laguna, Lages (Santa Catarina); Arapoti, Balsa Nova, Campo do Tenente, Campo Largo, Carambeí, Castro, Jaguariaíva, Lapa, Palmeira, Piraí do Sul, Ponta Grossa, Porto Amazonas, Rio Negro, Sengés, Telêmaco Borba, e Tibagi. (Silva, 2005, p. 110-111).

Assim, o tropeirismo é entendido na historiografia paranaense como um importante agente de transformação territorial, econômica e social do estado, junto com a atividade da mineração no litoral e com a exploração da erva-mate, completa a formação do chamado “Paraná Tradicional”:

A História do Paraná tem sido a história da ocupação do seu território e da formação das comunidades paranaenses, conforme ensina Brasil Pinheiro Machado.

Três foram as ondas povoadoras que, em conjunturas diversas e com motivações distintas, realizaram esta ocupação e formaram as comunidades regionais que hoje constituem o Paraná.

Assim, a História do Paraná compreende a formação de três comunidades regionais: a do Paraná tradicional, que se esboçou no século XVII, com a procura do ouro, e estruturou-se no século XVIII sobre o latifúndio campeiro dos Campos Gerais, com base na criação e no comércio do gado e, mais tarde, no século XIX, nas atividades extrativas e no comércio exportador da erva-mate e da madeira (Cardoso; Westphalen, 1986, p. 9).

A Lapa, desse modo, formou-se por necessidades da atividade tropeira, desenvolveu-se com o tropeirismo no Período Colonial brasileiro (1500-1822); por isso, a sociedade lapeana herdou do tropeirismo grandes características culturais, inclusive a formação populacional diversa.

A dinâmica populacional lapeana ganhou maior diversidade populacional e cultural com as transformações do Brasil, quando sob a Monarquia (1822-1889), passando pelas fases de governo de D. Pedro I (1822-1831) e dos Regentes (1831-1840). Durante o reinado de D. Pedro II (1840-1889), dentre tantas transformações ocorridas, a Lapa é atingida, primeiro, com a emancipação política da Província, em 19 de dezembro de 1853, pois futuramente seria necessário criar um elemento identitário do povo do Paraná, uma História do povo do Paraná. Segundo, com o crescimento do movimento abolicionista, também surge o movimento de imigração europeia do século XIX, por isso, todo esse chamado “Paraná Tradicional” vai receber grupos de imigrantes de várias origens. Segundo Altiva Balhana (1969), desde 1829 a região de Curitiba e o litoral recebiam imigrantes de diversas origens, como alemães, poloneses, italianos, ucranianos; na Lapa não seria diferente: em 1878 a Lapa recebe um grupo de “Alemães do Volga” em três núcleos coloniais, Virmond, Mariental e Johannesburg.

Nos anos posteriores ao Cerco da Lapa, a imigração na região continuava a diversificar a população do Paraná.

Para Christiane Marquez Zsesz, a construção territorial do Paraná está relacionada a um projeto de domínio de uma elite política, essa construção territorial e a produção historiográfica tradicional contribuíram para formação da identidade regional parananense:

O território do Paraná tornou-se, desde muito cedo, um espaço laboratorial por onde incursionaram intelectuais, políticos e viajantes. As diversas expressões da construção da identidade regional paranaense identificavam o espaço geográfico-territorial à sociedade. Tais elaborações da identidade paranaense constituíram-se em forte instrumento que efetivaria o projeto de domínio político das classes dominantes do Paraná através de uma ideologia regional. (Zsesz, 1997, p. 5).

A Lapa teve papel de protagonismo nessa construção.

Sobre as questões que envolvem a formação e desenvolvimento da Lapa e sua futura relação com a Revolução Federalista, David Carneiro (1982) diz que:

A cerca de 70 quilômetros de Curitiba, na direção de Sudoeste, a Lapa está num dos contrafortes que imprecisamente formam o segundo planalto, dos três que constituem o território paranaense. O primeiro trato de terra de que se forma o Estado do Paraná, quando se marcha do mar para o interior, é a região tropical, quente e baixa do litoral. Formando como uma imensa muralha de pedra, há, em seguida, a mais alta cadeia de montanhas do estado, a que é parte da cordilheira do Mar, ou Serra Geral que se estende para o Norte até a Bahia e para o Sul até o Rio Grande, onde termina. (Carneiro, 1982, p. 89).

A explicação que David Carneiro privilegiou foi geográfica e geológica. Uma hipótese para essa explicação é justamente sua forma metodológica e sistemática de entender a História e a historiografia, muito associada ao positivismo e seu otimismo evolucionista e cientificista, buscando explicações racionais e lógicas, com comprovações experimentais para atingir a verdade sobre o passado, compreensão do presente e construção do futuro. Outro fator que leva Carneiro a privilegiar a localização geográfica da Lapa para desenvolver sua narrativa, é a valorização dos eventos militares que Carneiro imprime em suas obras:

A Lapa está circundada por montanhas e por extensas campinas. As montanhas de pouca altura, ficam-lhe a Leste e a Nordeste, constituindo, como dissemos, um dos contrafortes sem seqüência, da Serrinha. Entre a elevação escolhida para ser construída a vila antiga e a Serra (Alto da Lapa) há uma distância de um quilômetro e pouco, onde correm alguns riachos,

tributários: de afluentes primários ou secundários do Rio da Várzea, que cai por sua vez no Rio Negro e este, enfim, no Iguaçu. O lugar de ereção da primitiva vila é um alto, como um cabeço de alguns quilômetros de perímetro. Praticamente a vila antiga poderia separar-se de todos os campos circunvizinhos e do Alto da Lapa, por vales molhados. Seria posição excelente, nos tempos coloniais para nesse ponto ser estabelecida uma cidade fortificada ou um castelo medieval cercado de fossos, mas para as armas do fim do século XIX já não serviria, podendo ficar à mercê dos canhões e mesmo dos fuzis postados nas culminâncias, e nas pequenas depressões que circundam a cidade. (Carneiro, 1982, p. 90-91).

As linhas citadas são da obra *O Paraná e a Revolução Federalista*, de 1944 e reeditada em 1982, que amplia os textos de um dos seus primeiros livros: *O Cerco da Lapa e seus Heróis: antecedentes e consequências da Revolução Federalista no Paraná*, de 1934. Segundo levantamento de Daiane Machado (2012a), em sua dissertação de mestrado sobre David Carneiro, a primeira edição das obras se distanciam uma década uma da outra. A primeira (*O Cerco da Lapa*) foi publicada em 1934 e a segunda (*O Paraná e a Revolução Federalista*), publicada em 1944, como parte dos eventos de memorização dos 50 anos da Revolução Federalista. De toda forma a segunda obra, apresenta informações com mais volume de textos sobre a Revolução no estado do Paraná, mas repetindo as mesmas práticas de operação historiográficas e representações da obra anterior.

Outra abordagem que escolhemos tratar é referente ao povo lapeano. Sobre o povo da Lapa, Carneiro diz que:

Seus habitantes sempre foram disciplinados e dóceis, sempre hospitaleiros, espontaneamente inclinados à agricultura e aos trabalhos da paz, cuidadosos de seus deveres, prestando auxílios aos mais necessitados, sempre que deles se socorriam. Por uma fatalidade histórica, passaram por mais de uma vez da atividade de agricultura, para a de guerreiros, abandonando os arados, as charruas, as picaretas e as enxadas, pelas espadas, as pistolas, os fuzis e os canhões. (Carneiro, 1982, p. 91).

Nas linhas que dão sequência ao referido trecho, Carneiro apresenta os eventos belicosos que envolveram os cidadãos da Lapa. O primeiro deles foi a Guerra dos Farrapos (1835-1840), quando, em 1837, um grupo de voluntários da Lapa e do Campo do Tenente seguiram para a batalha, na Expedição do Brigadeiro Xavier da Cunha, comandados por Valentiniano José de Lima (Carneiro, 1982, p. 91).

Desde já, Carneiro aponta para o alinhamento dos lapeanos com o poder estabelecido, a primeira conclamação, segundo Carneiro, ao governo central, dos regentes da monarquia brasileira.

Nas páginas a seguir, Carneiro diz que só dos lapeanos, foram mais de quatrocentos homens para a campanha do Paraguai (1864-1870). Dessa vez, “obedientes” voluntários que responderam à convocação do Imperador D. Pedro II, mais precisamente, “a Vila do Príncipe teria dado 412 homens para a guerra, dos quais voltaram para sua terra natal, logo depois da paz, apenas 73”. (Carneiro, 1982, p. 94).

O terceiro evento de batalha que envolve os lapeanos se deslocou até a Lapa, segundo Carneiro:

Foi essa a cidade casualmente designada pelas circunstâncias para servir de ponto da resistência no Paraná, contra a ameaçadora invasão federalista. Assim também o antigo instrutor de voluntários, o alferes Joaquim Lacerda, viu-se pelas circunstâncias, comandante da brigada que na sua cidade natal havia de resistir. Aí acampou a força que voltava de Santa Catarina, pelo Rio Negro, a 23 de novembro. (Carneiro, 1982, p. 95).

O comandante das tropas que se estabeleceram na Lapa era Francisco de Paula Argolo¹⁴, mas seria substituído por Antônio Ernesto Gomes Carneiro, na época coronel Gomes Carneiro, por ordem do próprio Marechal Floriano Peixoto, para que fixasse posição na Lapa; ou como escreveu David Carneiro, “A Lapa deveria ser o centro de resistência. Ela viria representar nos fastos republicanos um papel sem igual em relevo e sacrifício.” (Carneiro, 1991, p. 37).

Agora temos elementos para interpretar as representações que Carneiro produziu em sua narrativa. Começamos por interpretar as representações sobre a cidade da Lapa e de seu povo.

14 Nasceu em São Francisco do Conde, província da Bahia, em 28 de janeiro de 1847. De família tradicional de senhores de engenho, era filho de Paulo de Argolo Queirós e de Gracinda de Melo e Silva. Em 1866, iniciou a carreira militar ao assentar praça no 40º Corpo de Voluntários junto com o irmão, Paulo Argolo Queirós, que morreria em combate na batalha do Ipororó, para a Guerra do Paraguai (1864-1870), que reuniu Brasil, Argentina e Uruguai contra as forças de Solano López. Em 1871, ingressou na Escola Militar, tendo recebido diversas promoções ao longo de sua trajetória militar: praça (1866), alferes (1868), tenente (1869), capitão (1871), major (1888), tenente-coronel (1890), coronel (1890), general de brigada (1893), general de divisão (1900) e marechal (1902). Em 1893, no comando do 5º Distrito Militar, combateu a Revolução Federalista (1893-1895), que atingiu os estados do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, junto às forças legalistas lideradas pelo presidente do estado, Júlio Prates de Castilhos. Nesse ano, instalou em São Bento, Santa Catarina, um governo provisório, pois a capital, Desterro (Florianópolis), estava tomada pelas forças federalistas de Gaspar da Silveira Martins. Atuou ainda no enfrentamento à Revolta da Armada (1893-1894), rebelião de altos oficiais da Marinha contra o governo de Floriano Peixoto (1891-1894), na defesa de Niterói, capital do estado do Rio de Janeiro. Morreu no Rio de Janeiro, em 11 de fevereiro de 1930. Disponível em: <https://mapa.an.gov.br/index.php/ultimas-noticias/1092-francisco-de-paula-argolo>. Acesso em: 25 mar. 2025.

É central nas obras de Carneiro o discurso de resistência republicana como sinônimo de heroísmo, a Lapa como um lugar de grande importância histórica, por defender e salvar a República, pois também faz a representação dos sitiados da cidade como inimigos da República, inimigos de Floriano Peixoto.

Justificamos essa interpretação devido à representação que Carneiro sustenta dos maragatos, respondendo seu questionamento retórico, como, primeiro, possíveis separatistas, visando unificação do Rio Grande do Sul com o Uruguai, formando uma só nacionalidade (Carneiro, 2004, p. 37); segundo, possíveis separatistas dos três estados sulistas, para formarem uma própria república, ou uma nova monarquia (Carneiro, 2004, p. 37); terceiro, representa os interesses maragatos como restauradores da monarquia (Carneiro, 2004, p. 38), apresentando um quadro de caos generalizado, caso ninguém detivesse os maragatos. Vejamos a opinião de David Carneiro: “Que caos teríamos nós se a revolução vencesse!?” (Carneiro, 1982, p. 70), por isso, também apresentamos uma interpretação de representação da Lapa nas obras de David Carneiro, como símbolo de heroísmo: recai sobre os lapeanos, uma representação de heroísmo coletivo vindo do passado.

Podemos ver a Lapa representada como cenário de sacrifício e seu povo vítima dos sofrimentos, devido as dificuldades circunstanciadas pelo cerco, consequências desse sacrifício, em nome de cumprir seu dever patriótico.

A narrativa de David Carneiro representa a Lapa não só como espaço de memória regional, mas também de relevância nacional, ao defender com sacrifício e coragem a República que recentemente havia sido instalada; ou seja, de um simples local onde aconteceu um conflito bélico, para um símbolo de identidade regional e exemplo moral de luta, vitória e heroísmo.

Desse modo, a representação da Lapa e sua gente, contribui para a construção e manutenção da mitificação histórica dos heróis.

Na narrativa de Carneiro as representações da cidade e seus habitantes fazem parte da construção e do esforço em valorizar a luta na cidade dentro da história nacional e regional.

Em seu esforço para criar valorização da história local e inserir personalidades, eventos locais no mais alto grau de importância da história nacional, David Carneiro descreveu o evento de resistência como “épico” ou “epopeia do cerco” (Carneiro, 1982, p. 364).

3.3 O CERCO DA LAPA

Já é consenso na historiografia: a resistência na Lapa durou 26 dias. O ponto de resistência imposto na Lapa durante a Revolução Federalista foi configurada por uma pequena cidade sitiada por tropas adversárias, por isso o nome Cerco da Lapa.

Com Gomes Carneiro assumindo o comando da praça de batalha fixada na Lapa, no fim de 1893, seguindo ordem de Floriano Peixoto, sem recuar mais (Carneiro, 2004, p. 44), o cerco aconteceria. Segundo David Carneiro, os primeiros confrontos acontecem em janeiro de 1894, mas de forma simultânea ocorrem conflitos com maragatos em Paranaguá, em Tijucas, o atual município de Tijucas do Sul, também no Paraná. Outras regiões do estado também ocorrem eventos relacionados à Revolução Federalista, a capital Curitiba, por exemplo, vai ser ocupada pelo líder maragato das tropas que avançavam por terra, Gumercindo Saraiva, também em Janeiro de 1894; no entanto, os eventos que aconteceram na Lapa ganham uma atenção e uma maior valorização na narrativa de David Carneiro do que qualquer outro acontecimento da Revolução Federalista.

Vimos anteriormente que a operação historiográfica não é neutra, depende de determinados interesses, agora, vamos apresentar alguns trechos das obras de David Carneiro sobre os dias de cerco que a cidade da Lapa sofreu durante a Revolução Federalista, para interpretar as representações criadas desse evento em sua narrativa.

Segundo Carneiro (2004) a ação já começava na Lapa desde o dia 13 de janeiro de 1894, quando Gomes Carneiro e um pequeno piquete de reconhecimento, ao sul da Lapa, entram em conflito com maragatos. Segundo David Carneiro, pela necessidade de defender Paranaguá e Tijucas, o contingente liderado por Gomes Carneiro na Lapa era reduzido, composto por novecentos e trinta e oito homens, cento e onze homens sob comando direto de Gomes Carneiro, trezentos e sessenta homens na 1ª Brigada e quatrocentos e sessenta e sete homens na 2ª Brigada (Carneiro, 2004, p. 77)¹⁵. Carneiro estima que os maragatos que atacavam o Paraná

15 A edição publicada pela Biblioteca do Exército Editora de *Cerco da Lapa e seus heróis* (1991) apresenta uma tabela com o número de homens lutando na resistência da Lapa (na página 73). Essa tabela é dividida em Seção de Comando com 111 homens, 1ª Brigada com 360 homens e 2ª Brigada com 467 homens, totalizando 938 homens. Ao fim da tabela mais detalhada sobre a composição das tropas existe um cálculo reduzido, que apresenta um número de soldados diferente da tabela: em vez de 111 homens no comando, aparece o número de 411 homens. No

contavam com uma coluna formada por mais de dez mil homens (2004, p. 78), dos quais, aproximadamente mil e duzentos começaram os ataques à Lapa, em 14 de janeiro de 1894 (Carneiro, 2004, p. 80).

Certamente, os dados numéricos de contingentes são um fator de descrição do Cerco da Lapa como sacrifício, ou seja, um das formas de representação que Carneiro cria sobre o Cerco da Lapa é o de sacrifício, bravura e heroísmo:

Os sitiados reconheciam, na Lapa, que cada ponto atacado era guarnecido por forças numericamente inferiores às atacantes, mas eles tinham confiança na bravura dos seus soldados comprovada nos contatos precedentes, e sabiam que havia recursos em marcha para socorrê-los, ou que, quando menos, estariam resistindo tenazmente, como fazia a heróica guarnição da Lapa. (Carneiro, 2004, p. 80).

Carneiro segue descrevendo os acontecimentos no Paraná, a queda de Paranaguá, a capitulação de Tijucas, a fuga do governador do Paraná em exercício, Vicente Machado e do líder militar das defesas no Paraná, General Antonio José Maria Pego Júnior, nesse ponto, nós temos uma representação com duplo significado, nas palavras de David Carneiro:

A guarnição de Paranaguá se compunha apenas de 400 homens dos patriotas e da guarda nacional, poucas dezenas de artilheiros da força de linha, encarregada do manejo dos 6 canhões Krupp postados na praia, toda sob o comando de um ébrio habitual, do Coronel Eugênio de Melo. (Carneiro, 2004, p. 85).

Ou seja, a descrição de um comandante mal preparado, o coronel Eugênio de Melo, além de criar uma representação de incompetência, ressignifica a representação do líder exemplar, fortalece o discurso do líder mítico e heroico, que cumpre suas ordens, nem que seja ao custo da própria vida.

General Pego é representado como covarde, pois a notícia da derrota de Paranaguá, que chega até Gomes Carneiro, na Lapa, chega por meio de um telegrama, enviado pelo próprio general Pego, segundo Carneiro, o comandante da Lapa pretendia ouvir notícias de vitória, para receber mais contingente para cumprir

entanto, a soma total é referente ao que diz a tabela, com 111 homens. A mesma inconsistência se repete na edição da Imprensa oficial do Paraná (2004). Acreditamos ser apenas um erro de digitação ou impressão, sugerimos a valorização do número de 111 homens na Seção de Comando, pois na obra *O Paraná e a Revolução Federalista* (1982) a mesma tabela aparece correta, com 111 homens no comando, 360 homens na 1ª Brigada e 467 homens na 2ª Brigada, totalizando 938 homens.

sua tarefa de defender posição, no entanto, ao ler o telegrama do próprio Pego, que Paranaguá se rendeu, exclama em voz alta, na presença de oficiais, que aqueles eram “*covardes*”:

Ao mesmo tempo, em súbita revolta, e com um violento soco na mesa, exclamou: “Que covardes!”

Verificando a seguir que se excedera em expressões, pediu aos oficiais presentes que não deixassem transparecer uma nota do que haviam ouvido, dizendo mais que era hábito seu pensar alto, e ainda mais quando, como naquele momento, estava entre amigos sinceros. (Carneiro, 2004, p. 89).

Se o que relatou David Carneiro for a verdade de fato, fica aqui evidenciado uma intenção clara de criar tais representações e reduzir a pessoa de Pego Júnior pela representação de covarde, pois mesmo sendo uma declaração com excesso de emoções, que não deveria ser levada em consideração, a narrativa desse episódio é uma clara demonstração intencionalidade de construção dessa representação. Outro evento narrado por David Carneiro para criar a representação de covardia para determinadas decisões e personagens da história, é a fuga de Pego Júnior e de Vicente Machado das suas posições na capital:

Apenas esquecendo alguns homens que deixara aguardando ordens para destruição das obras de arte de Graciosa e da estrada de ferro, e incapaz pelo medo, ou em virtude de traição, de ir com os 400 homens de que dispunha no momento, em auxílio do Coronel Carneiro ou de Pimentel em Tijucas, abandonou tudo, inclusive os trens de material bélico, munição e roupa que estavam preparados em Curitiba, fugindo para São Paulo com os canhões do 3.º de artilharia, e levando consigo o Capitão Lauro Mueller. A notícia que mandavam à sua frente, para São Paulo, era de que Carneiro fora batido, e que Tijucas se rendera.

Pego acabou abandonando os canhões que trazia, o primeiro deles ainda junto de Curitiba, e no primeiro arroio difícil de atravessar. Ele voltou à cidade arrastado pelos federalistas exaltados, figurando logo como troféu.

O que preocupava aos fugitivos era a pressa.

Vicente Machado, governador legal do Estado, que o precedera, em marcha para Castro, espera-o em Serro Azul, para acompanhá-lo; mas depois de uma discussão que tiveram, o presidente tomou a frente do General, e ao chegar ao Apiaí, a 24 de janeiro, telegrafou ao Marechal Floriano (Carneiro, 2004, p. 96-97).

Na sequência, David Carneiro apresenta o conteúdo da mensagem enviada de Vicente Machado para Floriano Peixoto, Carneiro aponta que esse telegrama possa ter causado uma “*atmosfera contrária*” a pessoa do Barão do Serro Azul, pois recaí sobre esse, o compromisso de negociar com os federalistas, ordem na cidade de Curitiba, durante a ocupação. A opinião na narrativa de Carneiro sobre a fuga de

Vicente Machado é diferente em relação a mesma atitude tomada pelo general Pego Júnior, se a fuga de Vicente Machado, para Carneiro, não ganha mais atenção do que simples narração do fato, para general Pego é construída opinião e representação negativa:

Desde os combates sérios de janeiro, caindo ao redor dos chefes os primeiros mortos e os primeiros feridos, rolariam também dos seus rostos as máscaras que o convencionalismo e os interesses houvessem por acaso amarrado. Começaria então o lendário banho dos Lethes e do Eunoé¹⁶, para obscurecimento de falhas, e revivescência das verdadeiras aptidões, não para julgamento definitivo que havia de vir em consequência, mas para a anulação dos incapazes e a glorificação dos mais bravos. (Carneiro, 1982, p. 165-166).

Nossas hipóteses sobre essas diferentes formas de entender os personagens envolvem. Em primeiro lugar, a posição de líder militar ocupada por Pego no Paraná, e a do líder político, mas civil, desempenhada por Vicente Machado no momento da fuga. Em segundo lugar, consideramos a posição social de Vicente Machado, que compartilhava o mesmo círculo social dos Silva Carneiro. Além disso, ele também era republicano e apoiador de Floriano Peixoto.

A partir de agora, vamos dividir as interpretações das narrativas de Carneiro e suas representações em três partes: os dias de cerco entre 17 de janeiro de 1894 até o dia do ferimento de Gomes Carneiro, em 07 de fevereiro de 1894; entre 07 e 11 de fevereiro de 1894 (do ferimento, à morte de Gomes Carneiro e à capitulação da Lapa); por fim, as narrativas sobre a capitulação.

Segundo Carneiro, no dia 17 de janeiro de 1894 o cerco da cidade se fecha, com tropas sob o comando dos generais maragatos Laurentino Pinto, Torquato Severo e Aparício Saraiva (Carneiro, 1991, p. 113). Ao longo dos dias, as tropas

16 Referência extraída da Divina Comédia, de Dante Alighieri (1265-1321), na parte do Purgatório, no canto XXVIII, entre os versos 121 ao 132:

"Esta água de uma origem não depende,
Que alimente vapor que em chuva desça,
Como rio que seca ou que se estende.

"De fonte certa vem que nunca cessa,
Pois por querer que Deus tanta dimana,
Quanta aqui por canais dois se arremessa
"A que neste álveo que ora vês, se encana
Memória do pecado desvanece,
Aviva a outra a da virtude humana.

"É Letes, se por ela o mal se esquece,
Eunoé quando lembra: atuam quando
O gosto de uma e de outro homem conhece.

Ou seja, o Letes é o rio do esquecimento dos pecados e o Eunoé é o rio da boa recordação, que revive a memória do bem. Era necessário o banho nos rios para atingir o paraíso.

federalistas organizavam ataques, mas as tropas lideradas pelos legalistas resistiam, no entanto, as palavras de Carneiro destacam de forma mais entusiasmada as vitórias legalistas, minimizando os constantes avanços revolucionários que aconteceram entre 17 de janeiro e 07 de fevereiro de 1894, sempre exaltando a atuação de Gomes Carneiro e de Joaquim Lacerda, como condicionantes para os sucessos da resistência, como citado nos combates do dia 17 de janeiro:

O Coronel Lacerda, então, mandou pedir uma boca de fogo, imediatamente remetida pelo Coronel Carneiro, que foi assestada no cemitério. Foi esse o local escolhido por Lacerda para dele dirigir os movimentos de sua brigada. Daí, sempre exposto, dirigiu o fogo. O Coronel Carneiro atendia ao mesmo tempo todas as frentes, e voltava ao cemitério onde a luta era mais intensa. Em face da insistência dos revoltosos sobre a retaguarda, Carneiro mandou outro canhão, assestado ainda no cemitério. A artilharia, aí, então, ficou sob o comando do Tenente Mario Tourinho, cuja alma e bravura foram notadas. (Carneiro, 2004, p. 99).

Os adjetivos usados como “bravura”, vão caracterizar toda narrativa de David Carneiro sobre as lutas que aconteceram com a cidade da Lapa sitiada, e também constroem a representação de sacrifício, ao manter a resistência com o cerco estabelecido.

No capítulo 8 de *Cerco da Lapa e seus Heróis* (2004), David Carneiro narra alguns eventos, onde Gomes Carneiro recusa várias tentativas de negociar o fim do cerco com os sitiados, causando os efeitos de degradação da cidade, escalada no grau de violência na Lapa sitiada e prorrogando o fim dos conflitos, “prolongou essa resistência suicida por 26 dias.” (Lacerda, 1985, p. 21). Segundo David Carneiro, as recusas de negociação de paz por parte de Gomes Carneiro, significavam sinais de “bravura e dignidade” (Carneiro, 2004, p. 104).

Gomes Carneiro se recusa a receber novos parlamentários, dessa vez, a mando de comerciantes de Curitiba, se recusa a receber os parlamentários, a ouvi-los e a receber seu ofício, que informava fatos sobre a situação de Paranaguá, Tijucas e Curitiba. depois dessa nova tentativa promovida por parlamentários de acelerar o fim da resistência, Gomes Carneiro decidiu que não receberia “parlamentários rebeldes.” (Carneiro, 2004, p.105). Novos negociantes foram repelidos à bala, evento lembrado por Ângelo Dourado, contemporâneo dos eventos, médico que acompanhou os federalistas em suas batalhas, segundo David Carneiro, um cronista federalista que escreveu suas impressões sobre o que viu e passou na

Revolução Federalista, essas impressões foram publicadas no livro *Os Voluntários do Martírio* (1896). Em sua obra, Dourado descreve o comportamento de Gomes Carneiro, afirmando que:

O coronel Carneiro pode ser considerado um dos homens mais valentes que temos tido. Mereceria uma estatua pela sua bravura e constancia; mas esta bravura tornada instrumento da tyrannia deixa de ser nobre; porque a tyrannia exige de seus adeptos a crueldade que os deshonra. A bravura de Carneiro não compensa a prohibição da retira da das familias de uma praça sitiada, a destruição de casas habitadas, pela dynamite, o fazer fogo sobre mulheres fugitivas, o mandar atirar pelas costas em pacatos negociantes que lhe iam dizer que o seu sacrificio era inutil, porque todo o estado estava em poder de seus inimigos. Levantar-se uma estatua a um homem d'estes que sacrificou a sua bravura, de que a Patria devia se orgulhar, para fazer calar os que o seu amigo ou chefe quer destruir e humilhar, seria dar lugar a que os que soffreram se oppuzessem, e uma estatua só pode ser a commemoração de actos dignos em favor da Patria. (Dourado, 1896, p. 169).

Claro que David Carneiro aproveitaria os elogios de Dourado na construção de suas obras, trazendo o sentimento de reconhecimento da valentia de Gomes Carneiro entre os inimigos, mas trata de logo justificar as acusações de Dourado, dizendo o referido trem foi oferecido, no entanto, as senhoras recusariam sair da Lapa, pois os homens, maridos, filhos, pais, que eram voluntários patrióticos e lutavam ao lado de Lacerda, não poderiam embarcar, assim, assumiriam os riscos de ficar (Carneiro, 2004, p. 92). Temos aqui, por tanto, um campo de narrativa em disputa, um representa Gomes Carneiro como tirano, outro como herói, uma dessas narrativas serviria para construção das representações que caracterizam Gomes Carneiro para a História.

Seguem as narrações dos eventos do Cerco da Lapa por David Carneiro de forma muito otimista e entusiasmada. Quando Carneiro se refere aos feitos do coronel Gomes Carneiro e de seus comandados, sempre qualificando os sitiadores e simpáticos às causas revolucionárias civis da Lapa como inimigos da República, covardes e traidores, os “federalistas ‘brancos’” (Carneiro, 2004, p.113). Com o passar dos dias ocorrem mais e mais confrontos, a resistência na Lapa fica cada vez mais apertada, os sitiadores tomam distâncias cada vez mais próximas dos sitiados. David Carneiro descreve os eventos selecionando acontecimentos que corroborem com sua narrativa de bravura e representando as lutas do Cerco como vitoriosas e favorecendo os sitiados.

As representações de covardia são direcionadas até mesmo para tropas legalistas paulistas, pois as mesmas não avançaram sobre os sitiadores, abandonando os lapeanos, que ainda esperavam esses reforços. Sobre esse ocorrido, Carneiro diz que:

Pela manhã de 27, o Coronel Carneiro recebe uma notícia sensacional. O tiroteio diminuía por toda a parte, e os canhões federalistas estavam atirando para o lado de noroeste. *"Devia ser a tropa paulista!"*, comentavam...

Entusiasmados, saem todos os oficiais do estado-maior, acompanhados pelo Coronel Carneiro, a observar o fato.

"Tudo é verdade, com efeito, disse ele, menos os tiros, que são de pólvora seca".

E a seguir ordenou fogo cerrado contra os federalistas em todas as frentes. Entretanto, a força paulista que marchara atrás de Pimentel, para reforçá-lo o efetivo, e que tão ansiosamente era esperada entre os heróis da Lapa, agira com uma covardia sem igual.

As forças paulistas se compunham do 4.º da Força Pública de São Paulo, do 108.º e do 164.º da Guarda Nacional, além do Frei Caneca.

O efetivo era grande e a força luzida, bem armada e bem municiada. Entretanto, ao primeiro contato com o inimigo, nesse mesmo dia 27, debandou toda, e em pequenos grupos voltou ao Itararé apavorada. (Carneiro, 2004, p. 115).

David Carneiro, além de denunciar a falta de coragem das tropas que tomaram fuga, denuncia também a atitude *"criminosa e injustificável"* de atirar armamento e munição na água:

Tal fora o pânico trazido que o Coronel Inocência Ferrás pensou em retirar-se para a Capital.

Ximeno Villeroy também alarmava a todos com os seus telegramas, declarando ser a invasão de 8.000 homens com muita artilharia, e que o Paraná estava em mãos dos revoltosos.

Aos poucos, foram chegando a Itararé os paulistas fugidos, e que em sua criminosa e injustificável fuga atiraram na água toda a munição que levavam e o armamento. (Carneiro, 2004, p. 116).

Depois disso, nos dias que encerram o mês de janeiro de 1894, apesar de seguir os ataques à Lapa, David Carneiro não narra nada em especial. Em 3 de fevereiro de 1894, após tentativas dos sitiadores de ataque final e definitivo, que foram repelidos pelos sitiados, às custas de muitas vidas e recursos que já eram escassos, Gomes Carneiro resolve enviar alguém para encontrar reforços para manter a Lapa sob comando legalista. Esse foi escolhido pelo coronel Lacerda, o capitão da Guarda Nacional Homembom Justo Cavalcanti, no entanto, como outros emissários, Homembom não voltou, ou não a tempo de efetivar o propósito inicial de

sua missão, pois Homembom só chegou em Itararé no dia 13 de fevereiro de 1894 (Carneiro, 2004, p. 121). Mesmo assim, as notícias da queda da Lapa demoraram a chegar, tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro, mas as tropas de reforço que Gomes Carneiro esperava não só nunca chegaram, como nem sequer receberam ordem de marcha.

Seria esse fato o ponto fraco da narrativa dos personagens heroicos de David Carneiro? A falta de movimento florianista para fortalecer e ajuda Gomes Carneiro poderiam demonstrar desorganização, incompetência, omissão, traição, covardia, desleixo em relação à situação de Gomes Carneiro? Foram tão impecáveis assim, como quer demonstrar David Carneiro, as medidas dos defensores da República, incluindo Floriano Peixoto?

David Carneiro não demora em defender Floriano Peixoto, de duas formas, primeiro, dizendo que Homembom chega tarde de mais em Itararé (Carneiro, 2004, p. 122), que nada adiantaria marchar para salvar a Lapa, pois a mesma já havia capitulado, no entanto, não aconteceu a habitual e constante demonstração de vigor e coragem, que aparecem no discurso de David Carneiro. Em seu livro *O Paraná e a Revolução Federalista* (1982), David Carneiro aprofunda explicações para justificar a inércia das tropas legalistas em iniciar marcha sobre o Paraná, segundo Carneiro: “não falharam as suas providências, enérgicas, incisivas. Mas nem todos eram Florianos e Carneiros” (Carneiro, 1982, p. 201), dizendo que em todos os telegramas enviados por Floriano, em notas, Floriano ordena reforços para (Gomes) Carneiro (Carneiro, 1982). Dessa forma, Floriano Peixoto, na opinião de David Carneiro, seria representado como herói da República, que não cometeu omissão em evitar as derrotas legalistas.

Entre os dias 7 e 9 de fevereiro de 1894, Gomes Carneiro é ferido e morre. O dia 7 de fevereiro de 1894 é considerado o mais violento do Cerco, pois a proximidade entre as tropas produzia combates cada vez mais mortais, segundo Carneiro, desde o dia 2 de fevereiro de 1894, a Lapa é bombardeada:

Desde o combate do dia 2 de fevereiro, não se haviam os sitiados animado a novo ataque geral, mas como os canhões continuavam cada vez com intensidade maior a sua obra destruidora, pressentia Carneiro que dum momento a outro se desencadearia novo ataque geral, para o que era preciso estar-se prevenido. (Carneiro, 2004, p.125).

Pela manhã do dia 7 de fevereiro os sitiados já ocupavam casas e quintais da rua das Tropas e da Rua da Boa Vista, onde Gomes Carneiro foi baleado “do lado direito do epigastro, por uma bala de Comblain, que lhe atravessou o estômago e o fígado” (Carneiro, 2004, p. 127). O ferimento causado acabaria com sua vida após dois dias, em 9 de fevereiro. Assim como Gomes Carneiro, muitos defensores também seriam feridos nos combates de 7 de fevereiro e muitos, como José Amintas da Costa Barros, morreriam, mas Carneiro narra os fatos com a habitual construção de significação, como o ataque violento do dia 7 de fevereiro não rendeu os sitiados, Carneiro classifica o combate como “mais uma amarguíssima vitória dos heróicos sitiados. Vitória com perdas irreparáveis” (Carneiro, 2004, p. 129). Em fim, Carneiro começa a criação de representação de derrotas gloriosas, de sacrifícios em nome de uma vitória maior, efeitos de lealdade, cumprimento de dever e, novamente, heroísmo.

A representação de Carneiro de bravo herói, irretocável líder, sólido legalista e defensor da causa florianista, após ser ferido começa a ser ressignificada. Na narrativa de Carneiro os antigos adjetivos do coronel Gomes Carneiro sofrem uma fusão com um Gomes Carneiro humanista, complacente, tolerante, ou, um “mártir” da República, como é visto nas frases que David Carneiro atribuiu ao coronel Gomes Carneiro: “É uma glória morrer-se pela sacrosanta causa da Republica” (Carneiro, 2004, p. 128); ao passar por um federalista ferido: “O adversário ferido, não é inimigo. Merece consideração e precisa do nosso carinho” (Carneiro, 2004, p. 129). Ainda pela manhã desse dia 7 de fevereiro, o Coronel Cândido Dulcídio Pereira também é baleado.

Como não aconteceram reuniões, as ordens de Gomes Carneiro continuavam as mesmas: “Rezistencia, rezintencia, rezistencia a todo o transe” (Carneiro, 2004, p. 132); “Só ha uma ordem: rezistencia, rezistencia a todo transe” (Carneiro, 1982, p. 221). No dia 8 de fevereiro de 1894 os ataques foram de bombardeio e luto, morreria coronel Dulcídio, um dos líderes mais atuantes da resistência. No dia 9 de fevereiro de 1894, por volta de dezoito e trinta, o coronel Gomes Carneiro “estava morto” (Carneiro, 2004, p. 136).

A narrativa de David Carneiro sobre a morte de Gomes Carneiro é intensamente carregada de sentimentos, mas não demora para envolver em sua descrição dos fatos a construção de mais uma representação. Para os significados da morte de Carneiro e o sentido da insistência de lutar e resistir, Gomes Carneiro

começa a ganhar a imagem de mártir da República, a luta, que ia dando sinais de desgaste total, queda iminente, ganha uma interpretação de derrota imediata, mas que foi determinante para a vitória final, uma “*Gloriosa Derrota*”, como reproduz o título do capítulo do livro *Cerco da Lapa – do começo ao fim*, de Francisco Brito de Lacerda (1985).

Dessa forma, David Carneiro vai abrindo caminho para justificar a capitulação da Lapa, que acontece dois dias depois da morte de Gomes Carneiro, em 11 de fevereiro de 1894. Segundo Carneiro, o corpo do chefe militar recém-falecido foi inumado na sacristia da igreja matriz da Lapa no dia 10 de fevereiro, às oito horas (Carneiro, 2004, p. 139), por isso, após reunião com os oficiais da resistência o coronel Joaquim Lacerda substituiria Gomes Carneiro no comando do que restou das tropas na Lapa. No entanto, a narrativa de Carneiro já não fala mais em resistência:

Lacerda que propusera a resistência até o último cartucho enquanto Carneiro vivesse, estava agora certo de que sua obrigação era salvar os horrores de uma tomada a viva força, a cidadezinha em que nascera, cidade que escrevera com sangue, uma página de epopéia. (Carneiro, 1982, p. 224).

Após trocas de ofícios entre general federalista Laurentino Pinto e Joaquim Lacerda, uma reunião para discutir os termos da Capitulação foi marcada na casa de Joaquim Lacerda. Segundo Carneiro, não existiam mais condições para manter a resistência, mas principalmente para “subtrair a população aos horrores da fome e do massacre que seria inevitável” (Carneiro, 2004, p. 143). Seguindo das bases garantidas pelo general Laurentino, a ata de capitulação foi lavrada e assinada. Assim, de uma batalha vitoriosa, justa, de resistência necessária, devido a capitulação o Cerco passa a ser narrado como determinante para a futura vitória de Floriano, salvação e consolidação da República. Também como mecanismo de salvação da população inocente e vítima, envolvida nos conflitos e agora estariam à disposição dos inimigos da República, representados como homens orgulhosos, cheios de interesses egoístas, vaidosos e ambiciosos. Segundo Carneiro:

Mais tarde Gumerindo Saraiva, que não tinha outro ideal além da ambição de poder e de glórias militares, envaidecido com suas efêmeras vitórias e orgulhoso do seu título de general, encontrando a barreira intransponível do Itararé, faria em Ponta Grossa um manifesto sui generis, convidando os

estados do Sul, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, a formarem uma só República. (Carneiro, 1982, p. 67).

Essa é a representação que David Carneiro faz do líder dos maragatos, Gumercindo Saraiva, por isso, segundo Carneiro, a primeira ata não foi aceita por Gumercindo:

Gumercindo e Piragibe, despeitados da glória obtida por Laurentino, vieram logo dos seus acampamentos para a Lapa, não só para pedirem contas ao colega da sua ação generosa, como mesmo desejosos de magoá-lo rasgando essa ata de capitulação. (Carneiro, 2004, p. 144).

A segunda ata é definitiva, encerra os combates entre chimangos e maragatos na Lapa.

A narrativa de Carneiro glorifica a guerra, produz imagem de uma batalha salvacionista, romantizando supostos heróis, criando uma representação do Cerco da Lapa como a via que determinou a salvação e consolidação da República.

3.4 OS HERÓIS

A produção historiográfica de David Carneiro, a partir de sua narrativa, cria representações. A mais evidente de todas essas representações é a sustentação do mito do herói. Mitificar o herói é parte da sua “operação historiográfica”, construindo, assim, uma identidade:

A reflexão do herói, como elemento identificador de uma coletividade, não deve contar somente com uma interpretação unilateral da documentação oficial, mas tratar também dos vestígios de memória, entendendo o monumento como um documento que gerou o cotidiano dos que vivenciaram aquela batalha. (Corodva, 2007, p. 151).

No entanto, essa identidade estava ligada a coletividade da qual David Carneiro pertencia, isto é, um local de destaque político e social, ligada a economia da erva-mate, uma vez que, segundo Machado: “David Carneiro se erige como porta-voz desta classe” (Machado, 2012, p. 26).

Em *Cerco da Lapa e seus heróis* (2004) vamos analisar a busca pela construção do ideal identitário e a mitificação do herói em três categorias, o político:

Marechal Floriano Peixoto; o civil: Joaquim Resende Lacerda e o militar: Antonio Ernesto Gomes Carneiro.

Durante a Revolução Federalista o governante que ocupava o cargo de chefia do poder executivo no Brasil era o Marechal Floriano Peixoto, como já vimos anteriormente. Floriano Peixoto vai chegar ao comando do Brasil num momento de tensões que poderiam ameaçar a recém-criada República. Um dos desafios para consolidação da República foi a renúncia do Marechal Deodoro da Fonseca. Outro destaque que desafiava a consolidação da República foi a polêmica interpretação do artigo 42 da Constituição vigente, que manteve Floriano no poder sem convocar novas eleições. David Carneiro começa a sua exaltação ao herói com papel político justificando a permanência de Floriano no poder:

Desde logo surgiu a dúvida sobre se deveria proceder-se à eleição do presidente, de acordo com o artigo 42 da Constituição, ou se o Marechal Floriano deveria continuar no governo como vice-presidente, de acordo com as disposições transitórias.

A dúvida só podia ser sofisticada. Floriano era o legítimo governador do país, e o seria ainda mesmo que contrariasse disposições legislativas, pelas necessidades do momento. (Carneiro, 2004, p. 26).

A argumentação de Carneiro para justificar a permanência de Floriano no poder demonstra alinhamento ideológico favorável e incondicional ao Marechal, mesmo que contrariasse a lei, por tanto, todo contraste a essa posição vai ser qualificada de forma pejorativa: Gaspar Silveira Martins, opositor de Floriano, logo é qualificado como restaurador (Carneiro, 2004, p. 28), por tanto, inimigo de Floriano que colaborava para criar uma situação política de desordem, em um ambiente com ânimos exaltados, por isso, na opinião de Carneiro, Floriano começa a se converter em herói. Por demonstrar grande força em centralizar o poder, “salvaria” a República e por ser o pacificador do Brasil:

Desde logo, poder-se-ia prever que, se o governo central fraquejasse, o desgoverno levaria a nação ao caos, sendo mesmo provável que a tendência fosse a uma restauração monárquica.

O governo forte teria que reprimir a desordem pela força, e daí o sangue jorraria manchando o solo do Brasil. Foi o que se deu nos anos seguintes, até a completa pacificação, e foi como órgão desse que soube compreender as necessidades do Brasil a fim de que os paranaenses de Tijucas e, especialmente, da Lapa, escreveram nos fastos republicanos páginas de epopéia, capazes de orgulhar a quer povo do mundo. (Carneiro, 2004, p. 29).

David Carneiro é escritor habilidoso, isso é inegável. Quando se trata em mitificar heróis regionais, David Carneiro não poupa toda sua habilidade e eloquência escrita para evidenciar nas suas narrativas as qualidades dos personagens mitificados, justificar atitudes e criar representações:

O Marechal Floriano Peixoto não deixara de fazer as mais patrióticas e altruísticas tentativas pela pacificação do Rio Grande, enquanto a revolução não tomava o caráter geral que assumiu pouco mais tarde. (Carneiro, 2004, p. 35).

No ponto de vista de David Carneiro, Floriano se torna um grande herói por salvar a República, com movimentos estratégicos cirúrgicos, inteligência e sagacidade. Um desses movimentos destacados na narrativa de David Carneiro foi escolher Gomes Carneiro para substituir o general Argolo e fazer ponto de resistência na Lapa, sem retroceder:

“Não me negue êsse serviço”, pediu Floriano, para dar-lhe liberdade de assentir ou recusar, certo de que em tais circunstâncias a convicção, a convergência voluntária, é que importa. Floriano termina, invocando a sua capacidade de soldado jamais desmentida, a sua bravura sem limites, a sua experiência comprovada. Gomes Carneiro não pudera interromper-lhe a veemência do discurso, mas, como quem não quer perder um minuto, olhando à volta, perguntou por um mapa a fim de concertarem os meios de defesa. – Não, meu caro, disse Floriano; você vai com carta branca; fará o que quiser, dentro desta determinação geral: Não deixá-los passar! (Carneiro, 1982, p. 96).

David Carneiro defende que Floriano nunca falhou como líder durante a Revolução Federalista ou com a resistência na Lapa. Por mais que os reforços nunca chegassem até a Lapa, Carneiro diz que suas pesquisas identificam ordens energéticas de Floriano para que tal acontecesse. Não são pontuados equívocos de comando, mas supostas falhas são atribuídas a todos os outros que “não eram Florianos e Carneiros” (Carneiros, 1982, p. 201), insistindo na sua narrativa na glorificação de Floriano como herói da salvação e da consolidação da República.

David Carneiro diz que a Revolução Federalista e a Revolta da Armada contra Floriano, passaram por três fases:

A campanha de 1894, encarada como a maior revolução interna nacional, de quantas têm tido o Brasil, como reação armada contra um golpe

evolutivo, qual fosse o da feliz proclamação da República¹⁷, pode ser vista como constituindo três fases de desenvolvimento em ascendente e uma de decadência. Na primeira fase (incipiente) a luta se desenvolve no Rio Grande do Sul como em fermentação, e todos os pruridos exteriores são sufocados.

Na segunda fase, (incrementação) os revolucionários, continuando as guerrilhas no Rio Grande, passam a fronteira de Santa Catarina, decididos a levarem através dos estados do Sul, até o Rio de Janeiro, o facho da revolta. Então se produzem adesões no centro (o Manifesto Saldanha) e a ruptura de vários almirantes e generais que se transportam para o campo de operações.

Na terceira fase (decisiva) a luta se acende em proporções violentas no Rio de Janeiro e no Paraná.

Enfim, derrotados pelo tempo e pela força, verificando a impossibilidade de levarem a termo os seus desideratos, os revolucionários recuam, desaparecem, dissolvem-se... (Carneiro, 1982, p. 282).

As medidas de Floriano representadas como heroicas seguem por todas essas fases de desenvolvimento dos acontecimentos. Segundo Carneiro, a ocorrência dos fatos foram fruto do planejamento e das decisões de Floriano Peixoto, incluindo a derrota que a Revolução sofreu, mas Floriano fica desgastado fisicamente e adoecido, mesmo que radicais tentassem mantê-lo no poder de forma vitalícia, a saúde do Marechal Floriano impossibilitou esse “projeto” (Carneiro, 1982, p. 283).

Assim, David Carneiro justifica o pseudônimo que Floriano ganha e fica conhecido na história do Brasil, o “Marechal de Ferro”:

E porque o chamariam de Marechal de Ferro?

Pela energia e pela inflexibilidade com que levava a termo todos os seus atos, e os atos executados pela sua administração.

Pela liberdade com que levava a efeito as soluções que lhe pareciam necessárias ao Brasil, ao restabelecimento da ordem, no seu tempo, e a responsabilidade que assumia ante o mundo, de viseira erguida; por tudo aquilo que executava.

Durante o primeiro período da revolução federalista, não lhe cabia outro papel senão o de temporizar, tentando pacificamente obter a calma do Brasil.

Durante a segunda fase, o Marechal Floriano não tinha outro caminho que não fosse o de preparar-se para enfrentar a procela que antevia certa, embora não tão violenta quanto veio de fato.

A terceira foi aquela em que decisivamente enfrentou pela ordem do Brasil e em nome de sua estabilidade e de seu progresso, o ataque violento dos que tentavam dismantelá-lo, ou fazê-lo retrogradar. (Carneiro, 1892, p. 283-284).

Carneiro ainda explica que Floriano teve que tomar ofensiva contra as rebeliões, pois “só assim o Marechal poderia extirpar de vez o mal da rebelião, o

17 Possível erro de impressão da edição, sugerimos ler a palavra “República”.

germe da revolta e os ódios que ficaram latentes à espera oportunidade e sinais de fraqueza para explodirem” (Carneiro, 1982, p. 284), para isso, Floriano tinha dois caminhos, vencer os exércitos que chegaram até o Paraná, até a derrota completa, ou até expulsá-los do Brasil; assim como “punir cruelmente os que tiveram contribuído para a revolução, de maneira direta ou indireta” (Carneiro, 1982, p. 284).

Porém o que ocorreu nos Estados onde os maragatos pisaram foi uma grande demonstração de excessos, primeiro pela guerra, depois para fazer valer a “justiça” de Floriano.

Segundo David Carneiro, a forma com que a “justiça” de Floriano seria aplicada, seria entregar uma “carta branca” nas mãos dos chefes militares comandantes dos distritos reocupados pelas tropas florianistas, no entanto, o que acontece é um conjunto de assassinatos. Segundo Carneiro, a culpa é dos próprios chefes militares, que não souberam cumprir seu dever, não fosse isso, no Paraná, teríamos talvez, um único réu fuzilado em 1894 (Carneiro, 1982, p. 284).

O que temos aqui é um conflito entre a narrativa de David Carneiro e os excessos que foram cometidos pela reocupação legalista, a narrativa ideologicamente alinhado a Floriano precisava justificar e defender o indefensável, já que as punições eram ordens direta de Floriano, por isso atribuiu a culpa dos excessos das ordens de Floriano a outras pessoas, pois uma notória vítima doa excessos seria o próprio Barão do Serro Azul. Como poderia, um grande herói da República, ser o mandante de um assassinato tão cruel e injusto? Carneiro cria uma resposta para essa pergunta, buscando em relatos e textos evidências de que Floriano não foi mandante da execução do Barão e nem sabia que o assassinato do Barão aconteceria, encontrando outros nomes para atribuição das culpas.

Carneiro faz uma reflexão retórica sobre a necessidade das punições que aconteceriam:

A punição dos chefes era necessária para dar exemplo?

Sem dúvida. Mas então que se alardeasse com força a grandeza do exemplo; o que não se devia fazer e o que se fez no 5º distrito militar, foi fugir com evasivas e mentiras à responsabilidade do assassinato, pois que só assassinato se pode chamar à matança levada a efeito sem julgamento e sem defesa ante um tribunal qualquer, por mais irregular embora, onde o governo aja em nome de uma ordem estabelecida em lei, e codificada. Não há dúvida que era necessária a punição dos chefes envolvidos na luta contra o governo, mas essa punição devia ser feita legalmente. (Carneiro, 1982, p. 284).

No Paraná, o chefe comandante de distrito era o general Francisco Raimundo Ewerton Quadros, eram suas as ordens de prisões no Paraná. Sob suas ordens muitas execuções aconteceram. Segundo Carneiro, o capitão Joaquim Augusto Freire era secretário-geral de Ewerton Quadros, por recomendação direta de Floriano Peixoto. David Carneiro diz, através de relatos, que Joaquim Freire tinha posse de um arquivo particular, que eram evidências incontestáveis de que, nem Vicente Machado, nem Floriano Peixoto tiveram participações nas execuções que aconteceram em 20 de maio de 1894, no quilômetro 65 da estrada de ferro entre Paranaguá e Curitiba, sendo um dos executados, o Barão do Serro Azul (Carneiro, 1892).

Segundo Carneiro, Joaquim Freire foi mentor do assassinato do Barão, com consentimento de Quadros: “Joaquim Augusto Freire, que exercia as funções de capitão, fora o mentor, segundo sua declaração expressa, e para vingar-se de uma tentativa de suborno, desse assassinato, consentido pelo General Quadros.” (Carneiro, 2004, p. 159).

Dessa forma, David Carneiro faz seu julgamento sobre a participação de Floriano Peixoto sobre os eventos de instalação e consolidação da República como:

Daí decorre o julgamento necessário aos dois partidos que tenderam, no Brasil, depois de 1889, um a perturbar a ordem, visando, ainda mais, a uma retrogradação; outro que se dispôs com todo o sacrifício a manter a ordem legal estabelecida, ainda mesmo que pesasse essa legalidade legítima aos legistas, que se apegavam aos sentidos literais das leis, sem verem as grandes necessidades sociais que determinavam uma conduta, por parte do Marechal Floriano Peixoto, detentor do poder na ocasião, de reação contra a desordem e a anarquia sob as múltiplas formas por que se apresentou. (Carneiro, 2004, p. 163).

A representação final dos atos de heroísmo de Floriano Peixoto narrado por Carneiro é o do consolidador da República:

Foi nessas circunstâncias que o Marechal Floriano, contando com a sua férrea energia e alguns auxiliares de dedicação extrema, foi a pouco e pouco conseguindo debelar o mal, fazendo voltar o país ao equilíbrio estável e consolidando a República. (Carneiro, 2004, p. 163-164).

Na narrativa de David Carneiro a construção do herói civil recai sobre o coronel Joaquim Resende de Lacerda, o líder local, civil, da resistência na Lapa.

David Carneiro narra de forma muito incisiva a participação de Lacerda, para justificar sua classificação como “herói” do Cerco da Lapa.

Não podia ser diferente, pois laços de parentesco unem a família Lacerda a David Carneiro, já que Manoel José Correia de Lacerda era sogro de David Carneiro e irmão de Joaquim Lacerda, essa proximidade familiar é evidenciada nas dedicatórias do seu livro sobre os heróis do Cerco da Lapa:

Á memoria de MANOEL JOZÉ CORREIA DE LACERDA, meu sogro, irmão do comandante da 2.^a brigada na resistencia da Lapa, secretario da mesma brigada, e escrevente da áta de capitulação, pessoa com quem aprendi a honrar a memoria dos heróis que salvaram a Republica, jamais descrendo do que ela seria; (Carneiro, 2004, p. 5).

Joaquim Resende de Lacerda, lapeano, nascido em 29 de março de 1845 (por ironias do destino, caprichos da História, por acaso, é o mesmo dia do ano em que nasceu o autor das obras que o classificaria como herói da República), filho de Manuel Correia de Lacerda e de Leocádia Cassiana Resende de Lacerda, era comerciante e pessoa de grande influência local, já na campanha do Paraguai, foi um dos organizadores de um dos batalhões que entraria em combate (Pereira, 2018, p. 79). Durante a Revolução Federalista, liderou a resistência convocando um batalhão de “patriotas” que lutaria em defesa do poder estabelecido. Num primeiro momento, em 31 de outubro de 1893, quando as tropas legalistas ainda avançavam para Santa Catarina, na época sob o comando do general Argolo, quando chegam na Lapa são recebidos justamente “pelo cidadão Joaquim Lacerda, que aprontara espontaneamente 60 homens para a luta.” (Carneiro, 2004, p. 40).

Na descrição dos primeiros embates entre os federalistas e os legalistas no Paraná, a narrativa de David Carneiro começa a atribuir valores heroicos à participação de Joaquim Lacerda. Segundo Carneiro, ao reestabelecer passagem por uma ponte reconstruída pelas forças comandadas pelo coronel Lacerda no rio da Várzea, as forças comandadas por Argolo conseguem retornar à Lapa, fugindo de uma carga fulminante de cavalaria. Em meio ao pânico e aflição, determinantes para um sítio, do tenente Fidêncio Xavier, a ponte é reestabelecida, salvando aqueles soldados e o próprio Argolo, que continuariam sua marcha de retorno para a Lapa. Segundo Carneiro: “Foi nesse dia que o Coronel Lacerda mostrou mais a sua presença de espírito e a sua grande intuição militar, enquanto seu comandante reclamava a intromissão do paisano no comando da coluna.” (Carneiro, 2004, p. 43).

Quando Argolo é substituído por Gomes Carneiro, que estabelece posição de resistência na Lapa, Lacerda continua no comando das tropas:

Em 1893, durante a Revolução Federalista, assumiu o comando superior da Guarda Nacional de seu município natal, atuando no treinamento dos soldados que lutaram no episódio conhecido como cerco da Lapa. Conhecido por ser um entusiasta do regime monárquico, mesmo assim recebeu o título de coronel honorário do Exército brasileiro por sua participação na luta contra os federalistas. (Pereira, 2018, p. 79).

Segundo David Carneiro, Gomes Carneiro deveria encontrar um tal Lacerda na Lapa, "O tal Lacerda a que Floriano se referia, agradou-o desde logo no seu arrojo, na sua valentia, na sua falta de respeito às etiquetas, e pragmáticas" (Carneiro, 2004, p. 65). Agora, diz David Carneiro que a força sob o comando de Lacerda estava consideravelmente aumentada, com 650 homens:

Lacerda tinha todos os seus homens presos à sua gaveta ou ao seu coração, quando não a ambos, como chefe político rico, prestigioso e valente. Apesar de tudo, quando os chamava e pedia-lhes para o servirem naquela contingência, declarava logo: "*Fujam vocês todos se eu não estiver à frente nos lugares de mais perigo!*" (Carneiro, 2004, p. 66).

Sendo assim, seguir Lacerda era uma escolha voluntária ou falta de opção por coação? A narrativa de David Carneiro idealiza a liderança do Coronel Lacerda por valentia, mas deixa bem evidente o orgulho em mostrar um Lacerda que é líder civil local devido sua condição de homem rico e bem-sucedido, parecendo existir uma contradição entre os motivos que levam Lacerda ter seu prestígio social e ter sua construção de herói contestada.

Carneiro trata de corrigir essa contradição, representando Lacerda não só como um líder local, mas um chefe e amigo de seus concidadãos. Sem Lacerda, não existiria batalhão de voluntários da Lapa, pois o lapeano só seguiria seu líder local, o coronel Lacerda:

A caboclada que se bateu patrioticamente na Lapa, sem jamais ter recebido um tostão de soldo nem a menor recompensa ou referência pessoal, bateu-se pelo Coronel Lacerda, seu chefe, amigo, padrinho ou credor, e longe dele não se bateria com ardor, e talvez nem mesmo se batesse. (Carneiro, 2004, p. 66).

Nesse trecho podemos perceber que existem vários motivos que fazem o povo da Lapa seguir Lacerda, todavia, não existem evidências de que esse apoio

seja reconhecimento da justa causa florianista ou rejeição pela causa federalista. O que fica evidente é uma influência pessoal que Lacerda exerce sobre a população da Lapa na época da Revolução Federalista.

Mesmo Lacerda exercendo tanta influência, seja essa influência fruto das narrativas de David Carneiro, ou reais, existiam os lapeanos que eram simpáticos as causas federalistas, chamados por Carneiro de “federalistas brancos” (Carneiro, 2004, p. 113), mas é intenção de Carneiro narrar apenas a influência que Lacerda exercia sobre os seus, passando a produzir uma representação menosprezada da participação daqueles que tinham uma opinião diferente sobre a legalidade do governo de Floriano, um apagamento histórico daqueles que não eram alinhados às causas legalistas.

Carneiro também representa Lacerda como um líder benevolente quando narra o caso do Sargento Bexiga. Segundo Carneiro, Bexiga foi julgado e considerado culpado de traição, por ter proposto para alguns colegas passar para o lado dos revolucionários. A pena imposta por Gomes Carneiro seria fuzilamento, mas Lacerda salvou Bexiga, Gomes Carneiro cede à intercessão de Lacerda (Carneiro, 2004, p. 90) e Bexiga vai para prisão.

A participação direta no cerco é um forte argumento apontado por Carneiro para construir a memória de Lacerda como um dos heróis do Cerco da Lapa, a narrativa de David Carneiro sobre as batalhas orbitam em torno dos movimentos de Gomes Carneiro, no entanto, Lacerda sempre é citado como líder e combatente muito valente, pois segundo David Carneiro, Lacerda assume o comando da praça de combate da Lapa após a morte de Gomes Carneiro, pois o próprio Ernesto Gomes Carneiro chegou a pronunciar que “Foi preciso que eu viesse à Lapa para descobrir um herói; o Coronel Lacerda é um herói...” (Carneiro, 2004, p.131-132).

Joaquim Lacerda assume papel de protagonismo durante capitulação da Lapa, mesmo com ordens e promessas de resistência até o sacrifício final. No mesmo dia da morte de Gomes Carneiro a capitulação da Lapa é acordada e assinada pelo Coronel Lacerda. Lacerda não poderia ser representado como covarde por aceitar a rendição? Lacerda não foi mais um traidor, por aceitar a rendição? A narrativa de David Carneiro vai continuar a construção da pessoa de Lacerda como um grande herói da República, justamente por ter tido lucides e assinar a capitulação, transformando a derrota da Lapa em fim do movimento revolucionário. E a Lapa capitulou.

Joaquim Lacerda, sua esposa Maria Magdalena Moojen Lacerda (natural de Lagoa Vermelha, no Rio Grande do Sul, também vivia aflita por sua família no Rio Grande do Sul) e seu filho, o jovem José Lacerda, sobrevivem aos combates na Lapa.

Após a capitulação da Lapa, o Coronel Lacerda sem acreditar nas “garantias” da capitulação, embarca num trem para Curitiba junto com sua família, depois para Paranaguá. O destino final seria Antonina, mas Lacerda, seu filho José, o tenente-coronel Líbero Guimarães e outros republicanos fogem em uma canoa. Fica em Antonina dona Maria Magdalena. Lacerda e seus colegas enfrentam 15 dias de mata até chegar em São Paulo. Chegaram ao Rio de Janeiro no dia 6 de maio de 1894. Quando as tropas legais reocupam o Paraná, Maria Magdalena seria resgatada pelo jovem José Lacerda, seu filho, porém, somente em 7 de julho de 1894, a família Lacerda se reúne novamente no Rio de Janeiro (Damin, 2023, p.144):

Em 14 de novembro de 1894, quando a família já havia retornado à Lapa, o presidente da República, Floriano Peixoto, promoveu Joaquim Lacerda a coronel honorário do Exército em razão de seu heroísmo durante a Revolução. Em 1897, é eleito senador pelo estado do Paraná e em 1905 é diagnosticado com tumor no intestino, decide ser operado na sua Lapa, sobrevive a seis longos meses de agonia e morre, cercado de sua esposa e família, em casa. Dona Maria Magdalena nunca mais se casou e faleceu no final de 1931. Ela jamais voltou para ver a família na distante Lagoa Vermelha. (Damin, 2024, p. 146).

Cláudio Júnior Damin faz relatos de grande interesse sobre o Coronel Joaquim Lacerda após a assinatura da ata de capitulação e sua trajetória política no congresso nacional, mas em seu trabalho, Damin destaca o papel da esposa do Coronel Lacerda, Dona Maria Magdalena, durante a Revolução e o Cerco da Lapa. Uma das principais problematizações que esta dissertação quer debater é justamente a representação nas narrativas de Carneiro, o exagero de memória e o apagamento que sua narrativa acaba por produzir, na sua construção historiográfica, ao exaltar o papel dos heróis, valorizar em sua narrativa apenas o papel de determinados personagens, idealizando uma identidade, perpetuando os heróis mitificados, como o Coronel Lacerda, David Carneiro esquece de valorizar em sua narrativa os familiares, as mulheres e tantos outros personagens envolvidos nos episódios. A construção do “herói” por David Carneiro mantém o silenciamento histórico de categorias sociais inteiras.

A única menção que David Carneiro faz sobre a participação de dona Maria Magdalena no Cerco da Lapa na obra *O Paraná e a Revolução Federalista* (1982) narra o curto diálogo entre Magdalena e Gumercindo Saraiva, na refeição oferecida por Joaquim Lacerda após a assinatura da segunda Ata de Capitulação:

A Exma. Senhora Esposa do chefe vencido, Dona Madalena Moogen de Lacerda presidiu o ágape, e pediu desculpas do pouco que oferecia. Nem carne tinha, para pôr à mesa; e "há tantos dias..." disse ela com modéstia. Gumercindo interrompeu: - Porque no me dijo Usted, señora? Le mandaria una novilla en forma!?... (Carneiro, 1982, p. 235).¹⁸

Pelo destaque apresentado acima podemos justificar a problemática dos apagamentos de memória na narrativa de David Carneiro. Mulheres são representadas como apêndices de maridos ou pais, negros são apenas citados, por tanto, completamente desvalorizados.

Na narrativa de David Carneiro os militares são representados como grandes heróis, como ideal identitário a ser atingido. Segundo Daiane Machado, David Carneiro teve formação predominantemente militar. Foi "regenerado" pela educação militar, devia veneração aos professores e ao método militar (Machado, 2012a, p. 29), por tanto, defendemos a hipótese da formação militar de David Carneiro ser um dos principais motivos para o seu apego a temas militares na sua escrita, a exaltação dos feitos e dos eventos militares, para mitificação dos heróis militares e valorização do ideal identitário militar. Essa influência militarista também é vista nos trabalhos historiográficos de David Carneiro.

Para Carneiro, o herói máximo da Revolução Federalista, quem defendeu e salvou a República no Cerco da Lapa, foi Antônio Ernesto Gomes Carneiro.

A personalidade histórica do General Antônio Ernesto Gomes Carneiro é quase onipresente na historiografia de David Carneiro, no entanto, escolhemos três obras para demonstrar as representações heroicas construídas na narrativa de David Carneiro sobre Ernesto Gomes Carneiro, o herói militar.

18 Outras fontes narram esse mesmo evento de um modo mais esclarecedor:

Gumercindo, ao estranhar a falta de carne na refeição, indagou a senhora Lacerda, que se explicou: "O cerco... estivemos quase a morrer de fome". O caudilho, por sua vez, logo comentou, em espanhol, a língua que falava: "porque no dijo usted, señora? Le mandaria carnear una novilla!". Seu marido manifestou-se, prossequindo na brincadeira ao dizer: "Permita-me que ponha em dúvida a possibilidade de realização da oferta.... Se mandar balas certeiras, que era de obrigação, voscê não faziam, como iam lá lembrar-se de fazer alguma coisa que não era de obrigação?". O general Laurentino, ao ouvir o diálogo, "riu-se às gargalhadas", não deixando o clima azedar entre florianistas e maragatos. (Damin, 2023. p 140-141).

Uma das obras é uma biografia intitulada “*Gomes Carneiro e a consolidação da República*” [19--], outra obra é o “*Cerco da Lapa e seus heróis*” (2004) e também “*O Paraná e a Revolução Federalista*” (1982).

David Carneiro divide a biografia de Gomes Carneiro em duas partes. Na primeira parte, seguindo suas metodologias, aborda a vida de Gomes Carneiro desde o seu nascimento, fazendo uma boa explicação do “seu meio físico e humano” ([19--], p.9) até o momento em que Gomes Carneiro é convocado para assumir o comando das tropas do general Argolo, na Lapa, em 1893. Narrando seu nascimento, sua filiação, formação educacional, alistamento militar, seu início de carreira, sua participação na guerra do Paraguai, a ascensão na carreira militar, trajetória na Escola Militar da Praia Vermelha, o casamento, ações de comando no corpo de engenheiros, sua posição nos episódios da Proclamação da República, o trabalho nas linhas telegráficas com o então alferes Rondon, por fim, o comando do Corpo de Bombeiros (Carneiro, [19--]).

David Carneiro narra a biografia de Ernesto Gomes Carneiro com sua habitual exabundância de elogios, em todas as suas etapas de vida, um exemplo disso é a representação naturalizada de Ernesto Gomes como filho e irmão amoroso:

Como se pode ver pelas cartas reproduzidas, Antônio Ernesto era de natural, afetivo, e se comovia lembrando-se dos parentes e amigos que deixara em sua terra. Nada tinha de frio, e sobretudo com sua irmã querida e, com sua Mãe, era inexcusavelmente respeitoso e afetivo como um verdadeiro sentimental, apesar dos atos de bravura de que era capaz, que pareceriam contraditar a sua natureza mas que ao contrário, somente, a confirmavam. Era um exaltado, mas ao que dizem os psicólogos, a exaltação é natural aos que possuem coração generoso, e Gomes Carneiro era um homem extremamente bondoso, embora duro quando se tratasse das suas obrigações, em face da Pátria. (Carneiro, [19--], p. 26).

Outro exemplo da construção de representação pela narrativa, é o relato do evento de sua promoção ao posto de coronel, após a atuação na rede de telégrafo, com um destaque interessante, “a promoção por merecimento”, seguido por um “é claro”, criando a imagem que, quando se trata de Gomes Carneiro, as promoções, o reconhecimento, a glorificação eram óbvias e naturais:

O governo necessitava porém dele, Gomes Carneiro, e chamou-o. Estava à disposição do Ministério da Agricultura quando foi chamado para comandar o Corpo de Bombeiros. Atuou aí, como sempre, brilhantemente, tanto que

mereceu a 9 de Abril de 1892, a promoção a coronel (por merecimento, é claro) que lhe deu o Marechal Floriano. (Carneiro, [19--], p. 57).

A segunda parte da obra é referente a sua atuação na Revolução Federalista e no Cerco da Lapa. Apesar de apresentar novas informações, a essência do texto biográfico é mais uma repetição do que já foi escrito em 1934 (*Cerco da Lapa e seus heróis*) e 1944 (*O Paraná e a Revolução Federalista*). Ou seja, ao longo de sua produção historiográfica, percebemos repetição e reafirmação das representações, criando permanências através das suas narrativas e métodos historiográficos. No caso de Gomes Carneiro, permanência e reafirmação da representação de herói máximo da República, por salvá-la. Segundo David, o “herói” foi eleito por Floriano Peixoto:

Para Floriano, pois, parecia que Gomes Carneiro um dia devia representar o papel de Hoche¹⁹, papel que este não pôde desempenhar na França por ter morrido envenenado, mas que aquele representaria, de maneira diferente, salvando a República, com efeito. (Carneiro, 2004, p. 56).

Como já vimos anteriormente, para Carneiro é justa a classificação e a representação de herói para o coronel Gomes Carneiro, pois sua bravura era reconhecida e temida, inclusive entre os inimigos:

Foi em virtude do rompimento definitivo da neutralidade criminosa de Saldanha da Gama, ocorrido no 1.º terço do mês de dezembro, que as forças federalistas em operações no Paraná tiveram ânimo suficiente para continuar a sua investida, contando, embora como adversário, com um chefe da envergadura moral de Gomes Carneiro, a cujo respeito o próprio General Piragibe dizia: “*Não se iludam. Ele é carneiro só no nome*”. (Carneiro, 2004, p. 75).

19 Em referência ao General Lazare Hoche: Lazare Hoche (nascido em 24 de junho de 1768, Versalhes, França – falecido em 18 de setembro de 1797, Wetzlar, Nassau [Alemanha]) foi um general das Guerras Revolucionárias Francesas que expulsou os exércitos austro-prussianos da Alsácia em 1793 e reprimiu a revolta contrarrevolucionária na Vendéia (1794-1796). Filho de um cavaleiro real, Hoche alistou-se na guarda francesa em 1784. Permaneceu na guarda após a eclosão da revolução em 1789 e, em setembro de 1792, foi nomeado capitão. Naquela época, a França estava em guerra com a Áustria e a Prússia. Hoche se destacou na invasão dos Países Baixos austríacos (inverno de 1792-93) e, em outubro de 1793, foi nomeado comandante do exército do Mosela. O belo e arrojado Hoche provou ser um general brilhante. Os triunfos militares de Hoche e a extensão da área sob seu comando fizeram dele um dos homens mais poderosos da França. Ele assumiu o comando de um exército do Reno em janeiro de 1797 e derrotou os austríacos em Neuwied (agora na Alemanha) em 18 de abril, encerrando assim a guerra na Alemanha. No início de setembro, uma parte do exército de Hoche ajudou as forças de Napoleão Bonaparte a expulsar os monarquistas do governo do Diretório em Paris. Logo depois, Hoche morreu, talvez de pneumonia, em seu quartel-general militar. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Lazare-Hoche>. Acesso em: 25 mar. 2025.

Para David Carneiro, o Coronel Gomes Carneiro é um militar exemplar e determinado em cumprir seu dever de não deixar os federalistas passar pela Lapa. Só não deveria cumprir sua obrigação caso tombasse em combate. Somente pela bravura que apresentava, seria impossível conceber a morte do Coronel Gomes Carneiro no combate, por isso, diz David Carneiro que por bravura e força de vontade, mesmo que tudo indicasse o contrário, a liderança de Gomes Carneiro levaria a Lapa até a vitória, pois Gomes Carneiro não poderia morrer jamais em combate (Carneiro, 2004, p. 80-81).

David Carneiro cita Foch para associar a imagem de Gomes Carneiro a herói de máxima coragem, vontade, entrega e caráter: “Os revolucionários queriam a vitória, mas Carneiro, que os combatia, queria talvez mais essa mesma vitória. Era mais teimoso, ou tinha mais caráter.” (Carneiro, 2004, p. 114).

Quando os conflitos na Lapa transformavam a situação dos sitiados cada vez mais crítica, David Carneiro ainda defende que para Gomes Carneiro não faltava coragem para motivar seus comandados, mesmo sem acreditar que um prometido auxílio de tropas paulista chegaria:

Crítica e cada vez mais penosa se tornava a situação da praça, mas o Coronel Carneiro, nada deixando perceber do que lhe ia n'alma, transmitia sempre aos oficiais e soldados a sua desmedida coragem, levando-lhes ao espírito a convicção da vitória final, pela aproximação certa do auxílio esperado... mas que, de fato, nem viria, nem ele esperava mais! (Carneiro, 2004, p. 120).

Em o *Paraná e a Revolução Federalista* (1982), David Carneiro defende que Floriano Peixoto recebeu todas as informações necessárias sobre a situação do Coronel Gomes Carneiro e da Lapa. Muito preocupado com as consequências da queda da Lapa, estava Bernadino de Campos, pois na época governava o Estado de São Paulo, assim, David Carneiro destaca uma mensagem que Bernadino envia ao Marechal Floriano: “É preciso acudir ao Carneiro, e tudo estará salvo!” (Carneiro, 1982, p. 203). Bernadino estava preocupado com São Paulo? Sua preocupação era com o povo paulista? Bernadino se preocupava consigo mesmo? Sem termos a resposta para tais indagações David Carneiro nos induz a interpretar preocupação com a República, reforçando a figura de Gomes Carneiro como única pessoa que poderia salvá-los: “Toda esperança da República como se vê, concentrava-se num homem só: Carneiro.” (Carneiro, 1982, p. 203).

Ao longo das páginas das obras pesquisadas verificamos constantemente atribuição de adjetivos ao coronel Gomes Carneiro, são elogios especiais sempre construindo de forma muito clara e direta a imagem de um homem perspicaz, corajoso, valente, leal, um grande líder, um grande militar, um soldado convicto, em fim, um grande herói. Essa narrativa com exagero de memória na intenção de construir a representação heroicista chega até os capítulos referentes ao ferimento e morte do coronel Gomes Carneiro. De forma bem declarada, a narrativa de David Carneiro vai criando a representação de vítima e mártir da salvação republicana. A descrição da morte de Gomes Carneiro merece uma atenção especial para entender a forma de construção da representação de Gomes Carneiro pela narrativa em mártir e heróis da salvação e consolidação da República:

Acordou ainda mais pálido, olhos no fundo, rodeados de roxo intenso. O rosto estava molhado de suor frio.
 O Dr. João Cândido olhou-o angustiosamente.
 O seu pulso era um fio tênue.
 Mas Carneiro pôde ainda falar, e olhando para o seu dedicado médico, disse sorrindo:
"Salvou-me desta, doutor; não morro mais!"
 A sua vivacidade voltara. Parecia melhorar. Alguns alimentaram grandes esperanças.
 Carneiro ainda recebeu visitas e a Serra Martins, que lhe pedira ordens, ainda pôde dizer firmemente: *"Só ha uma ordem: resistencia, resistencia a todo o tranze!"*
 Mas não durou muito essa situação. Aos poucos volta a angústia e recomeça a agonia, silenciosa mas intensa, tanto para quem sofria como para quem via sofrer.
 Eram 6h30min da tarde; pouco mais, talvez.
 A fuzilaria não cessara lá fora, e os canhões troavam soturnamente, respondendo ao bombardeio federalista.
 Gomes Carneiro respirou fundo. Todos o olharam ansiosos. Deixou pender a cabeça, fixando o olhar vidrado num ponto longínquo que só ele via...
 O Frei Caneca? A salvação da República?
 A glória? – Quem sabe em que pensam os heróis nessas horas de agonia?
 Estava cumprida a missão que lhe fora confiada. Estava morto!
 Podiam agora passar sobre o seu cadáver, os exércitos federalistas vitoriosos.
 Podiam seguir rumo ao Rio; podiam levar os seus heróicos canhões para combater contra os seus primitivos manejadores.
 Ele estava morto, mas além do Paraná, que se sacrificara com ele, estava a República salva! (Carneiro, 2004, p. 136).

Na narrativa de David Carneiro, a morte de Gomes Carneiro é representada como sacrifício e Gomes Carneiro passa a ser representado como mártir da República, por isso receberia promoção ao posto de General de Brigada (Carneiro, 2004, p. 156). Segundo David Carneiro, não se trataria de uma promoção *post-*

mortem, pois foi divulgada em 26 de janeiro de 1894, mas seria referente a Ordem do dia de 8 de fevereiro de 1894, um dia antes de falecer, reforçando, por tanto, que o próprio Marechal Floriano reconhecia o papel heroico que Gomes Carneiro desempenhou na Lapa.

Na personificação de Gomes Carneiro como herói, David Carneiro em todo seu texto faz uma seleção de texto, um recorte das frases e das falas, para deixar entender que o heroísmo atribuído aos personagens em sua narrativa, era unânime e universal, inclusive entre os federalistas. As próprias fontes usadas por David Carneiro, em sua grande maioria diários e relatórios de militares, dos quais muitos eram legalistas e apresentam os mesmos adjetivos reaproveitados na narrativa de David Carneiro, de forma a tender a agradar as lideranças florianistas.

Essas fontes podem ser consideradas o marco inicial da construção da representação heroica para os personagens envolvidos no Cerco da Lapa, mas é a escrita de Carneiro que as transformam em historiografia legítima, é sua credibilidade historiográfica que cria essa legitimidade sobre os episódios narrados e as representações criadas.

Maria Julieta Weber Cordova já apontou para as intenções de David Carneiro, em construir uma identidade paranaense, consolidada pelas glórias do seu passado, em seu trabalho *Bento, Brasil e David: o discurso regional de formação social e histórica paranaense* (2016), essa intenção é a colocação do Paraná e seus heróis, como protagonistas dos mais importantes acontecimentos da construção nacional, pela mitificação dos heróis regionais:

[David Carneiro] Produziu intensamente sobre temas regionais que envolviam o papel e a luta paranaense em favor da nação. Demonstrativas dessa postura teórico-metodológica foram as produções que contemplaram a participação do Paraná na Revolução Federalista e na Guerra do Paraguai. Ficou evidente em seus discursos a ação dos heróis paranaenses na salvaguarda da honra nacional, conferindo ao Paraná a necessidade de caminhar para além da sua situação de periferia dos acontecimentos nacionais.

David, ao buscar pelo ideal identitário e pela mitificação do herói regional, traçou um estudo da “psicologia” paranaense, demarcando sua luta incessante contra os chamados “adventícios”. (Cordova, 2016, p. 253).

Não vamos problematizar no presente estudo, os embates regionalistas de David Carneiro, com os “adventícios”, ou seja, aqueles que não eram nascidos no Paraná, mas ocupavam altos cargos na administração pública do Estado.

Mas citamos que entre esses embates, está o processo judicial de 1943, que envolveu o paulista Wilson Martins, na época, Oficial de Gabinete do Interventor Manuel Ribas. David Carneiro vai se absolver (Cordova, 2016).

É importante citar esse ocorrido pois evidencia que a narrativa de Carneiro valoriza o papel do Paraná para a construção da nação, mesmo que a contribuição de David Carneiro nesse processo seja de valorização da importância de um Paraná diferente do Brasil, é um Paraná que integra e contribuiu para o desenvolvimento do Brasil, mas também é claro um sentimento ufanista que tenta valorizar o homem regional e combater os “adventícios”.

Também é parte importante da presente pesquisa problematizar a legitimação dada aos trabalhos historiográficos de David Carneiro, para isso, partindo da hipótese de que a narrativa de Carneiro é legitimada e até mesmo referência historiográfica até atualmente, vamos nos perguntar: quais fatores criaram legitimação para a narrativa de David Carneiro? Quem contribuiu para legitimação da historiografia de David Carneiro? De que modo? Quais os impactos que a narrativa de David Carneiro exerce sobre o ensino de História? Quais possibilidades podem existir para superar os apagamentos de memória produzidos pela narrativa de David Carneiro?

3.5 A NARRATIVA DE DAVID CARNEIRO NO ENSINO

A narrativa de David Carneiro sobre a etapa da Revolução Federalista no Paraná e sobre o Cerco da Lapa é legitimada. A narrativa de mitificação do herói e exaltação do Cerco da Lapa foi muito bem recebida pela elite social, política e econômica do Estado, essas elites se identificaram com as obras de David Carneiro. A ligação de David Carneiro com movimento paranista, que buscava valorizar a história, as tradições, o povo e a cultura do estado do Paraná, também pode ser considerado um dos fatores que legitimaram sua narrativa:

A historiografia paranaense revela uma estreita ligação com o processo de construção identitária regional. E os pensadores paranistas irão demarcar seleções historiográficas como forma de se definirem critérios para uma dada caracterização identitária. O episódio do Cerco da Lapa corresponde a uma dessas seleções que permeiam a produção historiográfica local/regional. (Cordova, 2007, p. 160-161).

As relações de poder que evoluíam a política regional, se sentem valorizadas, suas ideologias são representadas como heroicas, desse modo, uma forma de legitimação da narrativa de Carneiro é por meio sociopolítico (Cordova, 2007, p. 161).

Segundo Daiane Machado (2012.^a), em três momentos podemos ver demonstração de reconhecimento da importância da obra de David Carneiro:

a primeira cena se passa em 1983, sobre ela declarou Carneiro: “um dos dias mais felizes em minha vida, nos últimos tempos, foi sem dúvida o de quarta-feira, dia 9 de fevereiro [...]”. A felicidade manifestada se refere ao lançamento da segunda edição do livro *O Paraná e a Revolução Federalista*, pela Secretaria da Cultura e do Esporte do Paraná. Foi um grande evento na Biblioteca Pública do Paraná com pronunciamento do governador Hosken de Moraes, a presença de alguns expoentes da Academia Paranaense de Letras (APL) e do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense (IHGEP), e até mesmo de um embaixador, o Embaixador do Brasil no Irã. Nesta ocasião, à obra de David Carneiro foi conferido o status de referência interpretativa sobre a “epopeia” do Cerco da Lapa.

A segunda cena aconteceu em outro espaço “oficial”, a Câmara Municipal de Curitiba. Em 1987, David Carneiro se tornou “Vulto Emérito de Curitiba”. Nas palavras do vereador Luiz Carlos Betenheuser, o título foi um “reconhecimento por tudo que dele [David Carneiro] já recebemos e por tudo que lhe devemos, ao longo dos seus anos dedicados a preservar a História dessa terra.

A ideia que David Carneiro se tornou referência fundamental para todos aqueles que desejassem fazer pesquisas sobre a História do Paraná foi reforçada no documentário *Memória de David*. Junta-se, então, às demais cenas o documentário, produzido em 1988, com o apoio do Governo do Estado do Paraná. (Machado, 2012a, p. 131-132).

Machado conclui que é comum nas três cenas, a presença de órgãos oficiais do poder público paranaense, que reconhece o papel de historiador de David Carneiro e a importância de suas obras para dar visibilidade nacional ao Paraná e promover o espírito de valorização do Paraná nos cidadãos, uma vez que, o “discurso de David Carneiro encontrou aceitabilidade na sociedade curitibana, pois parece que convinha aos anseios locais” (Machado, 2012, p. 133).

O uso de fontes oficiais, típicas de suas correntes metodológicas de operação historiográfica, os relatos utilizados como fontes conferiram credibilidade histórica para seus trabalhos, por tanto, sua narrativa é bem recebida no meio acadêmico e instituições, como o Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, ajudando a consolidar sua versão dos fatos. No entanto, cabe ressaltar que apesar da obra de Carneiro ser bem recebida no meio acadêmico, os métodos de David

Carneiro e seu apego ao positivismo podem ter afastado o escritor do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná:

Eis, então, um interessante contrastaste. Embora a abordagem histórica de David Carneiro tenha sido considerada “ultrapassada” pelo “pequeno mundo acadêmico” representado pelo Departamento de História da UFPR, o autor foi “eleito” na cena pública curitibana um dos “maiores historiadores paranaense”. (Machado, 2102a, p. 138).

Com tudo isso, a narrativa de Carneiro produziu um “ponto final” nas discussões e na produção de conhecimento histórico sobre o Cerco da Lapa, pois David Carneiro criou uma visão predominante e quase incontestáveis sobre o assunto tamanha foi a aceitação e legitimação de suas obras.

Essa legitimação gerou impactos, por isso, é necessário problematizar a influência de David Carneiro na Historiografia, na criação de patrimônio e memória no Paraná sobre o Cerco da Lapa, para então, verificar os efeitos que a narrativa de Carneiro produzem no ensino de História.

O “ponto final” a que nos referimos na produção de conhecimento histórico sobre o Cerco da Lapa, não ocorre por falta de novas produções sobre o tema, ou sobre apresentação de novidades sobre o assunto em novas produções. Muito pelo contrário, a produção historiográfica sobre o Cerco da Lapa sempre foi aquecido, no entanto, o que se observa é uma forte influência de David Carneiro nessas produções. A narrativa de David Carneiro se tornou referência legitimada por isso muitos trabalhos que trabalharam o Cerco da Lapa, usam os estudos de David Carneiro como referencial, reproduzindo sua forma de produção de conhecimento histórico, reforçando elementos de construção identitária, a mitificação dos heróis, a valorização dos grandes líderes, a visão dos maragatos como cruéis inimigos da República e desejosos de poder para atender suas vaidades. São muitas obras que tendem a manter uma da grande problemática discutida nesta parte da pesquisa, as representações, suas legitimações, o apagamento que o “excesso de memória” que a narrativa de Carneiro produziu.

Por mais que, metodologicamente, em sua concepção de produção de conhecimento histórico, Cecília Maria Westphalen seguia a tendência historicista dos *Annales* franceses, diferente dos métodos de David Carneiro, mesmo assim mantinha suas obras como uma referência para escrita da história regional.

Num dos mais famosos trabalhos sobre a história regional, *História do Paraná* (1969), publicado pela GRAFIPAR, tendo o primeiro volume da obra assinado por Altiva Pilatti Balhana, Brasil Pinheiro Machado e Cecília Maria Westphalen (todos professores de História da Universidade Federal do Paraná), o texto sobre a Revolução Federalista, onde se insere o Cerco da Lapa, é de autoria de Westphalen, sendo certo dizer que Westphalen não reproduz o teor salvacionista, nem a mitificação heroicizista, que são tão claros na obra de Carneiro, ainda assim existe apego ao trabalho de David Carneiro. Nessa obra, são contados vinte e nove trabalhos de David Carneiro como referência bibliográfica, o que comprova a hipótese de grande influência de Carneiro no meio acadêmico e na produção historiográfica acadêmica:

David publicou intensamente e suas obras encontraram ampla circulação no âmbito regional, publicando também no Rio de Janeiro e em São Paulo e apresentando uma publicação nos Estados Unidos da América. Os trabalhos de David denotam precisão e fidedignidade às fontes, utilizando-se também de fontes diferenciadas como diários, cartas e jornais. É certamente uma das referências maiores no estudo regional paranaense. Na *História do Paraná*, de Balhana, Machado e Westphalen são citadas vinte e nove obras de David. (Cordova, 2016, p. 73).

Outra importante obra que reproduz a narrativa de David Carneiro, por tanto, que sofre a influência de suas representações, é *Cerco da Lapa – do começo ao fim* (1985), de Francisco Brito de Lacerda, filho de José Lacerda e Cecília Brito de Lacerda, Neto do coronel Lacerda e Magdalena Moojen Lacerda, publicado pela Secretária de Estado da Cultura e do Esporte, por isso, existe uma clara inclinação na obra, em reproduzir a mitificação heroica, tanto do coronel e da família Lacerda, quanto de Gomes Carneiro, reforça a ideia de condição determinante para consolidação e salvação da República, a resistência épica por 26 dias, com o Cerco da Lapa. Entre as fontes e referências bibliográficas usadas por Francisco Lacerda, estão trabalhos dos presentes nos Anais do Primeiro Congresso de História da Revolução de 1894 – Comemorativo ao Cinquentenário do Cerco da Lapa, o quarto volume do trabalho de Francisco Negrão, *Genealogia Paranaense* (1929) e o trabalho *Para a História* (1980), de autoria atribuída a Rocha Pombo, publicado pela Fundação Cultural de Curitiba, a transcrição do diário do dr. Filipe Maria Wolf, que atuou como médico durante o Cerco da Lapa e o manuscrito de José Senna (1894). Entre os trabalhos presentes nos Anais do Congresso de História, estão dois

trabalhos de David Carneiro, os seus apontamentos biográficos de Gomes Carneiro e do coronel Lacerda.

O livro de Francisco Brito de Lacerda é dividido em 5 partes, a primeira, fala sobre Floriano Peixoto e a Revolução Federalista, reproduzindo as opiniões de simpatia que David Carneiro tinha sobre o papel de Floriano Peixoto nos eventos ocorridos:

Floriano também chegara do Governo em momento crucial. O País estava entregue à inflação. A atividade econômica exigia créditos e o presidente não tinha outra alternativa senão continuar emitindo. No campo político, grandes também eram as dificuldades. Surgiram várias áreas de atrito, sobretudo com a destituição de governadores que haviam apoiado a frustrada dissolução do Congresso. Floriano tinha adversários em toda a parte. Uma pequena revolta, nas fortalezas de Laje e Santa Cruz, foi esmagada. (Lacerda, 1985, p. 13).

A segunda parte fala sobre Gomes Carneiro, classificando-o como “General da República” (Lacerda, 1985, p. 5), já demonstrando um alinhamento a narrativa de Carneiro, fazendo uma reprodução da mitificação heroicista que David Carneiro produz em suas obras. Segundo Lacerda (1985) existiam, até a publicação de seu trabalho, três “consensos” históricos entre as pesquisas, o primeiro ponto exalta o Cerco da Lapa, pela sua resistência de 26 dias (Lacerda, 1985, p. 21). O segundo ponto de consenso é que a resistência decisiva para a consolidação da República (Lacerda, 1985, p. 22).

O terceiro ponto de consenso de que foi o papel de liderança de Gomes Carneiro quem conferiu as condições para o “sucesso” da resistência da Lapa:

E o último aspecto a examinar é a figura de Antonio Ernesto Gomes Carneiro, excepcional comandante da ferrenha defesa, exemplo de disciplina obstinada no cumprimento do dever militar. Se Floriano é o “Marechal de Ferro,” o consolidador da República, Carneiro merece o título de “General da República.” Quando promoveu Carneiro postumamente a general, Floriano disse: “Era necessário um herói para barrar a passagem da Revolução. Mandeí um herói ao Paraná.” (Lacerda, 1985, p. 22).

É importante ressaltar que a opinião de Francisco Lacerda demonstra um alinhamento histórico à narrativa que reforça as glórias atribuídas à sua família, nem de perto representa a opinião do pesquisador autor da presente dissertação, mas sim, demonstra a clara influência que os trabalhos de David Carneiro exercem sobre a historiografia sobre o Cerco da Lapa.

A terceira parte do livro de Francisco Lacerda é a transcrição do diário do dr. Filippe Maria Wolf. Como Wolf era contemporâneo da Revolução Federalista, podemos entender que ao registrar os acontecimentos, Wolf se torna um cronista e seu diário um importante documento. A parte do diário de Wolf, transcrita por Francisco Lacerda começa a partir de 19 de novembro de 1893 e vai até 8 de março de 1984, participando do cerco na Lapa integralmente. A opinião de Wolf é diferente de David Carneiro, sendo assim, servem de contraponto à narrativa legitimada de Carneiro. Essa divergência contraria o que diz o próprio Lacerda, sobre a existência de consenso “pacífico” entre os pesquisadores. O que se verifica é a valorização de opiniões alinhadas, narrativas e discursos semelhantes para construção do conhecimento histórico. Assim, Lacerda já avisa que: “às opiniões contidas no diário, que revela o egocentrismo de seu autor, cada um julgue como achar melhor.” (Lacerda, 1985, p. 30).

Sobre o conteúdo do diário de Wolf, Valério Hoerner Júnior opina que indiferente do que era pessoalmente o dr. Wolf, e por mais superficial que poderia ser o relato de Wolf, eram sinceros, abrindo indagações históricas:

Entretanto, quem perde mais com o diário é o próprio Carneiro, que sofre a observação impiedosa do agastado médico teutônico, pronto para passar-lhe, se pudesse, um implacável atestado de neurastenia. Também não muda a história do cerco, mas concorre para que se a avalie de alguns ângulos curiosos. (Hoerner Júnior, 2008, p. 69).

Na sequência da transcrição do diário de Wolf, a quarta parte do Livro de Francisco Lacerda volta a reproduzir a narrativa legitimada por Carneiro, citando um manuscrito, da autoria de José Maria Sarmiento Senna, continua argumentando os grandiosos feitos dos “heróis” que lutaram na Lapa para consolidar a República:

“As ligeiras notas que este folheto encerra foram tomadas por um dos mais obscuros combatentes da legendária Cidade da Lapa. Elas aí ficam como tributo de saudade aos companheiros que, cheios de fé e ardor, sucumbiram em prol da consolidação da República.” (Lacerda, 1985, p. 109).

Na quinta e última parte, citando os trabalhos de David Carneiro contido nos Anais do Congresso de História, de 1944, sobre o coronel Lacerda e Gomes Carneiro, classifica a derrota da Lapa como “gloriosa”, valorizando muito a atuação do coronel Lacerda nessas últimas páginas do seu trabalho, deixando mais uma vez

evidenciada a influencia que a narrativa de David Carneiro deixou para produção historiográfica.

Em 2012, foi publicado pela Eduem, o livro *História do Paraná (séculos XIX e XX)*, da autoria de Angelo Priori, Luciana Regina Pomari, Silvia Maria Amâncio e Veronica Karina Ipólito, o segundo capítulo desse livro é referente a Revolução Federalista e ao Cerco da Lapa. O capítulo começa com uma explicação sobre as origens da guerra, ligadas a Proclamação da República no Brasil, como os governos autoritários do Marechal Deodoro, de Floriano e a promulgação da primeira Constituição republicana, em 1891 (Priori, 2012). O capítulo continua explicando que a Revolução Federalista chega ao Paraná, de acordo com a tradição historiográfica, usando como referência as obras de David Carneiro. O capítulo é concluído com uma reprodução da narrativa de Carneiro:

Em termos políticos, o Paraná desenvolveu importante papel no contexto da Revolução Federalista. A resistência articulada pelo General Carneiro na cidade de Lapa permitiu que os reforços governistas se organizassem contra os revoltosos, contribuindo para a manutenção da República presidencialista no Brasil. (Priori, 2012, p. 33).

Além da historiografia a influência de David Carneiro também foi grande para a composição do patrimônio histórico parananense, o que ajuda a reforçar a sua narrativa. Segundo Juliano Martins Doberstein (2019), em 1937, David Carneiro foi o primeiro “representante” do antigo SPHAN, o atual IPHAN:

David Antonio da Silva Carneiro (1904-1990), um nativo do Paraná ligado a uma família tradicional, bem-sucedida no rico negócio da erva-mate. Intellectual de formação positivista, acabou se tornando o primeiro *representante* do Sphan no estado. Essa colaboração começou em 1937, quando David Carneiro atendeu ao pedido de Rodrigo Melo Franco de Andrade, diretor do Sphan, cuja sede ficava no Rio de Janeiro, para “tomar a si o encargo de relacionar as obras de architectura civil, religiosa e militar existentes no Paraná [...] que possam ser consideradas de excepcional valor artistico ou historico”. (Doberstein 2019. p. 7).

Era uma grande oportunidade para David Carneiro incluir patrimônio material, prédios e construções à sua narrativa, que ajudariam a reforçar a construção ideológica do Paraná como determinante para consolidação do Brasil republicano. David Carneiro atendeu ao pedido do diretor de SPHAN. Foi assim que Carneiro inclui o nome dos seus heróis e dos eventos favoritos da história local, conforme a sua narrativa, no patrimônio e na história nacional:

Suas primeiras sugestões constavam de seis imóveis, sendo cinco deles objeto de patrimonialização. Em abril de 1938, a direção do Sphan atribuiu valor histórico à Casa do Coronel Joaquim Lacerda, à Igreja Matriz de Santo Antônio e à Casa onde faleceu o Coronel Gomes Carneiro, três edificações situadas na Lapa. Em maio do mesmo ano, a Fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres e o Antigo Colégio dos Jesuítas, ambos construções de Paranaguá, também foram tombados.

A lista de David Carneiro denotava sua dedicação aos estudos sobre o “Cerco da Lapa”. Metade de suas indicações era de bens ligados àquele evento. Na carta remetida à sede do Sphan, aliás, o interlocutor paranaense do novo órgão se empenhava em tentar convencer o seu diretor de que a Lapa era “historica desde 1894”, quando “barrou o avanço federalista por 26 dias, salvando a Republica”. (Doberstein, 2019. p. 7-8).

Além do patrimônio já citado, a narrativa de David Carneiro também se reflete na “Praça General Carneiro”, localizada no centro histórico da Lapa, abriga uma grande estátua de bronze que retrata o general Carneiro, de autoria do escultor João Turim. Em frente a casa da família Lacerda, devido as comemorações do cinquentenário do Cerco da Lapa, é criada a Praça Joaquim Lacerda, onde foi construído um imponente mausoléu, o “Panteon dos Heróis”, para abrigar os restos mortais de combatentes que lutaram no cerco, com destaque no interior da construção. Representados com bustos de bronze em local de destaque na construção, estão os restos mortais do general Gomes Carneiro, do coronel Joaquim Lacerda, do coronel Dulcídio Pereira e de José Amintas da Costa Barros, como parte do conjunto do monumento, quatro canhões *Krupp* da época do Cerco da Lapa duas placas de bronze, uma em cada lado do Panteon, com a planta da Lapa durante o Cerco, a outra, com a carta de capitulação da Lapa.

Se a narrativa de David Carneiro influenciou (e ainda influencia) a historiografia e o patrimônio, o ensino de História também sofre grandes impactos do trabalho de David Carneiro. Podemos confirmar essa hipótese ao analisarmos como o conteúdo Cerco da Lapa é trabalhado nas escolas, analisando os recursos didáticos disponibilizados e usados nas aulas sobre o tema.

Na perspectiva de Circe Bittencourt, a historiografia que David Carneiro produziu atendia todas as necessidades do ensino de História de épocas anteriores, atualmente ainda servem para atender determinados objetivos, mas com limitações. Segundo Bittencourt:

a História serviu inicialmente para legitimar um passado que explicasse a formação do Estado-nação e para desenvolver o espírito patriótico ou

nacionalista. A contribuição do seu ensino para a constituição da identidade permanece, mas já não se limita a constituir e forjar uma *identidade nacional*.

Um dos objetivos centrais do ensino de História, na atualidade, relaciona-se à sua contribuição na constituição de *identidades*. A identidade nacional, nessa perspectiva, é uma das identidades a ser constituídas pela História escolar, mas, por outro lado, enfrenta ainda o desafio de ser entendida em suas relações com o local e o mundial.

A constituição de identidades associa-se à formação da cidadania, problema essencial na atualidade, ao se levar em conta as finalidades educacionais mais amplas e o papel da escola em particular. A contribuição da História tem-se dado na formação da cidadania, associada mais explicitamente à do *cidadão político*. Nesse sentido é que se encontra, em inúmeras propostas curriculares, a afirmação de que a História deve contribuir para a formação do “cidadão crítico”, termo vago, mas indicativo da importância política da disciplina. (Bittencourt, 2009, p. 121).

Bittencourt completa que a finalidade do ensino de História, em criar uma formação política, está articulada a formação intelectual e humanística dos estudantes. (Bittencourt, 2009, p. 122).

Desse modo, as obras de Carneiro se tornam fontes e documentos históricos. Para Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli:

o discurso histórico, mesmo acompanhado pelas indicações atividades e metodologias do historiador, cria, constantemente, o paradoxo de mascarar as condições de sua produção e colocar em cena uma realidade com que ele tende, abusivamente, a se confundir. Assim, para o ensino da História, o trabalho para entender e desvelar o discurso histórico impõe uma atividade incessante e sistemática com o documento em sala de aula. (Schmidt; Cainelli, 2004, p. 89).

Se as obras de Carneiro se transformaram em referências historiográficas, se são legitimadas e reproduzidas sem nenhuma problematização, essa narrativa se converte em documentos históricos e contribuem para construção identitária reforçada pelo ensino de História.

Atualmente, o currículo e o ensino de História é o normatizado pela *Base Nacional Curricular Comum* (Brasil, 2017), a BNCC, desse modo, o Estado do Paraná elabora *Referencial Curricular do Paraná: Princípios, Direitos e Orientações* (2018), com objetivo de regulamentar a aplicação da BNCC no Paraná:

Assim, foi elaborado o Referencial Curricular do Paraná: Princípios, Direitos e Orientações, o qual será válido para todo o Sistema Estadual de Educação Básica do estado, incluindo a Rede Estadual, as Redes Municipais e a Rede Privada de ensino. O Referencial estabelece os princípios, os direitos e objetivos de aprendizagens para a Educação Infantil e Ensino Fundamental. (Paraná, 2018).

O citado Referencial Curricular orienta *Objetos de Conhecimentos* para o Ensino Fundamental dos anos iniciais, conteúdos como “formas de registrar e narrar histórias (marcos de memória materiais e imateriais), os patrimônios históricos e culturais da cidade e/ou do município em que vive, a produção dos marcos da memória: formação cultural da população, as tradições orais e a valorização da memória” (Paraná, 2018) entre outros. Esses objetos, pensando no Ensino Fundamental dos anos iniciais no município da Lapa, favorecem o trabalho com a Revolução Federalista e o Cerco da Lapa.

Nas escolas municipais da Lapa, até 2023, quando começamos a trabalhar na construção da presente pesquisa, docentes do sistema municipal usavam diversos materiais didáticos e paradidáticos como ferramentas para auxiliar em suas aulas sobre o Cerco da Lapa. Materiais produzidos pela própria prefeitura da Lapa, pela Secretaria Municipal de Educação e pelo Departamento de Turismo. Ao analisar esses materiais, podemos perceber a influência direta ou indireta das obras de David Carneiro, ou referenciando obras de David Carneiro em sua construção, ou referenciando obras de historiadores que usam as obras de Carneiro.

Nesses materiais, a narrativa de Carneiro é reproduzida, por tanto, podemos afirmar que a influência da narrativa de David Carneiro produz grandes impactos no ensino de História.

Um dos Materiais se chama *Cerco da Lapa* [19--], produzido e publicado pela prefeitura da Lapa para marcar o centenário do Cerco da Lapa, era publicada novamente:

Com interesse em continuar contando de forma simples o Cerco da Lapa, reeditamos a cartilha sobre o evento cívico-militar mais importante do Paraná, e um dos maiores do Brasil, que teve em nossa cidade um dos cenários mais marcantes.

Quando da primeira publicação em 1994, pensou-se em marcar o Centenário do Cerco, levando nossa pequena contribuição de professores como subsídio às escolas, pretendendo colocar apenas mais um auxílio nas mãos dos estudantes de forma resumida, mas que contemplasse elementos de sua história intrincada e complexa. (Milczewski, [19--], p. 7).

No texto e na bibliografia desse trabalho vemos a influência da narrativa de David Carneiro e a reprodução de suas representações:

Eram 6 horas e 30 minutos da tarde do dia 9 de fevereiro quando Carneiro respirou fundo e deixou pender a cabeça, fixando o olhar vidrado num longínquo ponto que só ele via...

Podiam passar sobre o seu cadáver os exércitos federalistas vitoriosos. Ele estava morto, mas, além do Paraná que se sacrificara com a revolta, a República estava salva.

“Carneiro morreu, mas cavou o túmulo da revolução.” (Milczewski, [19--], p. 18).

Outro trabalho utilizado por docentes do município da Lapa para o ensino da História do Cerco da Lapa é intitulado *Lapa: Um passeio pela história*, também produzido pela prefeitura municipal da Lapa, através da Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer. Na Introdução do trabalho é dito que:

O objetivo deste trabalho é efetuar o levantamento dos pontos culturais e históricos da Lapa num pensamento de levar aos alunos e professoras os fatos do passado e do presente, a organização social, econômica e política e convicções daqueles que fizeram prosperar a Lapa.

Hoje, por meio de pesquisas e levantamentos históricos, buscamos resgatar e transmitir as lições que foram ditadas como base para que saibamos fazer sempre melhor, dando assim a continuidade do processo histórico do município.

O futuro de um povo está na preservação de sua memória cultural, a qual é também mantida em nome de um passado. Em sua trajetória futura, com maior consciência e lucidez, todos terão uma visão mais livre de seus costumes e tradições para que plantem suas raízes.

Através do casario e seus edifícios mais antigos é que seus habitantes preservarão memória e identidade, sendo que as referências e recordações que se fazem presentes em cada rua, em cada esquina, em cada monumento, em cada edifício serão conservadas no universo de referências.

A Lapa, com seu passado épico, com a cultura dos tropeiros, dos indígenas, dos negros e dos imigrantes europeus preserva a expressão cultural da província luso-brasileira em toda a sua forma, justificando assim o carinho que se tem, da obrigação de preservar a sua memória. (Milczewski, [19--], p. 1).

Nesse trabalho, a história do Cerco da Lapa é apresentada em duas páginas e nenhuma nova reflexão ou problematização é visto em seu texto.

Um ponto que consideramos muito positivo sobre o uso desses materiais é o fato de existir interesse em preservar a memória e contar a história local, no entanto, reforçando, reproduzindo representações e memórias da tradição historiográfica regional.

Foi importante citar a BNCC pois desde sua implementação todo material didático usado nas escolas deve estar em acordo com as suas normatizações, incluindo os livros didáticos do Programa Nacional do Livro Didático, o PNLD. Para trabalhar História, o Estado do Paraná adota desde 2020, na maioria das escolas, a

coleção de livros didáticos História sociedade & cidadania, da autoria de Alfredo Boulos Júnior, publicado pela (editora) FTD. Para atender as exigências da BNCC, o livro apresenta os conteúdos de forma mais ampla. As especificidades da História regional, ou local, como é o caso do estudo do Cerco da Lapa, não são contemplados na obra. É abordado o conteúdo referente a Proclamação da República: O processo que conduziu à República, envolvendo as questões religiosa e militar, a Proclamação da República, Governo Deodoro da Fonseca: Reforma e crise econômica, A primeira constituição da República, o Governo Floriano Peixoto, dentro do Governo Floriano, o assunto Revolução Federalista (Boulos Júnior, 2022).

Assim, para atender a normativa da BNCC, as especificidades e regionalismos podem ser trabalhados em cada sistema, no caso das escolas dos anos finais do Ensino Fundamental, a Secretaria de Estado da Educação criou mais um documento, o Currículo da Rede Estadual Paranaense (2019), o CREP. Com o CREP, as necessidades de trabalhar questões regionais e locais são atendidas, como ferramenta para uso dos professores nas aulas, o sistema de Registro de Classe *On line*, o RCO, oferece encaminhamentos, videoaulas, aulas em *slides*, sugestões de atividades, por isso, a secretaria começou a chamar esse ambiente de registros de “RCO + AULAS”, pois o professor deve usar esse material nas suas aulas, para cada aula, um novo volume de materiais, desse modo, para o ano letivo de 2025, para as turmas do 9º ano dos anos finais do Ensino Fundamental, espera-se que o professor trabalhe na aula 03, o material de conteúdo sobre “Governo de Floriano Peixoto e a Revolução Federalista”. Entre o início e o fim da apresentação dos *slides* dessa aula, existem 16 telas, quem começam apresentando o objetivo da aula: “Reconhecer o processo de resistência diante a Revolução Federalista no âmbito do governo Floriano Peixoto.” (Paraná, 2025). A tela seguinte problematiza o uso do nome “*General Carneiro*” em ruas e do município do Paraná, exigindo do estudante, uma breve reflexão sobre os nomes de ruas e se o estudante sabe a origem do nome da rua onde vive, logo depois, volta a problematizar o papel do General Carneiro na Revolução Federalista e na História do Paraná. As próximas telas tratam do processo envolvendo o governo de Floriano Peixoto, sua ascensão ao poder, as medidas que lhe promoveram popularidade, suas manobras para permanecer no poder e seu envolvimento com a Segunda Revolta da Armada e com a Revolução Federalista. Na sequência as telas abordam brevemente as origens da Revolução Federalista e suas origens políticas no Rio Grande do Sul, a origem das

denominações “maragato” e “pica-pau”, a identidade indumentária de cada grupo, ou seja, os lenços vermelho e branco. As próximas telas falam sobre o deslocamento das batalhas até o estado do Paraná, uma definição de guerra civil e os casos ocorridos em Curitiba, como o abandono da capital por Vicente Machado, o Barão do Serro Azul tomando frente das negociações com os maragatos e o caso dos conflitos em Paranaguá. Sobre as lutas em Tijucas nada é mencionado.

As duas últimas telas com conteúdo falam sobre o Cerco da Lapa, classificando o episódio como um dos mais sangrentos e trágicos da Revolução Federalista, as condições da Lapa e a resistência de 26 dias. Por fim, a rendição da Lapa, mas reforçando a representação da heroica resistência que foi determinante para salvar e consolidar a República.

O Slide pede do estudante uma atividade, para que o estudante expresse em uma frase a importância do movimento de resistência na Lapa para a vitória de Floriano Peixoto. A apresentação de slides se encerra com uma revisão dos assuntos tratados na aula e com as referências usadas na elaboração da aula. As principais referências usadas na aula são, em primeiro lugar, o livro didático de Alfredo Boulos Júnior (2022), e também *História do Paraná: séculos XIX e XX* (Priori, 2012).

Assim sendo, o slide da aula referente ao Cerco da Lapa confirma a hipótese de que existe influência da narrativa de David Carneiro e suas representações no ensino de História. Essa influência aparece nos materiais disponibilizados pelos sistemas de ensino, nas escolhas historiográficas usadas como referências bibliográficas, sendo as próprias obras de David Carneiro, usadas como referências de forma direta, seja por outras obras que usam as obras de Carneiro em sua construção, de modo indireto.

Segundo Paulo Eduardo Dias de Mello, a escrita da história e a produção didática sobre História do Paraná passam por quatro significativas fases de construção:

O primeiro momento, que pode ser demarcado como de “invenção” do Paraná, foi marcado pelo contexto da implantação da República e ascensão e consolidação do chamado grupo Paranista. O segundo momento corresponde à Era Vargas, um período de refluxo da produção didática histórica regional. O ressurgimento da produção regional impulsionada pelas comemorações do centenário da emancipação política do Paraná, em 1953, e a consolidação um novo locus discursivo: o acadêmico, marca um terceiro momento. Um quarto momento, que se desdobra a partir dos anos

1990, é do aparecimento das críticas à “invenção” do Paraná e da emergência de novos estudos pautados na diversidade de perspectivas críticas e culturais. (Mello, 2025, s.p.).

Mello alerta que essas fases não marcam um processo evolutivo, mas:

o que vemos são narrativas que se constituem em busca de hegemonia, que se vinculam a projetos de sociedade, que se articulam a projetos acadêmicos e intelectuais, que se antagonizam, possuem fissuras e divergências internas, e não transcorrem de forma temporal absolutamente linear sendo marcada por permanências que se mantêm até nossos dias e tentativas de rupturas. (Mello, 2025, s.p.).

Observando a teoria de Mello entendemos qual é o local das obras de David Carneiro no ensino de História: ao reproduzir suas narrativas e representações, na historiografia e nos materiais didáticos, produzimos o efeito de permanência dessas narrativas e representações, produzimos permanência de legitimação do discurso de David Carneiro.

Segundo Mello (2025) a construção das obras de David Carneiro se enquadram dentro da fase de “invenção” do Paraná, dentro dos objetivos de criação de identidade, segundo o modelo proposto pelo movimento Paranista, com marcas profundas da filosofia positivista, assim, Carneiro conta a história dos grandes eventos e líderes, enaltece o papel dos “heróis”, produz um excesso de memória com a mitificação do “herói”, mas produz excessos de apagamentos e silenciamentos históricos, ou seja, existe uma permanência no processo de invisibilidade de personagens na história que é ensinada sobre o Cerco da Lapa.

Quase cem anos após a publicação da primeira edição do seu livro sobre os heróis do Cerco da Lapa, em 1934, as representações criadas na narrativa de David Carneiro ainda são reproduzidas no ensino de História. As problematizações sobre os efeitos das obras de David Carneiro sobre a historiografia já foram discutidas e produziram grandes estudos, Daiane Machado escreve sua dissertação com o título *O Percurso Intelectual de uma Personalidade Curitibana: David Carneiro* (2012a), sobre a vida e boa parte da obra de David Carneiro. Escreve também um artigo precioso, que reflete sobre o significado das comemorações do cinquentenário do Cerco da Lapa, chamado *A comemoração de uma memória: o cinquentenário do Cerco da Lapa/PR (1894-1944)* (2012b). Maria Julieta Weber Cordova também é autora de vários trabalhos que problematizam a construção indenitária do Paraná e a mitificação dos “heróis” do Cerco da Lapa. Nossa pesquisa não tem ambição de

produzir nada de diferente no campo da historiografia, mas contribuir para construção do conhecimento histórico problematizando os efeitos e impactos da narrativa e das representações de David Carneiro, sobre o Cerco da Lapa, no ensino de História.

Esta pesquisa confirma a hipótese de que a narrativa de David Carneiro gera impactos atualmente na historiografia, no ensino e na formação da identidade do povo paranaense.

As representações e a mitificação dos heróis são reproduzidas até atualmente, por exemplo, quando vemos exemplos de resultados de trabalhos realizados por estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede municipal da Lapa. Todo ano, os estudantes do 4º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Lapa, participam de um concurso literário com o tema “*Cerco da Lapa*”, organizado pela Secretaria Municipal de Educação em parceria com o 15º GAC AP (15º Grupo de Artilharia de Campanha Auto Propulsado), o quartel do Exército Brasileiro na Lapa. Foi informado para o autor da presente pesquisa, que não existe um regulamento oficial dessa atividade, no entanto, os estudantes do 4º ano, seguindo a organização curricular para o ano letivo, após estudar a História da Revolução Federalista e do Cerco da Lapa, são convidados a participar do concurso.

Em 2022, a proposta foi a produção de uma redação sobre o tema. Em 2023 a proposta foi a produção de poemas sobre o Cerco da Lapa. Após a realização das atividades, as mesmas passam por um processo de seleção, primeiro professoras e professores da escola fazem uma escolha interna e enviam os melhores trabalhos para a Secretaria de Educação, servidores da Secretaria escolhem os três melhores trabalhos entre os pré selecionados nas escolas. Esses melhores trabalhos são enviados ao 15º GAC AP, que faz uma premiação para esses melhores trabalhos. A premiação acontece na solenidade, que ocorre no Panteon dos Heróis, no feriado municipal do Cerco da Lapa. Esse evento chama a atenção pois é uma prova dos efeitos da construção identitária promovida na historiografia, na formatura militar que faz parte do evento, o General Gomes Carneiro é enaltecido como herói da República, reforçando a construção mitificada construída na historiografia. Tudo isso se reflete no ensino de História, através dos trabalhos dos estudantes, eleitos como vencedores do concurso literário.

Não é intenção da nossa pesquisa fazer qualquer tipo de julgamento, nem do trabalho de professores, nem da aprendizagem, muito menos da produção dos

estudantes que participação, cabe aqui lembrar que nosso objetivo é tentar construir uma reflexão sobre as representações produzidas nas narrativas presentes nas obras de David Carneiro sobre o Cerco da Lapa e como essas representações e narrativas vão impactar o ensino de História. Dessa forma o conteúdo dos trabalhos dos pequenos estudantes são preciosos para verificar esses impactos. É muito clara a reprodução das representações criadas nas obras de David Carneiro nos trabalhos premiados no concurso literário, o herói mitificado, a ideia de que o sacrifício da cidade e cidadãos lapeanos nos 26 dias de cerco, que foram determinantes para salvar e consolidar a República. Assim, é confirmada a hipótese de que as obras de Carneiro produzem impactos no ensino de História até atualmente.

Existem grandes exemplos das influências que as narrativas construídas sobre o Cerco da Lapa impactaram na historiografia e no ensino de História, mas também geram efeitos na vida da sociedade como um todo, confirmando a teoria de Mello, de que existem movimentos de transformações e de permanência na produção didática e também nas narrativas sobre a História do Paraná. Ocorreu em 2017 a aprovação da lei nº 13.570 de 2017, que instituiu o dia 9 de fevereiro como o Dia Nacional do Cerco da Lapa (Brasil, 2017). Em 5 de novembro de 2013 os parlamentares paranaenses Rosane Ferreira e Leopoldo Meyer dão início ao processo de apreciação do Projeto de Lei nº 6.691-A, que pretendia instituir o dia 9 de fevereiro no calendário nacional de datas comemorativas, como o Dia Nacional do Cerco da Lapa. Na justificativa do Projeto de Lei está a reprodução da representação do Cerco da Lapa como salvadora da República, Gomes Carneiro como o herói que comandou a liderança da Resistência da Lapa, defendendo a teoria de que sem o Cerco da Lapa, provavelmente a República recém-instalada sucumbiria (Brasil, 2014).

Ainda no texto de justificativa é apresentada a ideia de desvalorização do episódio regional, pois poucos livros didáticos trabalham com o tema Cerco da Lapa, por tanto, o Dia Nacional do Cerco da Lapa “é incentivar a discussão sobre os fatos que formaram nossa nação; é discutir o modelo político brasileiro; fortalecer nossa história; lembrar e honrar muitos de nossos heróis; e, acima de tudo, compreender a nossa própria cultura.” (Brasil, 2014):

O objetivo deste projeto de lei não é criar formas de enaltecer um ou outro lado daqueles que participaram da Revolução Federalista. A intenção é demonstrar que o Cerco da Lapa foi crucial para definir os rumos de uma

revolta que poderia ter mudado a estrutura de um país, que estava em busca de um novo modelo político, pois acabara de sair de um regime imperial. (Brasil, 2014, p. 3).

Mas mesmo assim, no decorrer do andamento do Projeto de Lei, mais elementos de reprodução das narrativas e das representações que estamos problematizando nesta pesquisa vão surgindo.

A instituição de uma data comemorativa precisa atender a vários critérios, segundo o artigo 2º da Lei nº 12.354/2010, um desses critérios, é o reconhecimento de “alta significação”, por meio de realizações de audiências públicas, assim, no dia 29 de outubro de 2013, ocorre a audiência pública que reconhece a “alta significação” do Cerco da Lapa, com várias defesas, de pesquisadores e representantes de instituições, como o Museu Paraense, o 15º GAC-AP e a prefeitura da Lapa, o projeto de lei segue os trâmites legais, em 28 de abril de 2014, o deputado Onofre Santos Agostini, relator do Projeto, vota pela aprovação do Projeto, assim, a Comissão de Cultura da Câmara de Deputados Federais, aprova unanimemente o Projeto de Lei, assim, em 21 de dezembro de 2017, a presidência sanciona a Lei 13.570, ficando instituída o 9 de fevereiro, Dia Nacional do Cerco da Lapa.

Por conseguinte, podemos considerar o patrimônio da Lapa, o Dia Nacional do Cerco da Lapa, as comemorações, os ritos de comemoração como um claro exemplo do Pierre Nora chamou de Lugar de Memória:

São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre. Trata-se de um lugar de memória tão abstrato quanto a noção de geração? É material por seu conteúdo demográfico, funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão, mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número uma maioria que deles não participou. (Nora, 1993, p. 21-22).

Vamos usar o exemplo do Panteon dos Heroes, o sentido material desse lugar é o patrimônio, o lugar físico, simbólico pelo significado do patrimônio

associado ao sacrifício de Gomes Carneiro para salvar a República, com a prática do ritual de dos eventos militares em comemoração do Dia Nacional do Cerco da Lapa, por fim, é funcional pois comove a quem presencia, pois desperta o sentimento de pertencimento de uma história que a pessoa não vivenciou, mas participa da preservação da memória e garante sua transmissão. Outra forma muito clara da construção de um lugar de memória, alinhado a teoria de Nora é vista no prefácio do livro de David Carneiro, para as comemorações do cinquentenário do Cerco da Lapa, escrito por General Raimundo Sampaio, com uma clara intenção de uso da memória:

As comemorações do Cinquentenário do Cerco da Lapa, pela magnitude do fato histórico rememorado, requeriam, como complemento necessário, a feitura de um livro que, com elevado senso cívico e amor à verdade, traduzisse fielmente o objetivo patriótico do eminente titular da pasta da Guerra, Gen. Eurico G. Dutra, quando decidiu realizá-las.

A obra do ilustre historiador Dr. David Carneiro, a ser ora entregue à publicidade, corresponde, a nosso ver, plenamente, àquele objetivo.

Relato documentado dos acontecimentos atinentes à revolução federalista de 1893/94 e, especialmente, à Resistência da Lapa, constitui, em essência, uma refundição do livro do autor "O CERCO DA LAPA E SEUS HERÓIS", há tempos editado no Rio de Janeiro, e que, convenientemente ampliado, vem desta vez a lume como elemento integrante do Programa oficial das comemorações do Cinquentenário. (Sampaio, 1982, p. 7).

Jacques Le Goff cita Pierre Nora para nos lembrar que a produção da memória não é natural, e muitas vezes, os lugares de memória são produzidos para contar mais sobre aqueles que os criam, assim, de forma intencional, a memória é manipulada:

História que fermenta a partir do estudo dos "lugares" da memória coletiva. "Lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais como os cemitérios ou as arquiteturas; lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais como os manuais, as autobiografias ou as associações: estes memoriais têm a sua história". Mas não podemos esquecer os verdadeiros lugares da história, aqueles onde se devem procurar não a sua elaboração, não a produção, mas os criadores e os denominadores da memória coletiva: "Estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiências históricas ou de gerações, levadas a constituir os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem da memória". (Goff, 2003, p. 467).

No entanto, Le Goff concluiu qual deve ser a verdadeira função da memória, nos alinhamos a conclusão que Le Goff deu à finalidade da memória coletiva: "A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o

passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.” (Goff, 2003, p. 471).

Evidentemente, a construção do lugar de memória, construção identitária, as representações, a mitificação dos heróis e todos os efeitos produzidos, como a criação do Dia Nacional do Cerco da Lapa trazem prestígio para a cidade, orgulho para os lapeanos, além de grande movimentação econômica, gerada por um agitado mercado de turismo histórico e ficamos extremamente orgulhosos de ter consciência do nosso papel na história.

Não acreditamos que repensar as representações, que refletir a forma como se produziu o conhecimento histórico sobre o Cerco da Lapa, voltar a debater sobre apagamentos e silenciamentos no ensino de História, seja de modo algum, diminuir a importância e o valor dos acontecimentos regionais. Segundo o historiador Keith Jenkins:

os supostos “alicerces conceituais” são de construção recente e parcial, e eu argumentei que as diferenças que vemos estão lá porque a história é basicamente um discurso em litígio, um campo de batalha onde pessoas, classes e grupos elaboram autobiograficamente suas interpretações do passado para agradarem a si mesmos. Fora dessas pressões, não existe história definitiva. Todo consenso (temporário) só é alcançado quando as vozes dominantes conseguem silenciar outras, seja pelo exercício explícito de poder, seja pelo ato velado de inclusão e/ou anexação. Ao fim, a história é teoria, e a teoria é ideologia, e a ideologia é pura e simplesmente interesse material. (Jenkins, 2001, p. 43).

Por tanto, que possamos abrir mais um caminho para gerar uma soma ao conhecimento histórico, uma pequena transformação epistêmica, para construir uma História do Cerco da Lapa mais inclusiva, mais significativa para a grande diversidade populacional da Lapa, do Paraná e do Brasil, através de novas reflexões no ensino de História.

4 GUIA DIDÁTICO DE VISITAS AO PATRIMÔNIO DA LAPA-PR: O CERCO DA LAPA

Neste último capítulo apresentamos um material didático para auxiliar professores e estudantes em aulas sobre a Revolução Federalista e o Cerco da Lapa.

O Produto Didático apresentado neste capítulo tem como objetivos a promoção de Cultura de Paz no estudo da Revolução Federalista e do Cerco da Lapa e verificar a existência da influência da narrativa de David Carneiro e suas representações no patrimônio histórico da Lapa-PR.

A primeira parte do material produzido apresenta uma contextualização para o ensino do processo histórico que envolve a Revolução Federalista e o Cerco da Lapa, para ser trabalhado em um conjunto de aulas, dentro do ambiente escolar, em sala. A segunda parte é composta por um Guia Didático de visitação ao patrimônio da Lapa, com orientações e sugestões de atividades e reflexões sobre a construção de representações históricas do Paraná e seus personagens.

O material produzido aborda temas da história local, sobre esse conceito, Schmidt e Cainelli oferecem preciosas sugestões de trabalho, muito apropriadas ao que o patrimônio da Lapa pode oferecer, como estudo dos edifícios históricos, monumentos e estatuária. (Schmidt; Cainelli, 2004, p. 115).

Como estratégia pedagógica, o trabalho com a história local nos permite uma variedade de possibilidades positivas:

O estudo da localidade ou da história regional contribui para uma compreensão múltipla da História, pelo menos em dois sentidos: na possibilidade de se ver mais de um eixo histórico na história local e na possibilidade da análise de micro-histórias, pertencentes a alguma outra história que as englobe e, ao mesmo tempo, reconheça suas particularidades.

O trabalho com a história local no ensino da História facilita, também, a construção de problematizações, a apreensão de várias histórias lidas com base em distintos sujeitos da história, bem como de histórias que foram silenciadas, isto é, que não foram institucionalizadas sob a forma de conhecimento histórico. Ademais, esse trabalho pode favorecer a recuperação de experiências individuais e coletivas do aluno, fazendo-o vê-las como constitutivas de uma realidade histórica mais ampla e produzindo um conhecimento que, ao ser analisado e retrabalhado, contribui para a construção de sua consciência histórica. (Schmidt; Cainelli, 2004, p. 113-114).

O ponto mais positivo da visitação ao patrimônio histórico da Lapa pode ser considerado o acesso a muitos espaços museológicos. Bittencourt destaca o potencial educativo dos museus e a importância do uso dos museus e seus objetos para transformá-los em fonte de conhecimento histórico (Bittencourt, 2009, p. 356).

Bittencourt também nos alerta sobre importância de preparação em sala de aula antes de realizar as visitas:

Especialistas da área destacam a importância de esclarecer os alunos sobre o que é um museu e sobre seu papel na constituição da memória social, sendo fundamental, nessa iniciativa, mostrar que tipos de objetos são ali preservados e expostos, a fim de oferecer uma compreensão do que seja “uma peça de museu”. As explicações iniciam-se pela trajetória do objeto do lugar onde foi encontrado ou adquirido até como chegou ao museu, tornando-se, então, “peça de museu”. Essa atividade, advertem os especialistas, deve ser realizada obrigatoriamente ou no início ou no final do trabalho com os alunos.

As sugestões para as visitas às exposições são condicionadas, invariavelmente, a um conhecimento por parte do professor dos conceitos básicos sobre museu, “lugar de memória”, e de seus objetos, entendidos como integrantes da cultura material, ou seja, como fruto do trabalho humano. (Bittencourt, 2009, p. 356-357).

Portanto, tentamos construir o seguinte Guia Didático como material que ajuda a romper os silenciamentos que a historiografia pode ter produzido, para que os estudantes se aproximem da História ensinada nas aulas, para que se reconheçam como sujeitos históricos e consigam compreender seu papel cotidiano na construção histórica, lutando contra os esforços que insistem em manter visibilidade apenas para homens, ricos, líderes, brancos, como efeito, mantendo muitos grupos da nossa sociedade ficam apagados. Caso seja um objetivo muito audacioso, esperamos que o material proposto consiga auxiliar em uma reflexão entre os estudantes sobre a construção historiográfica tradicionalista do Paraná.

Apresentamos o Guia Didático nas páginas a seguir.

Imagem 1 – Capa

GUIA DIDÁTICO DE VISITAS AO PATRIMÔNIO DA LAPA-PR: O CERCO DA LAPA



JHOYMAR CAMPOS DA SILVEIRA

Imagem 2 – Contracapa

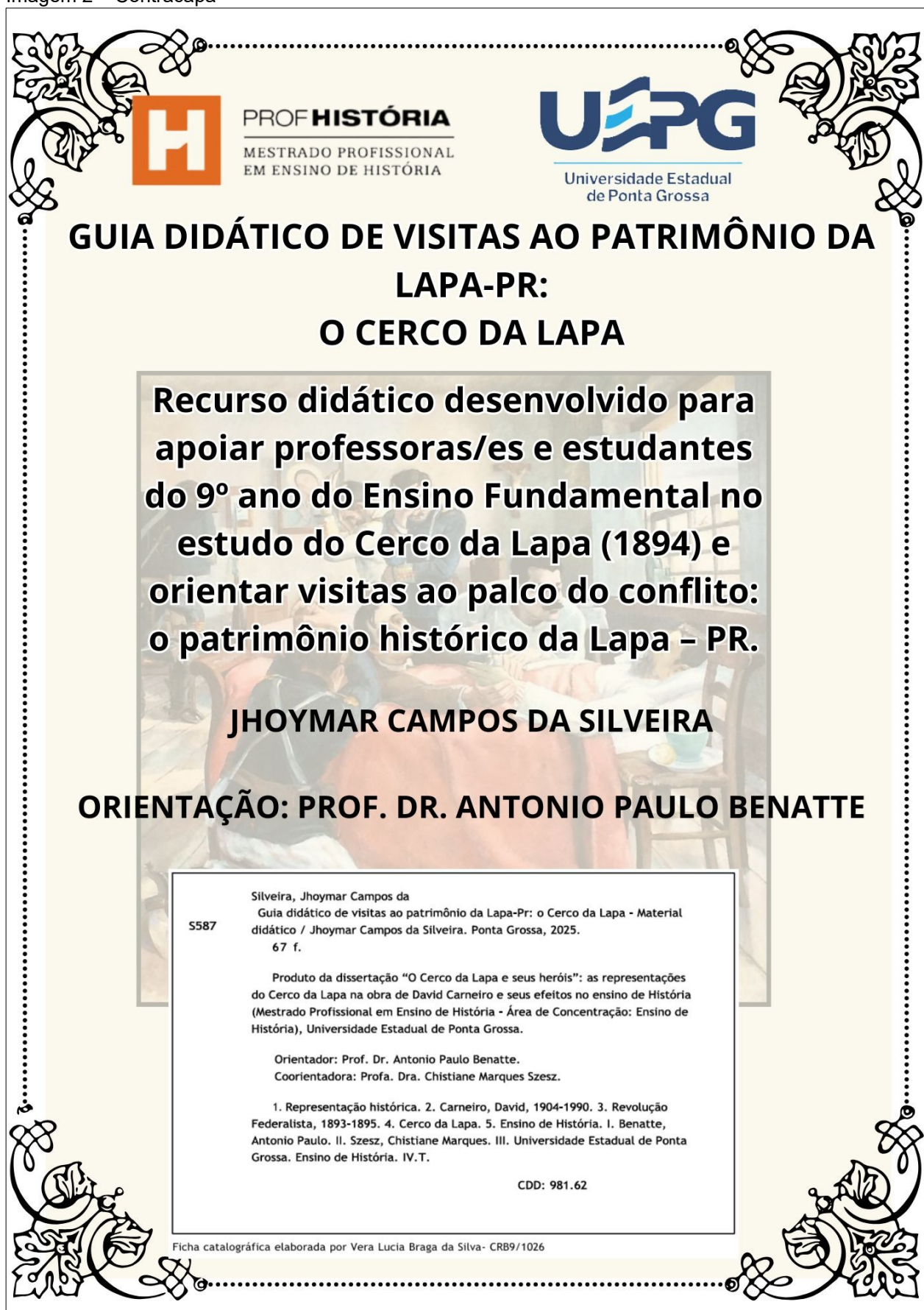
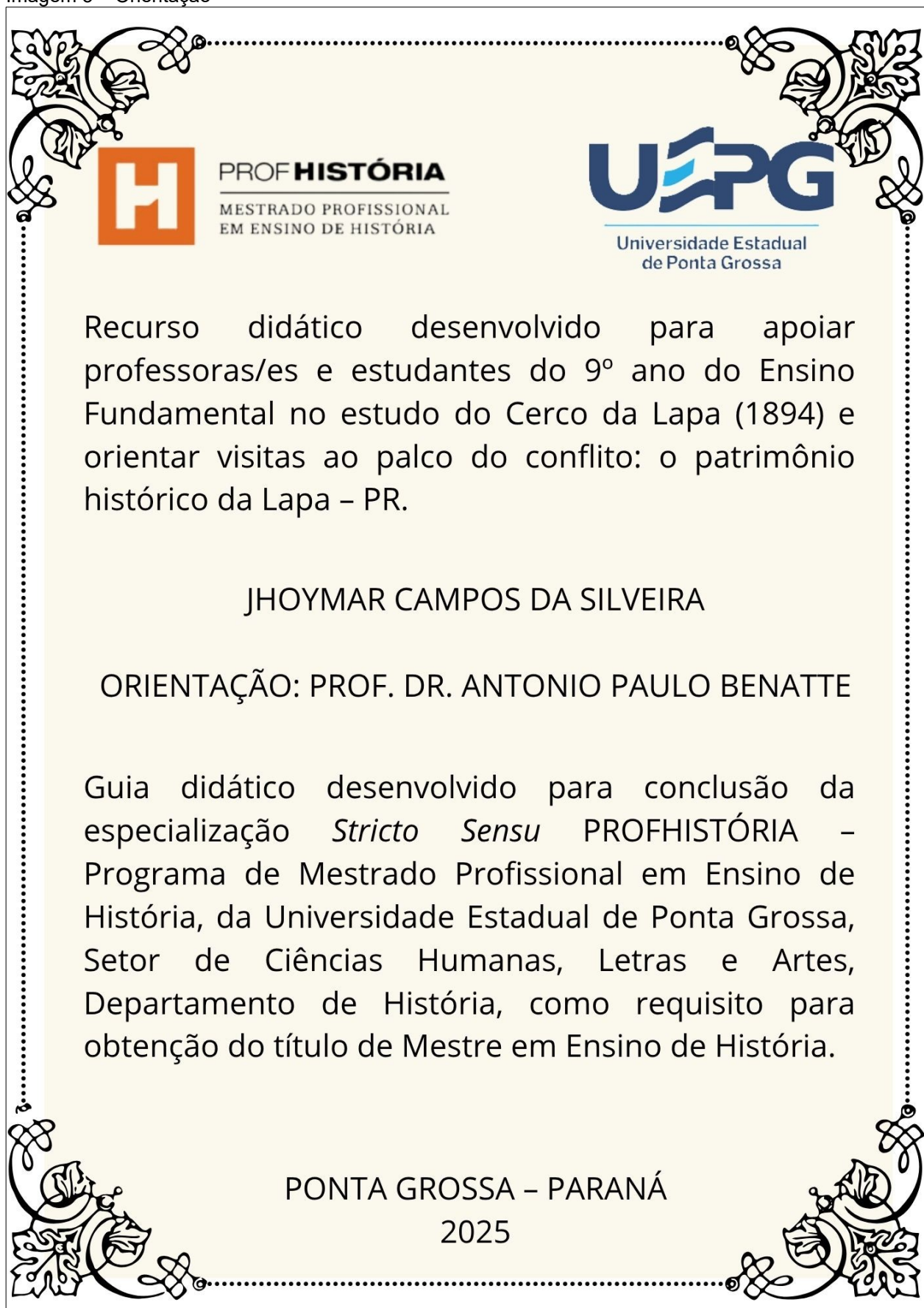


Imagem 3 – Orientação



APRESENTAÇÃO

Professoras, Professores e estudantes de História, é com muita satisfação que apresento e partilho este Guia Didático. Com objetivo de fortalecer o Ensino de História e auxiliar o aprendizado da Revolução Federalista e de um dos seus episódios: o Cerco da Lapa.

Nós professores acreditamos no nosso papel transformador que o nosso trabalho pode produzir na sociedade. Todos os anos, nós professores, buscamos mecanismos para superar os desafios cada vez maiores que envolvem nosso trabalho, por isso resistimos. Resistimos ao transformar nossas aulas mais dinâmicas, ao promover mais qualidade em nossas atividades, ao fazer com que nossos estudantes, nossas comunidades e a sociedade valorizem mais nossa profissão, que sempre praticamos com muito amor, mesmo sem perceber reconhecimento desse trabalho. Realizar nossa função com entusiasmo e acreditar no desenvolvimento das nossas aulas é exercer a resistência.

Este guia é resultado de muitas reflexões sobre a minha prática docente, na tentativa de criar significados importantes para o desenvolvimento dos estudantes com as aulas de História, despertando motivação e interesse dos estudantes nas aulas.

Você vai encontrar no guia uma sugestão de trabalho sobre a Revolução Federalista e seus desdobramentos até atingir o Paraná, principalmente o Cerco da Lapa. O guia é destinado ao 9º ano do Ensino Fundamental, mas pode ser adaptado para trabalhar com séries de diferentes etapas e níveis de formação.

O guia é dividido em duas partes: O trabalho em sala de aula sobre Revolução Federalista e o Cerco da Lapa, apresentado base teórica para aulas com ou sem a intenção de visita ao patrimônio da Lapa, pois sabemos que a realização de aulas em espaços alternativos ao ambiente escolar dependem de muitos fatores e de diferentes realidades.

A segunda parte é o Guia propriamente dito, com orientações para visita ao patrimônio histórico da Lapa, referente ao Cerco da Lapa, para as realidades que contemplem a possibilidade de visita pedagógica à Lapa. A ideia central é problematizar, in loco, a construção de representações e de identidade regional e do conhecimento histórico sobre o Cerco da Lapa.

Não entendemos este trabalho como um material definitivo sobre o Cerco da Lapa, mas um instrumento a mais para provocar reflexão sobre a construção do conhecimento histórico, um novo material para pensar permanências, apagamentos e construção de identidade regional através da historiografia e do patrimônio.

Imagem 5 – Apresentação 2

Neste material, a principal sugestão de trabalho a ser realizado começa por repensar a prática no Ensino de História, por tanto, pretendemos promover de Cultura de Paz, uma narrativa antiguerra e um trabalho de humanização de todos os envolvidos no processo de ensino.

Além do mais, desejamos aos docentes e estudantes ótimas aulas, momentos para cultivar memórias afetivas, que essas aulas sejam oportunidades de fortalecer vínculos, que essas aulas estimulem nossos estudantes a se enxergarem como indivíduos históricos, valorizem mais as aulas de História no cotidiano e que consigamos realizar um Ensino de História mais diverso, inclusivo e tolerante.

O AUTOR

Imagem 6 – Sumário

SUMÁRIO	
INTRODUÇÃO	6
1. TRABALHO EM SALA DE AULA.....	8
1.1 A Revolução Federalista: Contexto	9
1.2 A violenta rivalidade	15
1.3 A Revolução Federalista no Paraná	19
1.4 O Cerco da Lapa	23
1.5 Diferentes Visões	30
2. GUIA DIDÁTICO DE VISITA À LAPA	33
2.1 Experiências realizadas	35
2.2 Estrutura para visita.....	38
2.3 Espaços para visita.....	43
2.4 Proposta de Avaliação	67
REFERÊNCIAS	68

INTRODUÇÃO

A historiografia sobre o Paraná apresenta determinadas tradições, um dos mais conhecidos autores sobre a história do Paraná foi David Antonio da Silva Carneiro (1904-1990), identificamos um grande interesse em evidenciar os acontecimentos da história local para construção da história nacional. Através de sua narrativa, David Carneiro ajuda a criar um ideal identitário valorizando os acontecimentos e personalidades locais.

Um dos temas da história mais presentes na obra de David Carneiro é a História Militar, no campo regional, David Carneiro demonstrou grande interesse na História da Revolução Federalista e do Cerco da Lapa. David Carneiro cria uma narrativa repleta de representações, como os “heróis”, a “salvação” da República, entre outras. A narrativa de David Carneiro é legitimada, verificamos que elementos da narrativa de Carneiro são quase onipresentes, ou seja, constantemente são referenciadas em novas obras, assim, as representações criadas por David Carneiro são reforçadas e reafirmadas, reforçando sua versão dos acontecimentos e a permanência de uma “tradição historiográfica”.

De Fato, as obras de David Carneiro são importantes para historiografia de David Carneiro e não entendemos que seus trabalhos devam ser descartados, no entanto, neste material propomos uma nova reflexão sobre os temas da Revolução Federalista e do Cerco da Lapa. Propomos problematizar a narrativa hegemônica sobre o Cerco da Lapa e os efeitos por ela produzida nas aulas de História.

Para isso, o nosso Guia Didático, humildemente, quer ser mais uma ferramenta nas mãos dos professores e estudantes para realizar um estudo de História mais diversa, menos excludente, nem que seja por meio de reflexões sobre a ausência de determinados personagens, presentes na formação histórica da nossa sociedade mas não nas obras historiográficas.

O Guia sugere trabalhar o Tema da Revolução Federalista e do Cerco da Lapa usando um conjunto de aulas, em duas etapas:

1º: Momento em sala de Aula – para entender o Contexto da Revolução Federalista, as suas complexas motivações, personagens envolvidos, interesses envolvidos na construção do Brasil republicano. Propomos ainda identificar representações construídas na historiografia sobre o Cerco da Lapa e sua relação com a construção identitária do povo parananense.

2º: Aula de Visitação ao Patrimônio da Lapa – Para verificar se além da historiografia, o patrimônio histórico também reforça a construção identitária e as representações construídas pelas obras de David Carneiro, verificar se existe influência da narrativa de David Carneiro na história contada pelo patrimônio da Lapa.

Imagem 8 – Introdução 2

7

Fazer uma visitação ao centro histórico da Lapa pode ser uma tarefa mais difícil para determinadas realidades e depende de muitos fatores para acontecer, assim sendo, o Guia apresenta várias sugestões atividades e reflexões para o trabalho em sala de aula, mas sendo possível realizar a aula a campo, nosso material também trás sugestões de visitasões e atividades para realizar na aula de campo.

Queremos que o uso desse Guia Didático possa despertar reflexões sobre a produção de conhecimento histórico, que essas reflexões possam ser aplicadas na construção de aulas com grande significado para os estudantes e que nossos estudantes possam reconhecer a importância de estudar História.

Esperamos que nosso Guia possa contribuir para o desenvolvimento de aulas produtivas, úteis, transformadoras, que mostre aos estudantes que todos temos um importante papel como indivíduos históricos.

Ótimas aulas!

1. TRABALHO EM SALA DE AULA

O que nós professores queremos com a realização do nosso trabalho? Queremos transformar indivíduos e a sociedade? Queremos reproduzir e reforçar quais valores com nossa prática docente? Queremos promover Cultura de Paz e combater a violência? Queremos construir indivíduos mais humanizados com as aulas de História? Como estudar temas repletos de violência, como uma guerra civil, sem reproduzir violência?

A Revolução Federalista se caracteriza em um conflito de práticas de violência extrema. Como trabalhar assuntos tão delicados sem reproduzir práticas de violência? Como despertar nos estudantes consciência sobre combate de práticas violentas ao trabalhar assuntos como a Revolução Federalista? Como promover Cultura de Paz nas aulas de História?

Antes de tudo é necessário entender o conceito de Cultura de Paz. Segundo Organização das Nações Unidas (1999):

Art. 1º Uma Cultura de Paz é um conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida baseados:

- a) No respeito à vida, no fim da violência e na promoção e prática da não-violência por meio da educação, do diálogo e da cooperação;
- b) No pleno respeito aos princípios de soberania, integridade territorial e independência política dos Estados e de não ingerência nos assuntos;
- c) que são, essencialmente, de jurisdição interna dos Estados, em conformidade com a Carta das Nações Unidas e o direito internacional;
- d) No pleno respeito e na promoção de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais;
- e) No compromisso com a solução pacífica dos conflitos;
- f) Nos esforços para satisfazer as necessidades de desenvolvimento e proteção do meio-ambiente para as gerações presente e futuras;
- g) No respeito e promoção do direito ao desenvolvimento;
- h) No respeito e fomento à igualdade de direitos e oportunidades de mulheres e homens;
- i) No respeito e fomento ao direito de todas as pessoas à liberdade de expressão opinião e informação;
- j) Na adesão aos princípios de liberdade, justiça, democracia, tolerância, solidariedade, cooperação, pluralismo, diversidade cultural, diálogo e entendimento em todos os níveis da sociedade e entre as nações; e animados por uma atmosfera nacional e internacional que favoreça a paz.

Art. 2º O progresso até o pleno desenvolvimento de uma Cultura de Paz se conquista através de valores, atitudes, comportamentos e estilos de vida voltados ao fomento da paz entre as pessoas, os grupos e as nações.(Nações Unidas, 1999, s.p.).

Na perspectiva da Organização das Nações Unidas, a educação tem um papel fundamental para promoção da Cultura de Paz: “Art. 4º A educação, em todos os níveis, é um dos meios fundamentais para construir uma Cultura de Paz. Neste contexto, a educação sobre os direitos humanos é de particular relevância.” (Nações Unidas, 1999, s.p.).

Assim, nosso Guia pretende usar os princípios de Cultura de Paz para o estudo da Revolução Federalista, um tema onde a violência foi muito marcante, para desnaturalizar práticas e narrativas violentas nas aulas de História.

1.1 A Revolução Federalista: Contexto

A Revolução Federalista foi um conflito ocorrido na região sul do Brasil, no contexto de instalação e consolidação da República no país.

Segundo Rafael Augustus Sêga em seu livro *Tempos Belicosos* (2008), a Revolução Federalista foi entendida de diversas formas, vários autores definiram a Revolução Federalista com diferentes pontos de vista. Esses autores são contemporâneos do conflito, ou seja, viveram durante a Revolução Federalista, eram militares que lutaram no conflito, civis que participaram ou presenciaram as batalhas com maior distância e descreveram suas percepções sobre os ocorridos em diários, relatórios e outros diversos documentos. Outros autores são pesquisadores de épocas posteriores, que usaram os documentos dos contemporâneos e produziram suas interpretações e estudos valiosos para entendermos melhor a Revolução Federalista.

Podemos citar alguns exemplos dessa diversidade de definições sobre a Revolução Federalista usando o que foi dito por Sêga:

Revolução Federalista é a denominação mais conhecida da série de conflitos armados que ocorreram nos três Estados do Sul do Brasil entre 1893 e 1895. Podemos encontrar divergências tanto na designação da mesma como no corte sincrônico. Autores como Sérgio da Costa Franco, Davis Ribeiro de Sena e o coronel Cláudio Moreira Bento insistem em nomeá-la “Guerra Civil”, e outros, como o general José Cândido da Silva Muricy, Moacyr Flores, Hilda Agnes Hübner Flores, Angelo Dourado, Wenceslau Escobar e Euclides B. de Moura, em “Revolução de 1893”. Alguns autores paranaenses chamam-na de “Revolução de 1894”, porque esse foi o ano no qual os federalistas ocuparam o Estado. Em relação ao corte temporal, Davis Ribeiro de Sena, visto acima, traz a baliza inicial do conflito para 1892, pois para ele, as divergências começaram “no manifesto público assinado por treze almirantes e generais em 31 de março de 1892, quando a legalidade do governo de Floriano era questionada”; já para Luciana Rossato, o marco indicativo do encerramento ideológico do ciclo belicoso deve ser procrastinado para 1896, pois nesse ano se encerra a “trajetória liberal, após a proclamação da República até o Congresso Federalista de 23 de agosto de 1896”. (Sêga, 2008, p. 86-87).

Resumindo, Revolução Federalista é a denominação mais conhecida dos acontecimentos contextualizados, mas também pode ser chamada de “Guerra Civil”: devido a seu caráter de conflito bélico interno, de uma guerra de brasileiros contra brasileiros, motivadas por diferenças políticas; ou “Revolução de 1893”: devido ao ano do seu início no Rio Grande do Sul; ou “Revolução de 1894”: para a historiografia paranaense, pois foi ano em que os conflitos no Paraná se desenvolveram.

Vejam como um mesmo acontecimento pode ser compreendido de formas diversas, com diversas “verdades”, tudo depende da perspectiva que quem narra os acontecimentos. Não existe uma única forma de entender os violentos acontecimentos desse período, até hoje não existe um consenso sobre a Revolução Federalista (Sêga, 2008, p 87).

Imagem 11 – Página 10 do material didático

10

Dos pesquisadores posteriores aos acontecimentos, podemos destacar Sandra Jatahy Pesavento, autora de *A Revolução Federalista* (1983), que explica as origens do conflito no Rio Grande do Sul fazendo uma análise das mudanças estruturais políticas, sociais e econômicas no Brasil (com a Proclamação da República) e seus reflexos em forma de guerra civil no Rio Grande do Sul. Pesavento apresenta vários pontos de antagonismos na transição da Monarquia para a República que contribuíram para o desenvolvimento dos eventos bélicos:

As tensões deram-se tanto no âmbito da condução do processo econômico (apoio ou não à política econômico-financeiro “encilhamento”) quanto do processo político (república autoritária X república “liberal” federativa). As questões desdobravam-se ainda em cisões regionais (tensão centro X periferia) e em divisões corporativas (Exército X Armada), tendo ainda como complemento a presença de novos interesses sociais que começavam a aparecer na sociedade brasileira (empresários industriais X operariado). (Pesavento, 1983, p. 8-9).

No Rio Grande do Sul esses antagonismos chegam ao extremo e lá se desenvolve a Guerra.

Já sabemos que a Proclamação da República foi um dos acontecimentos motivadores da Revolução Federalista, então é necessário entender qual é a relação entre os acontecimentos fazendo uma breve contextualização. Segundo Bóris Fausto (2006), a queda da Monarquia se deu devido ao conjunto de fatores envolvendo: queixas do Exército com a elite imperial [Questão Militar]; pouca ou nenhuma animação popular em ver a Princesa Isabel e seu marido, o Conde d’Eu, como novos monarcas do Brasil; disputas entre Igreja e Estado [Questão Religiosa]; por fim, o avanço do movimento abolicionista (Boulos Júnior, 2022).

Tudo isso serviu para o fortalecimento de Partidos Republicanos no Brasil, principalmente entre os militares, que em 15 de novembro de 1889 aplicam um Golpe de Estado, instalando a República no Brasil. Segundo Bóris Fausto:

Como episódio, a passagem do Império para a República foi quase um passeio. Em compensação, os anos posteriores ao 15 de novembro se caracterizaram por uma grande incerteza. Os vários grupos que disputavam o poder tinham interesses diversos e divergiam em suas concepções de como organizar a República. (Fausto, 2006, p. 245).

Na perspectiva de Bóris Fausto, a Proclamação da República foi feita sem a participação popular, num primeiro momento o movimento foi essencialmente militar, logo após a proclamação uma elite socioeconômica também se envolve na construção da República.



Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/618>

11

D. Pedro II: O imperador destronado

Refletir, debata e descubra:

Podemos considerar a Proclamação da República e a instalação do primeiro governo republicano no Brasil movimentos elitistas?

Podemos considerar que a falta de participação popular na proclamação da República vai deslocar o povo de direitos durante os primeiros anos de República?

Podemos considerar que o papel de operários, camponeses imigrantes, mulheres, indígenas e ex-escravos na Proclamação da República e na instalação do primeiro governo foi limitado, assim como seria sua cidadania na primeira fase da República?

12

O povo brasileiro, excluído do processo de Proclamação da República, vai ser vítima dos terríveis acontecimentos posteriores ao dia 15 de novembro de 1889. Podemos considerar a Revolução Federalista como um dos eventos que configuraram incertezas para a consolidação da República.



Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/deodoro-fonseca/imagens/retrato.jpg>

Marechal Deodoro da Fonseca



Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/floriano-peixoto/imagens/retrato.jpg>

Marechal Floriano Peixoto

Os primeiros governantes da República, militares, por isso o período de governo dos dois primeiros militares é chamado de República da Espada, pois a espada é símbolo dos oficiais do exército brasileiro.

A política nacional em tensão produz um processo histórico que envolve a Proclamação da República à Revolução Federalista, são pontos desse processo que merecem nossa atenção:

- O Governo Provisório de Deodoro da Fonseca, consolidando o papel do velho Marechal como líder dos militares;
- A Promulgação da primeira Constituição da República em 1891, com forte característica liberal, que contrariava interesses do setor militar;
- A eleição indireta de Deodoro como presidente e Floriano Peixoto como vice-presidente;
- A renúncia de Deodoro, depois de problemas que tornam seu governo insustentável, incluindo uma tentativa de golpe. Contrariando dispositivos constitucionais, Floriano Peixoto permanece no poder e não convoca novas eleições:

Art 42 – Se no caso de vaga, por qualquer causa, da Presidência ou Vice-Presidência, não houverem ainda decorrido dois anos do período presidencial, proceder-se-á a nova eleição. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm acesso dia 13 de fevereiro de 2024.

Imagem 14 – Página 13 do material didático

Aprendendo mais!

13

Leia o que o dicionário define como Ditadura:

ditadura

di·ta·du·ra

sf

- 1 Governo autoritário, unipessoal ou colegiado, caracterizado pela tomada do poder político, com o apoio das Forças Armadas, em desrespeito às leis em vigor, com a consequente subordinação dos órgãos legislativos e judiciários, a suspensão das eleições e do estado de direito, com medidas controladoras da liberdade individual, repressão da livre expressão, censura da imprensa e ausência de regras transparentes em relação ao processo de sucessão governamental.
- 2 **POR EXT** Sistema de governo que, de forma geral, não respeita as liberdades individuais.
- 3 Governo ou autoridade do ditador; autoritarismo, tirania, despotismo.
- 4 Nos modernos governos representativos, o exercício temporário e anormal do poder político, impessoal ou colegiado, com atribuições prefixadas, destinado a sanar um mal público ou proteger suas instituições quando elas se encontram ameaçadas por um perigo externo ou interno.

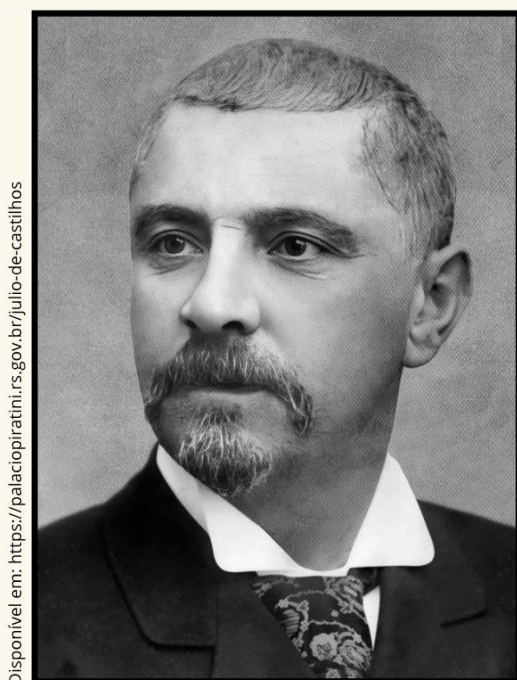
Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ditadura/>

Reúna a turma em equipes. As equipes podem debater sobre as características de uma ditadura, a partir do verbete e todas as fontes disponíveis, ou seja, discutir sobre o que caracteriza uma ditadura, como uma ditadura se estabelece e permanece no poder, para chegar a uma conclusão: O governo de Floriano pode ser considerado uma ditadura? Por fim, registrar as conclusões no caderno.

A forte centralização do poder nas mãos de Floriano e a sua interferência nas políticas locais são motivações da política nacional que provocam grandes tensões militares no Rio Grande do Sul, contribuindo para o início dos conflitos da Revolução Federalista.

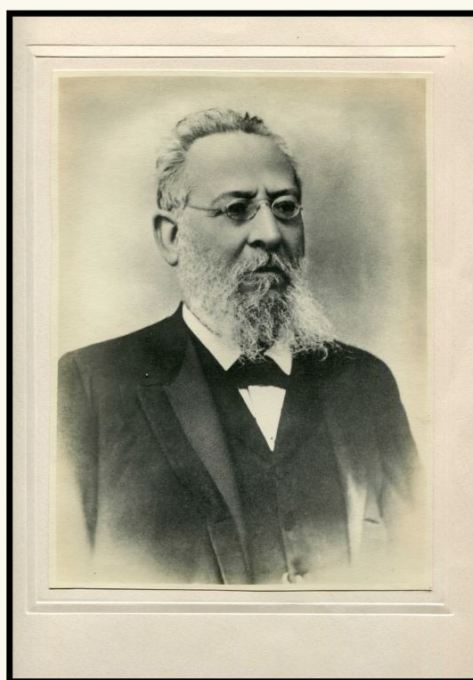
Enquanto isso ocorria, no Rio Grande do Sul, na política local, o antagonismo ficava cada vez mais intenso. Dois grupos principais se destacavam: um grupo ligado ao Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) de Júlio de Castilhos. O outro grupo ligado ao Partido Federalista Brasileiro (PFB), liderado por Gaspar da Silveira Martins. Os interesses em torno do poder e as diferenças ideológicas dos grupos estavam próximos de atingir o limite.

Nos primeiros anos da República existe muita instabilidade de poder no Rio Grande do Sul, alternâncias na chefia dos governos e renúncias que deixava no Rio Grande do Sul um clima de instabilidade muito grande. Quando Floriano assume o poder no Rio de Janeiro, decide intervir na situação tensa do Rio Grande do Sul. Nas disputas entre Silveira Martins e Castilhos, Floriano se posiciona a favor de Castilhos.



Disponível em: <https://palaciopiratinini.rs.gov.br/julio-de-castilhos>

Júlio Prates de Castilhos



Disponível em: https://acervos.museujulio.rs.gov.br/colecao-iconografica/gaspar-silveira-martins/#gid=tainacan-item-gallery-block_id=tainacan-item-attachments_id=49715&pid=1

Gaspar da Silveira Martins

A interferência do Governo Federal na política local pode ser considerado o motivo das disputas do campo político/ideológico ter escalado para uma disputa bélica, Segundo Sêga:

Formalmente, a Revolução Federalista tem como baliza inicial a invasão de uma coluna de maragatos de Gumerindo Saraiva (1851–1894) ao Rio Grande do Sul em 05 de fevereiro de 1893, quando, vindos de Aceguá, no Uruguai, eles transpuseram a fronteira e acamparam em um capão em Ana Correia, próximo ao rio Jaguarão, no município de Bagé. E o marco de encerramento mais difundido é a assinatura do Armistício de Piratini, firmado entre republicanos e federalistas em 23 de agosto de 1895, lavrado no município de Pelotas. (Sêga, 2008, p. 87).

Para Pesavento (1983, p. 86) “A 2 de fevereiro de 1893, deu-se a primeira invasão, quando os revoltosos, vindos do Uruguai, pretenderam tomar a cidade de Bagé. Começava a Revolução Federalista.”

Para os membros do Partido Federalista Brasileiro, a interferência do Governo Federal na questão política estadual representava um ataque ao Federalismo, demonstrando assim, o caráter centralizador e autoritário do governo de Floriano Peixoto, por isso a reação foi extrema, iniciando o a violenta guerra civil brasileira: a Revolução Federalista.

1.2 A Violenta Rivalidade

A proposta de trabalho mais importante do presente material é repensar a construção do conhecimento histórico através de análise de narrativas historiográficas e as representações produzidas sobre os eventos e personagens envolvidos na Revolução Federalista.

Entre civis e militares, comandantes e soldados, são milhares de personagens envolvidos na Revolução Federalista, pois foi um evento de grandes proporções. Uma das características mais marcantes da Revolução Federalista foi a rivalidade violenta entre os grupos beligerantes.

Desde antes dos conflitos bélicos eclodirem, era notório o forte antagonismo entre os grupos opostos. O grupo que defendia Júlio de Castilhos e a legalidade do Governo Floriano ficou conhecido como “legalista”, ou “castilhista”. Mas entre os adversários, esses eram chamados de “chimangos”:

Já a origem do termo “chimango” vem de “pássaro ruim para caça e não merece chumbo” e que, durante a Revolução Farroupilha, designava liberais moderados, ou de centro. As tropas federais passaram a ser conhecidas por “pica-paus”, em razão do uniforme azul e do barrete vermelho. (Sêga, 2008, p. 91).

Os apoiadores de Gaspar da Silveira Martins eram chamados de Federalistas, pois defendiam mais autonomia das Unidades da Federação em relação ao Governo Federal, mas seus adversários vão identificá-los como “maragatos”:

O termo “maragato” adquiriu uma feição muitas vezes pejorativa e podia designar “pessoa desqualificada” ou “castelhano”, que usava bombacha e tinha fama de desordeiro. Sua origem é controversa, mas a hipótese mais aceita faz retroceder a uma região na Espanha, La Maragataria, região povoada durante a dominação moura por berberes da região do Maragath, no Egito. Para os uruguaios, o termo designava as pessoas oriundas do departamento de San José, descendentes dos maragatos espanhóis. (Sêga, 2008, p. 91).



Líderes maragatos

Aparecem na foto, sentados da direita para esquerda: Cesário Saraiva;

Gumercindo Saraiva e Aparício Saraiva.

Estão juntos de líderes como:

Domingos Riibas;

Estácio Azambuja e

Zeca Netto.

Imagem 17 – Página 16 do material didático



16

Disponível em: <https://www.upf.br/noticia/print/47706>

Uniformes Maragato e Pica-pau.

A indumentária das tropas beligerantes. Em seus uniformes vemos cores, símbolos, como os lenços: Maragato usa lenço vermelho, Chimango usa lenço branco.

O uniforme legalista era azul e vermelho, por imitar a plumagem da ave, também são chamados de Pica-paus.

Uniformes militares com cores extravagantes são usados atualmente apenas em eventos e formaturas especiais, como nas comemorações dos dia do Cerco da Lapa, em 9 de fevereiro.

No Rio Grande do Sul as lutas foram marcadas pela barbárie, adotou-se a prática da degola como meio de execução de inimigos. As diferenças entre os grupos se transformam em extremismos. A violência entre os soldados no campo de batalha toma formade barbárie. O conflito que se instalou vai receber várias denominações e também fica conhecida pela violência das degolas:

no final de 1893, uma força governista foi dominada por Joca Tavares às margens do Rio Negro, nas proximidades de Bagé, onde ocorreu uma das maiores atrocidades de todo o período. Na noite de 24 de novembro, cerca de trezentos dos mil prisioneiros foram executados por degola. Mas essa chacina não passaria incólume. Alguns meses depois, um general castilhistas, Firmino de Paula, se vingou exterminando um número quase igual de maragatos em Boi Preto. (Sêga, 2011, p. 50).

A prática da degola por ambos os grupos, mostra importantes características da Revolução Federalista em território riograndense.

Imagem 18 – Página 17 do material didático

17

O uso da degola como representação de desprezo pela vida do antagonista, por isso identificamos na prática da degola uma consequência da Revolução Federalista, a desumanização dos envolvidos nos atos dessa violência, gerando um grande impacto psicológico nas tropas adversárias, que, por sua vez, retribuía o ato de barbárie, gerando um ciclo terrível de violência:

O certo é que de ambos os lados generalizou-se a prática da “degola”, forma de execução rápida e barata, uma vez que não requeria o emprego de arma de fogo. Consistia, na sua maneira mais usual, em matar a vítima tal como se procedia com os carneiros: o indivíduo era coagido a, de mãos atadas nas costas, ajoelhar-se. Seu executor, puxando sua cabeça para trás, pelos cabelos, rasgava sua garganta, de orelha à orelha, seccionando as carótidas, com um rápido golpe de faca.

Uma vez desencadeada a violência, a barbárie se deu num crescendo. A cada piquete aprisionado e degolado, o adversário vingava-se com uma atrocidade maior.

Ainda hoje, no Rio Grande, uma expressão popular lembra esta prática sanguinária. Quando se quer significar que uma coisa não vale a pena, diz-se “isso é gastar pólvora em chimango!”. Chimango, no caso, foi a alcunha que os republicanos receberam na época de Borges de Medeiros, sucessor de Júlio de Castilhos no governo do Rio Grande. Quanto ao “gastar pólvora”, significa — na concepção de um maragato — que, para dar cabo de um republicano, não valia a pena gastar um tiro; vai na faca mesmo, que é mais simples e barato... (Pesavento, 1983, p. 89-90).



Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_ikonografia/icon5807

Entendemos que a violência da Revolução Federalista foi muito grande e inaceitável. O estudo de História deve valorizar uma cultura de humanização, pacificação e repúdio à violência. A Violência pode ser um assunto constante na sala de aula, mas devemos ter a consciência de trabalhar assuntos que envolvam violência sem negá-la, mas entendê-la, problematizar romantização de guerras e “heroísmos”, na aula de História, a violência deve ser tratada como uma realidade a ser superada.

Imagem 19 – Página 18 do material didático

18

Aprendendo mais!

Praticar empatia pode ser uma forma interessante de combater extremismos e violência na sociedade. No entanto, o que é empatia?

GLOSSÁRIO:

empatia
em·pa·ti·a
sf

- 1 **PSICOL** Habilidade de imaginar-se no lugar de outra pessoa.
- 2 **PSICOL** Compreensão dos sentimentos, desejos, ideias e ações de outrem.
- 3 Qualquer ato de envolvimento emocional em relação a uma pessoa, a um grupo e a uma cultura.
- 4 Capacidade de interpretar padrões não verbais de comunicação.
- 5 Sentimento que objetos externos provocam em uma pessoa.

ETIMOLOGIA
gr empátheia.

Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/empatia/>

Vamos realizar uma atividade em duas etapas:

1ª Etapa: pensar o passado e sua relação com o presente:

A prática da Degola pode ser considerada o maior exemplo de excesso e barbárie da Revolução Federalista. Foi prática que demonstrava ódio grado por diferenças políticas. As degolas viraram prática habitual, uma rotina, tanto entre federalistas e legalistas. uma degola era seguida de outra como retaliação, assim, o Brasil foi banhado com o sangue das vítimas dessa prática terrível. Pensando sobre isso, responda:

- 1 - Por quais motivos disputas políticas produzem violência?
- 2 - A memória das práticas de violências do passado nos ajuda a pensar o presente?
- 3 - Como podemos agir para evitar que novas praticas de violências radicais aconteçam atualmente?

2ª Etapa: Praticar o conhecimento histórico:

- 1 - O que fazer para não repetir violências do passado não se repitam?
- 2 - Complete a frase: "Para que violências do passado, como guerras, eu me comprometo a..."

1.3 A Revolução Federalista no Paraná

Várias batalhas aconteceram no Rio Grande do Sul e continuariam acontecendo até o armistício, produzindo uma verdadeira carnificina naquele Estado.

Por várias questões estratégicas, as tropas federalistas se dividem, a coluna liderada por Gumerindo Saraiva resolve marchar rumo ao norte. Seu objetivo era enfraquecer as tropas legalistas que estavam no Rio Grande do Sul e chegar ao Distrito Federal, na época o Rio de Janeiro, capital da República.



Disponível em: <https://www.brasil-turismo.com/rio-grande-sul/historia/revolucao-federalista.htm>

Gumerindo Saraiva

Foi uma grande liderança militar federalista. Sobre Gumerindo Saraiva também foi construído representações heróicas e gloriosas, ficou conhecido como "Napoleão dos Pampas". O seu fim foi terrível, é um exemplo de excessos produzidos pelos legalistas, história típica de lendas folclóricas, mas real: Em 10 de agosto de 1894 Gumerindo Saraiva é atingido por um franco atirador e morre. Os federalistas sepultam seu corpo no Cemitério Santo Antônio dos Capuchinhos, em Itacurubi. No dia seguinte sua sepultura foi profanada, seu corpo é exumado e sofre mutilações. Dona Apolinária Cardoso de Souza recolhe os restos mortais de Gumerindo e sepulta-o novamente. Ocorreu mais uma exumação, dessa vez o cadáver de Saraiva sofre uma decapitação póstuma, seu corpo fica abandonado à beira da estrada, desrespeitando ordens, Dona Apolínária esconde o que restou do corpo de Gumerindo Saraiva no interior de uma árvore oca, para evitar novas profanações. Os eventos referentes ao fim de Gumerindo Saraiva revelam a grandeza das violências e paixões que o antagonismo produziu na Revolução Federalista.

A Armada também se rebelou, pela segunda vez, agora contra Floriano Peixoto, pois seu comandante, o Almirante Custódio de Melo pretendia concorrer as eleições para presidência após a renúncia de Deodoro, no entanto, a permanência de Floriano no poder impossibilitou a realização desse processo eleitoral, assim, além da guerra no Rio Grande do Sul, a Segunda Revolta da Armada também ameaçava Floriano Peixoto.

Disponível em: <https://chistorybrasil.webnode.com.br/album/galeria-de-fotos-primeira-republica-ou-republica-oligarquica-1889-1930/contra-almirante-custodio-de-melo-jpg/>



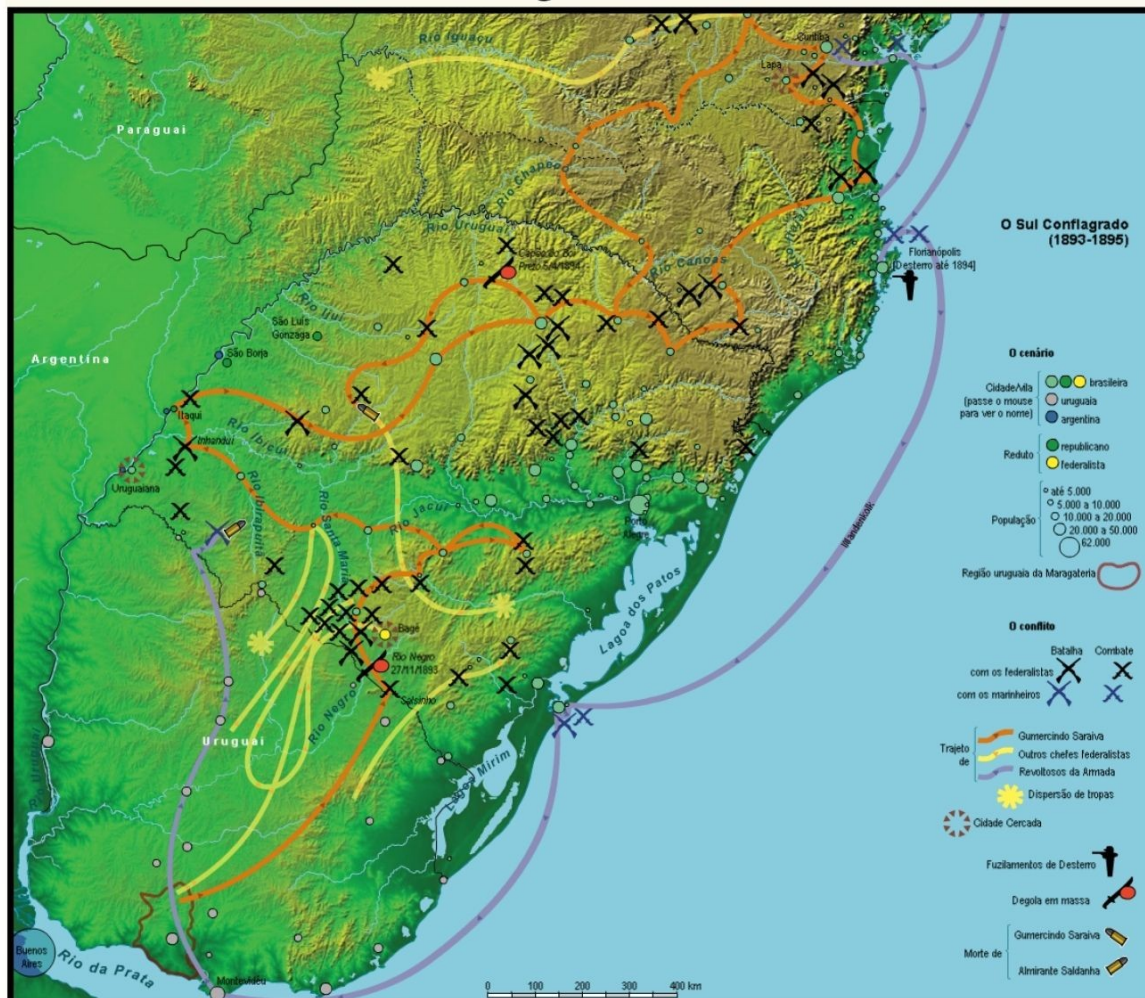
O Almirante Custódio de Melo

A rivalidade entre Floriano e Custódio de Melo representava a divisão dentro das forças armadas, entre o Exército e a Marinha. Quando Deodoro aplica um golpe que dissolveu a Câmara de Deputados, os comandantes da Marinha reagem, promovendo uma rebelião conhecida como a Primeira Revolta da Armada. Com a permanência de Floriano no poder, a Marinha se revolta novamente, no que ficou conhecida como a Segunda Revolta da Armada, no entanto, com as batalhas no Rio Grande do Sul, a Marinha se une aos federalistas contra Floriano Peixoto. É nesse contexto que a Marinha rebelada conquista Desterro e a transforma em seu Quartel General. Quando Desterro é retomada pelos florianistas em 1894, por decreto estadual, a cidade muda de nome para Florianópolis, para homenagear Floriano Peixoto.

Vemos na construção historiográfica da Revolução Federalista um conflito de interesses, são diferentes narrativas e representações dos envolvidos. Muitas narrativas consideram os federalistas e a Armada rebelada como inimigos da nação e uma ameaça para consolidação da República, tentando representá-los como restauradores da monarquia, avessos aos ideais republicanos e separatistas do Brasil. Em contrapartida, outras narrativas sustentam que os revolucionários eram brasileiros insatisfeitos com o governo central, nas mãos do que eles consideravam como um ditador.

De qualquer modo, a Marinha rebelada e os federalistas se unem contra Floriano. A Marinha faz da Ilha do Desterro (Atual Florianópolis) seu Quartel General, rompendo a ligação de Floriano com o sul pelo mar. Enquanto isso, Gumercindo Saraiva avança por terra, dominando Santa Catarina e atingindo o Paraná.

O Sul Conflagrado (1893-1895)



Disponível em: <https://atlas.fgv.br/marcos/anos-de-incerteza/mapas/o-sul-conflagrado-1893-1895>

Destacamos quatro eventos da Revolução Federalista no Paraná:

- Paranaguá: a breve resistência dos legalistas e o avanço federalista sobre a Serra do Mar;
- Tijucas: a breve resistência e a capitulação da cidade;
- Curitiba: o abandono da capital pelas lideranças política e militar, cabendo a uma junta de comerciantes, liderada por Ildefonso Pereira Correia, o Barão do Serro Azul, que “negociaria” com os federalistas a segurança dos curitibanos no lugar nas lideranças que bateram em fuga.
- Lapa: o Cerco da Lapa.

O Paraná e a Lapa estavam no caminho dos revolucionários devido ao caminho que surgiu com a atividade tropeira. A ocupação territorial da região da Lapa e dos Campos Gerais ganham grande impulso com o movimento de tropas.

A Lapa é profundamente marcada pela cultura tropeira. Ao visitar a Lapa, professores e estudantes podem conhecer e aprender muito sobre diversos temas da História local, entre esses assuntos, podemos destacar o tropeirismo na época colonial, a economia ervateira do período monárquico e, evidentemente, a Revolução federalista, no contexto da Proclamação da República.

A herança tropeira é vista em várias regiões do Paraná, vemos exemplos da tradição tropeira em hábitos do dia-a-dia, na culinária, no nosso vocabulário e até mesmo na arte regional,



Fonte: Acervo do autor.

Monumento em homenagem ao tropeiro

Obra localizada no acesso de entrada principal da Lapa, autoria de Poty Lazzarotto, de 1965, deixa evidenciado a importância do patrimônio cultural herdado pelos tropeiros na Lapa. O tropeirismo liga a Lapa à Revolução Federalista, pois o desenvolvimento da cidade se deu a partir da necessidade tropeira na região.

A região de onde o grupo de visitantes também sofreu influência do Tropeirismo?

A paisagem urbana do centro histórico da Lapa é muito diferente da paisagem do local de origem do grupo visitante?

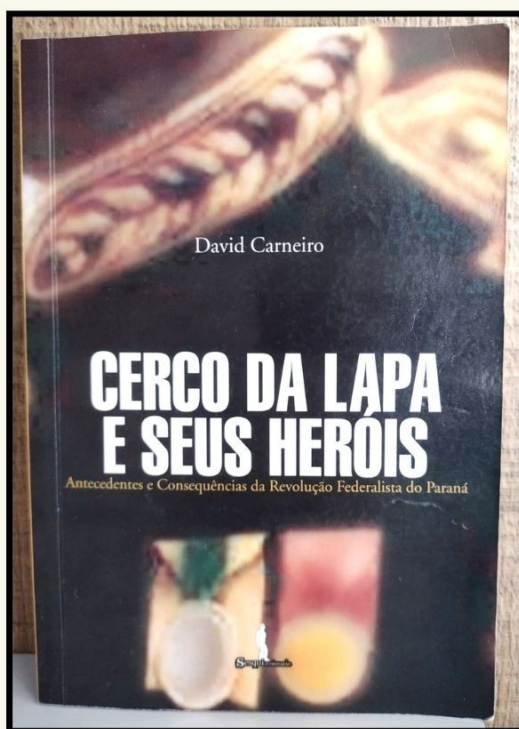
1.4 O Cerco da Lapa

De todos os eventos da Revolução Federalista no Paraná, nosso maior interesse é o Cerco da Lapa.

Pretendemos aqui apresentar algumas considerações importantes para compreender o Cerco da Lapa, principalmente a construção de representações sobre o episódio.

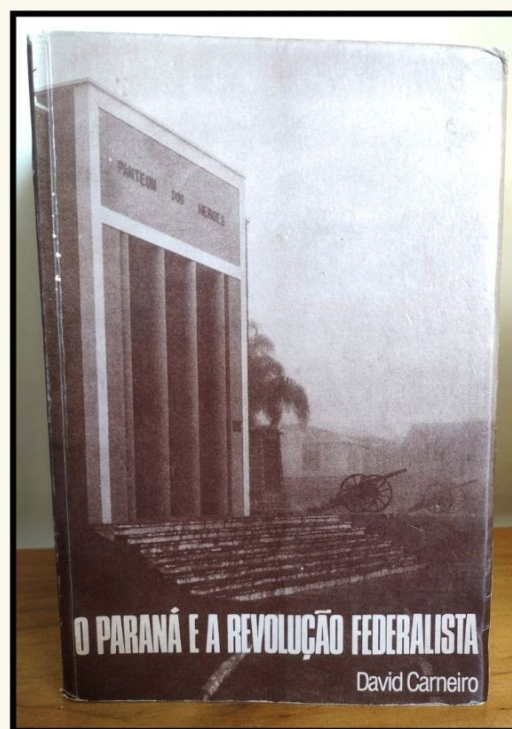
O Cerco da Lapa é representado pela historiografia como a “resistência épica”, que permitiu a salvação e a consolidação da República. Enquanto Paranaguá e Tijucas se rendiam, Curitiba foi abandonada sem demonstrar resistência, as lutas na Lapa se estendem por 26 dias.

O historiador David Carneiro foi autor de muitos trabalhos sobre o Cerco da Lapa. Sua dedicação sobre o tema é reconhecida e legitimada na historiografia. Dois trabalhos são importantes fontes para entender a Revolução Federalista no Paraná e o Cerco da Lapa:



O Cerco da Lapa e Seus heróis (2004)

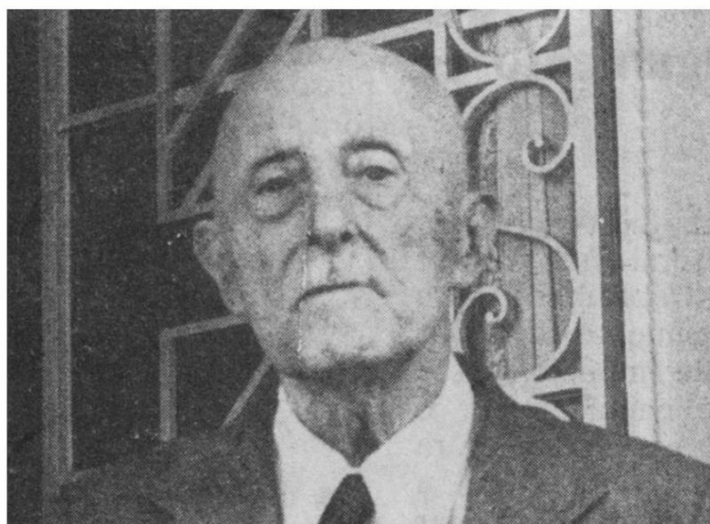
O Cerco da Lapa e seus heróis: antecedentes e consequências da Revolução Federalista no Paraná, de 1934, mas reeditado em 1991 e em 2004. A imagem acima mostra a capa da edição de 2004.



O Paraná e a Revolução Federalista (1982)

O Paraná e a Revolução Federalista, de 1944, mas reeditado em 1982. A imagem acima mostra a capa da edição de 1982.

Disponível em: <https://arthurlacerda.wordpress.com/2020/08/27/nos-trinta-anos-da-morte-de-david-carneiro/>



David Carneiro.

David Antônio da Silva Carneiro (1904-1990)

Reconhecido e legitimado como um dos principais historiadores sobre o Cerco da Lapa.

O Cerco da Lapa é narrado por David Carneiro com a batalha determinante para consolidação da República. A partir da interpretação dos livros de Carneiro, entendemos que o Cerco da Lapa se desenrolou cronologicamente nas seguintes etapas:

- Da chegada do Coronel Antonio Ernesto Gomes Carneiro para assumir o comando da Lapa, até o início da ação na cidade (de 26 de novembro de 1893 a 13 de janeiro de 1894) – Período caracterizado por ambientação de Gomes Carneiro a seus comandados e de preparação a resistência;
- Do início dos combates, no dia 13 de janeiro até o dia 17 de janeiro de 1894 – Etapa caracterizada pelo isolamento total e fechamento do Cerco à Lapa;
- De 17 de janeiro de 1894 até o dia 9 de fevereiro de 1894 – Etapa de combates diários até o ferimento de Gomes Carneiro;
- De 9 a 11 de fevereiro de 1894 – Do ferimento até a morte de Gomes Carneiro;
- O dia 11 de fevereiro – O episódio da capitulação da Lapa: o fim do Cerco.

Imagem 26 – Página 25 do material didático

25

Um objetivo muito importante que propomos atingir com este trabalho é identificar na narrativa de David Carneiro quais representações são produzidas sobre a cidade, a batalha e as pessoas envolvidas no Cerco da Lapa, para assim, problematizar essas representações. Na narrativa de Carneiro a Lapa foi “casualmente escolhida” para defender a República:

Foi essa a cidade casualmente designada pelas circunstâncias para servir de ponto da resistência no Paraná, contra a ameaçadora invasão federalista. Assim também o antigo instrutor de voluntários, o alferes Joaquim Lacerda, viu-se pelas circunstâncias, comandante da brigada que na sua cidade natal havia de resistir. Aí acampou a força que voltava de Santa Catarina, pelo Rio Negro, a 23 de novembro. (Carneiro, 1982, p. 95).

A Lapa também foi representada como o centro da resistência legalista, por isso, por meio de sacrifício, salvou a República: *“A Lapa deveria ser o centro de resistência. Ela viria representar nos fastos republicanos um papel sem igual em relevo e sacrifício.”* (Carneiro, 1991, p. 37).

Segundo David Carneiro o Cerco da Lapa é caracterizado como luta de resistência e sacrifício pela situação estratégica e numérica de inferioridade, dos sitiados em relação aos sitiantes:

Os sitiados reconheciam, na Lapa, que cada ponto atacado era guarnecido por forças numericamente inferiores às atacantes, mas eles tinham confiança na bravura dos seus soldados comprovada nos contatos precedentes, e sabiam que havia recursos em marcha para socorrê-los, ou que, quando menos, estariam resistindo tenazmente, como fazia a heróica guarnição da Lapa. (Carneiro, 2004, p. 80).

David Carneiro também enaltece a participação de “heróis” no conflito.

Floriano Peixoto é consagrado por desempenhar papel de herói como líder político que vence a Revolução e consolida a República:

Foi nessas circunstâncias que o Marechal Floriano, contando com a sua férrea energia e alguns auxiliares de dedicação extrema, foi a pouco e pouco conseguindo debelar o mal, fazendo voltar o país ao equilíbrio estável e consolidando a República. (Carneiro, 2004, p. 163-164).

Quando o Paraná é reocupado pelos legalistas, acontece uma violenta perseguição a supostos “traidores da República”, com prisões e execuções ordenadas pelos líderes legalistas. David Carneiro defende que a punição deveria acontecer e ser exemplar, mas entende que ocorreram excessos, mas descia Floriano Peixoto de culpa pelos excessos, incluindo o assassinato do Barão do Serro Azul, em maio de 1894, no quilômetro 65 da estrada de ferro entre Curitiba e Paranaguá. Sobre isso diz Carneiro:

A punição dos chefes era necessária para dar exemplo? Sem dúvida. Mas então que se alardeasse com força a grandeza do exemplo; o que não se devia fazer e o que se fez no 5º distrito militar, foi fugir com evasivas e mentiras à responsabilidade do assassinato, pois que só assassinato se pode chamar à matança levada a efeito sem julgamento e sem defesa ante um tribunal qualquer, por mais irregular embora, onde o governo aja em nome de uma ordem estabelecida em lei, e codificada. Não há dúvida que era necessária a punição dos chefes envolvidos na luta contra o governo, mas essa punição devia ser feita legalmente. (Carneiro, 1982, p. 284)

Imagem 27 – Página 26 do material didático

26

David Carneiro não associa Floriano Peixoto aos assassinatos de 20 de maio de 1894 no quilômetro 65 da estrada de ferro da serra do mar.

O assassinato do Barão do Serro Azul, sem um julgamento legal e justo, é um dos assuntos mais polêmicos da Revolução Federalista.

Outro herói representado nas obras de David Carneiro foi Joaquim Rezende Correia de Lacerda, também conhecido como Coronel Lacerda, o líder civil local, homem rico e respeitado na comunidade lapeana da época. Diz David Carneiro em seus trabalhos que Lacerda dispunha de 650 homens sob seu comando:

Lacerda tinha todos os seus homens presos à sua gaveta ou ao seu coração, quando não a ambos, como chefe político rico, prestigioso e valente. Apesar de tudo, quando os chamava e pedia-lhes para o servirem naquela contingência, declarava logo: *"Fujam vocês todos se eu não estiver à frente nos lugares de mais perigo!"* (Carneiro, 2004, p. 66).

Segundo a narrativa de David Carneiro, os homens da Lapa não se dedicariam a defender a causa legalista não fosse o Coronel Lacerda:

A caboclada que se bateu patrioticamente na Lapa, sem jamais ter recebido um tostão de soldo nem a menor recompensa ou referência pessoal, bateu-se pelo Coronel Lacerda, seu chefe, amigo, padrinho ou credor, e longe dele não se bateria com ardor, e talvez nem mesmo se batesse. (Carneiro, 2004, p. 66).

Joaquim Lacerda assume papel de protagonismo durante capitulação da Lapa, mesmo com ordens e promessas de resistência até o sacrifício final. No mesmo dia da morte de Gomes Carneiro a **capitulação** da Lapa é acordada e assinada pelo Coronel Lacerda.

GLOSSÁRIO:

capitulação

ca·pi·tu·la·ção

sf

1 Ato ou efeito de capitular.

2 JUR, MIL Termo das condições impostas e aceitas em que um chefe militar se rende; derrota, entrega, rendição.

3 Acordo entre litigantes ou desavindos.

4 FIG Ação de ceder; sacrifício feito em virtude de força superior; transigência à força das circunstâncias; cessão, submissão, transigência.

6 Rendição incondicional; cedência, renúncia, sujeição.

EXPRESSÕES

Capitulação da consciência: composição vergonhosa consigo mesmo, desprezando escrúpulos justificados ou traindo deveres conhecidos.

ETIMOLOGIA

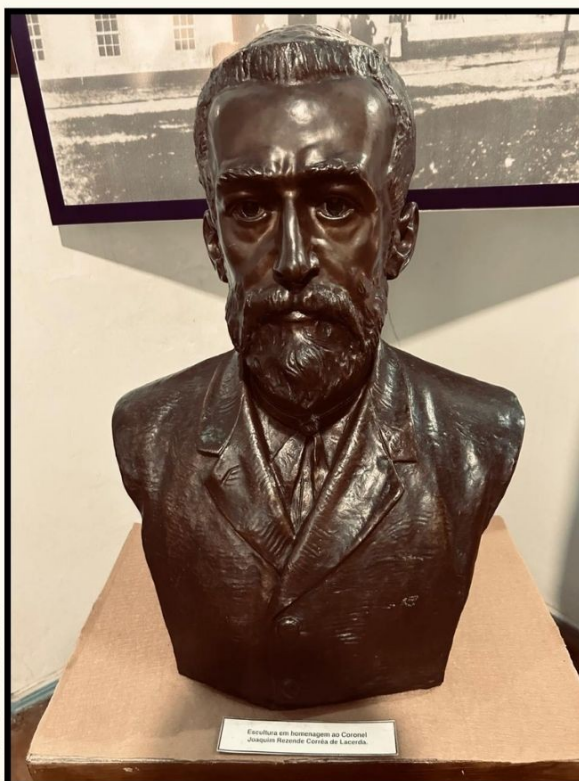
lat *capitulatio*.

Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/capitula%C3%A7%C3%A3o/>

27

David Carneiro escolhe não narrar a fuga de Lacerda da Lapa após a capitulação, mesmo que fosse para justificar o risco de execução, pois algumas degolas vão ocorrer na Lapa após a capitulação.

Busto de bronze representando Joaquim Rezendo Correia de Lacerda



Fonte: Acervo do autor.

A representação de herói máximo das narrativas de David Carneiro recaem sobre Antonio Ernesto Gomes Carneiro, ou Coronel Carneiro, o comandante de todas as tropas na Lapa sitiada.

Atenção!



0000 O Historiador, autor de trabalhos sobre o Cerco da Lapa, David Antonio da Silva Carneiro, **NÃO TEM LAÇOS DE PARENTESCO** com Antonio Ernesto Gomes Carneiro! Compartilhar o mesmo sobrenome é apenas um capricho da História.

0000 Na escrita do presente material vamos diferenciá-los: Sempre que nos referirmos ao líder da resistência na Lapa, vamos escrever Gomes Carneiro. Quando nos referirmos ao historiador, vamos escrever David Carneiro, ou apenas Carneiro.

Imagem 29 – Página 28 do material didático

28

Ao longo das páginas das obras pesquisadas verificamos constantemente atribuição de adjetivos ao coronel Gomes Carneiro, são elogios especiais sempre construindo de forma muito clara e direta a imagem de um homem perspicaz, corajoso, valente, leal, um grande líder, um grande militar, um soldado convicto, em fim, um grande herói. Essa narrativa com exagero de memória na intenção de construir a representação heroicista chega até os capítulos referentes ao ferimento e morte do coronel Gomes Carneiro. De forma bem declarada, a narrativa de David Carneiro vai criando a representação de vítima e mártir da salvação republicana. A descrição da morte de Gomes Carneiro merece uma atenção especial para entender a forma de construção da representação de Gomes Carneiro pela narrativa em mártir e heróis da salvação e consolidação da República:

Acordou ainda mais pálido, olhos no fundo, rodeados de roxo intenso. O rosto estava molhado de suor frio.
 O Dr. João Cândido olhou-o angustiosamente.
 O seu pulso era um fio tênue.
 Mas Carneiro pôde ainda falar, e olhando para o seu dedicado médico, disse sorrindo: “Salvou-me desta, doutor; não morro mais!”
 A sua vivacidade voltara. Parecia melhorar. Alguns alimentaram grandes esperanças. Carneiro ainda recebeu visitas e a Serra Martins, que lhe pedira ordens, ainda pôde dizer firmemente: “Só ha uma ordem: resistencia, resistencia a todo o tranze!”
 Mas não durou muito essa situação. Aos poucos volta a angústia e recomeça a agonia, silenciosa mas intensa, tanto para quem sofria como para quem via sofrer.
 Eram 6h30min da tarde; pouco mais, talvez.
 A fuzilaria não cessara lá fora, e os canhões troavam soturnamente, respondendo ao bombardeio federalista.
 Gomes Carneiro respirou fundo. Todos o olharam ansiosos. Deixou pender a cabeça, fixando o olhar vidrado num ponto longínquo que só ele via...
 O Frei Caneca? A salvação da República?
 A glória? – Quem sabe em que pensam os heróis nessas horas de agonia?
 Estava cumprida a missão que lhe fora confiada. Estava morto!
 Podiam agora passar sobre o seu cadáver, os exércitos federalistas vitoriosos.
 Podiam seguir rumo ao Rio; podiam levar os seus heróicos canhões para combater contra os seus primitivos manejadores.
 Ele estava morto, mas além do Paraná, que se sacrificara com ele, estava a República salva! (Carneiro, 2004, p. 136).

Na narrativa de David Carneiro, a morte de Gomes Carneiro é representada como sacrifício e Gomes Carneiro passa a ser representado como mártir da República, por isso receberia promoção ao posto de General de Brigada (Carneiro, 2004, p. 156). Segundo David Carneiro, não se trataria de uma promoção post-mortem, pois foi divulgada em 26 de janeiro de 1894, mas seria referente a Ordem do dia de 8 de fevereiro de 1894, um dia antes de falecer, reforçando, por tanto, que o próprio Marechal Floriano reconhecia o papel heroico que Gomes Carneiro desempenhou na Lapa.

Podemos ver a Lapa representada como cenário de sacrifício e seu povo vítima dos sofrimentos, devido as dificuldades circunstanciadas pelo cerco, consequências desse sacrifício, em nome de cumprir seu dever patriótico.

A narrativa de David Carneiro representa a Lapa não só como espaço de memória regional, mas também de relevância nacional, ao defender com sacrifício e coragem a República que recentemente havia sido instalada; ou seja, de um simples local onde aconteceu um conflito bélico, para um símbolo de identidade regional e exemplo moral de luta, vitória e heroísmo.

Desse modo, a representação da Lapa e sua gente, contribui para a construção e manutenção da mitificação histórica dos heróis. Na narrativa de Carneiro, as representações da cidade e seus habitantes fazem parte da construção e do esforço em valorizar a luta na cidade dentro da história nacional e regional, descrevendo o evento de resistência como “épico” ou “*epopeia do cerco*” (Carneiro, 1982, p. 364).



Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:General_Carneiro.png

Antônio Ernesto Gomes Carneiro (1846-1894)

Representado como herói da consolidação da República. Após a morte é chamado de General Carneiro, pois foi promovido ao posto de General. David Carneiro reforça a mitificação de herói em todos os seus trabalhos, incluindo uma biografia intitulada “Gomes Carneiro e a consolidação da República”. (s.d.).

1.5 Diferentes visões

A reocupação legalista no Paraná também é marcada por excessos e violência desmedida por parte dos legalistas.

Várias prisões vão ocorrer de forma arbitrária. Fuzilamentos sumários e execuções também marcam a reocupação legalista. Todo aquele acusado ou considerado simpático às causas revolucionárias poderia ser preso e morto. Um dos casos mais conhecidos dos excessos acontecidos no Paraná reocupado foi o assassinato de Ildefonso Pereira Correia, o Barão do Serro Azul.

Disponível em: <https://www.curitibahistorica.com.br/publicacoes/487/barao-do-serro-azul-decada-de-1880>.



O Barão do Serro Azul (1849-1894)

Ildefonso Pereira Correia, o Barão do Serro Azul, vítima dos excessos da Revolução Federalista. Seu assassinato se configura em um dos acontecimentos mais polêmicos da Revolução Federalista e é debatido até atualmente. Sua história foi tema de obra cinematográfica, o filme O Preço da Paz (2003).

No Paraná, o chefe comandante de distrito era o general Francisco Raimundo Ewerton Quadros, eram suas as ordens de prisões no Paraná. Sob suas ordens muitas execuções aconteceram. Segundo Carneiro, o capitão Joaquim Augusto Freire era secretário-geral de Ewerton Quadros, por recomendação direta de Floriano Peixoto. David Carneiro diz, em relatos, que Joaquim Freire tinha posse de um arquivo particular, que eram evidências incontestáveis de que, nem Vicente Machado, nem Floriano Peixoto tiveram participações nas execuções que aconteceram em 20 de maio de 1894, no quilômetro 65 da estrada de ferro entre Paranaguá e Curitiba, sendo um dos executados, o Barão do Serro Azul (Carneiro, 1892).

Imagem 32 – Página 31 do material didático

31

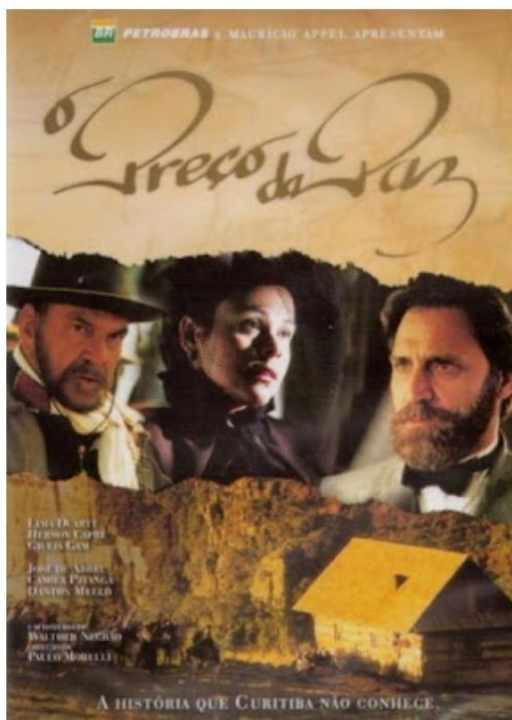
Segundo Carneiro, Joaquim Freire foi mentor do assassinato do Barão, com consentimento de Quadros: “Joaquim Augusto Freire, que exercia as funções de capitão, fora o mentor, segundo sua declaração expressa, e para vingar-se de uma tentativa de suborno, desse assassinato, consentido pelo General Quadros.” (Carneiro, 2004, p. 159).

Dessa forma, David Carneiro faz seu julgamento sobre a participação de Floriano Peixoto sobre os eventos de instalação e consolidação da República como:

Daí decorre o julgamento necessário aos dois partidos que tenderam, no Brasil, depois de 1889, um a perturbar a ordem, visando, ainda mais, a uma retrogradação; outro que se dispôs com todo o sacrifício a manter a ordem legal estabelecida, ainda mesmo que pesasse essa legalidade legítima aos legistas, que se apegavam aos sentidos literais das leis, sem verem as grandes necessidades sociais que determinavam uma conduta, por parte do Marechal Floriano Peixoto, detentor do poder na ocasião, de reação contra a desordem e a anarquia sob as múltiplas formas por que se apresentou. (Carneiro, 2004, p. 163).

Aprendendo mais: História e cinema!

Hoje temos muito material para problematizar a construção das narrativas da historiografia tradicionalista sobre a Revolução Federalista. No filme *O Preço da Paz* (2003) podemos ter contato com um novo ponto de vista sobre personagens da Revolução Federalista, incluindo o papel da Baronesa do Serro Azul nos eventos em território paranaense.



Cartaz do filme *O Preço da Paz*. Direção de Paulo Morelli, 103min, roteiro de Walter Negrão. Elenco: Herson Capri como o Barão, Giulia Gam como a Baroneza, Lima Duarte como Gumerindo Saraiva e José de Abreu como Cesário Saraiva.

Imagem 33 – Página 32 do material didático

32

O filme *A Cabeça de Gumercindo Saraiva* (2018) aborda temas sobre a desmedida violência provocada pelas paixões exageradas, envolvendo as degolas e o caso da decapitação póstuma de Gumercindo Saraiva.



Cartaz do filme *A Cabeça de Gumercindo Saraiva* (2018). Filme de **Tabajara Ruas**, inspirado em sua própria obra, com mesmo título. Elenco: **Murilo Rosa** como Major Ramiro de Oliveira, **Leonardo Machado** como Francisco Saraiva.

No filme é possível entender que existem várias representações de personagens históricos, como os maragatos, que não são retratados como apenas os “degoladores sanguinário de seus inimigos.

Atenção!



OOOO O uso de filmes nas aulas de História merece atenção do professor. É necessário assistir ao filme e respeitar a classificação indicativa. Passar trechos específicos podem produzir um ótimo efeito ilustrativo e adequação ao tempo disponível para o trabalho com o tema abordado.

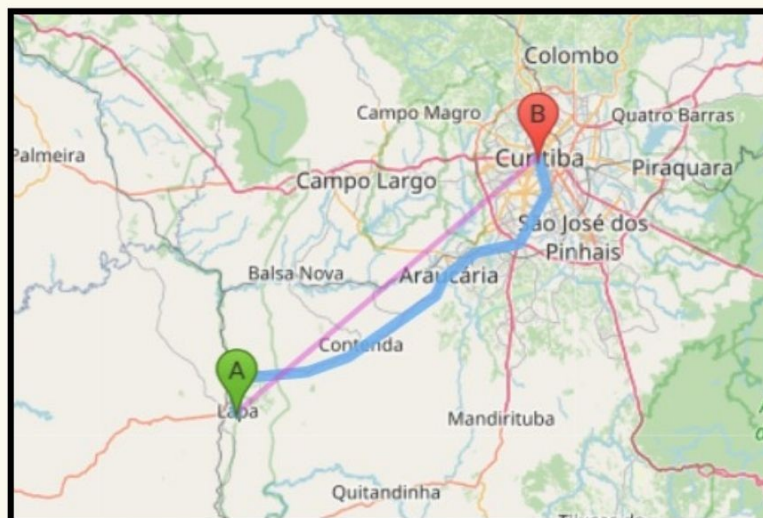
OOOO Muitas vezes o uso dos filmes nas aulas podem produzir um resultado positivo, cabe ao professor decidir se o recurso cinematográfico está dentro da sua realidade.

Além do trabalho em sala de aula, além de livros e filmes sobre a Revolução Federalista, professoras e professores podem aprofundar o conhecimento sobre o Cerco da Lapa por meio de visita ao patrimônio Histórico da Lapa. Nosso próximo capítulo sugere o trabalho em espaço alternativo à sala de aula, um Guia didático para visitas pedagógicas ao patrimônio da Lapa - PR.

2. GUIA DIDÁTICO DE VISITA À LAPA

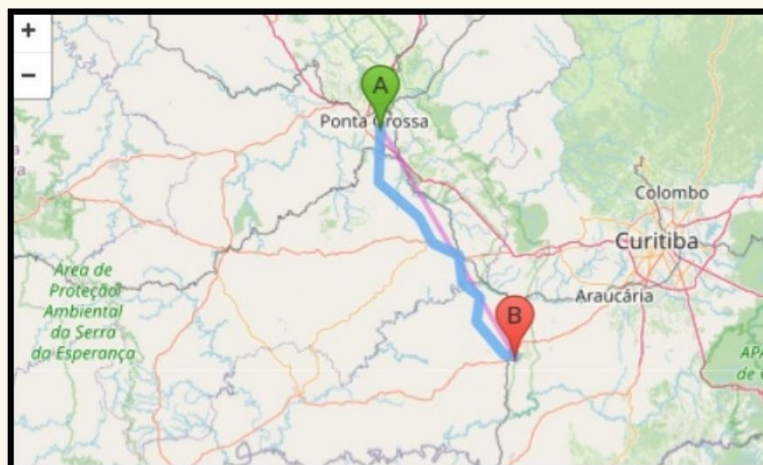
Uma aula em espaço alternativo à sala de aula pode produzir efeitos significativos de aprendizado e fortalecimento de vínculos, no entanto, realizar uma aula fora da escola necessita muito planejamento e organização.

A realidade de cada estabelecimento escolar pode ou não permitir uma aula de campo. Para saber se sua realidade permite uma visita à Lapa-PR, vamos descobrir a distância da Lapa em relação a sua região:



Disponível em: <https://br.distanciadas.net/calculador?from=Curitiba&to=Lapa%20paran%C3%A1>

Curitiba à Lapa - aproximadamente 71 quilômetros de distância - tempo de viagem: aproximadamente 1 hora, via BR 476, com pedágio em funcionamento.



Disponível em: <https://br.distanciadas.net/calculador?from=Ponta%20Grossa&to=Lapa%20paran%C3%A1>

Ponta Grossa à Lapa - aproximadamente 103 quilômetros de distância - tempo de viagem: aproximadamente 1 hora e 40 minutos, via PR 151 até Palmeira, BR 277 até Porto Amazonas com pedágio em funcionamento e PR 427 até Lapa.

Imagem 35 – Página 34 do material didático

34

Atenção!



Não é apenas o fator distância que pode impedir uma aula de campo, é necessário apoio da equipe de gestão da escola, apoio dos professores da turma (pois numa eventual viagem alguns professores deverão ceder suas aulas, além de ajuda de um ou mais professores da turma para acompanhar a turma na viagem), apoio da turma e dos responsáveis pelos estudantes.

É importante solicitar autorização dos responsáveis para a saída. Fazer um tratado de compromisso de respeito a normas e regras garantam segurança durante a aula com os estudantes, assim como, garantir a etiqueta ideal de comportamento em espaços museológicos.

SEMPRE RESPEITAR AS REGRAS E ORIENTAÇÕES ESPECÍFICAS DE CADA ESPAÇO DE VISITAÇÃO!

Após um bom preparo inicial em sala de aula sobre o tema da aula de campo, tendo garantido tudo que for necessário para o deslocamento seguro, da escola até o local de visita, será garantido bons momentos de aprendizado.

Lembrando, o Guia sugere pontos e tempo de visita, no entanto, cada professor pode planejar suas aulas como entender ser a melhor forma para atender seus objetivos.

O presente Guia também pode ser adaptado para o ensino de História, sobre o Cerco da Lapa em diversas etapas de formação, do Ensino Fundamental ao Superior.

2.1 Experiências realizadas

Várias experiências exitosas já foram produzidas com aulas de campo ao patrimônio histórico da Lapa, sobre os diversos assuntos que a Lapa pode oferecer. Em 2024, a turma de 3º ano do Ensino Médio Regular, do Colégio Estadual do Campo Guajuvira, do município de Araucária, realizou uma aula de campo à Lapa, acompanhados por seu professor, o autor do presente trabalho, que contou com ajuda de uma professora de apoio de estudante com espectro do autismo e o auxílio de uma familiar. Mesmo a turma relativamente pequena, composta por 21 estudantes, três responsáveis conseguiram garantir um bom aproveitamento e segurança para todos os estudantes.

A data escolhida para a aula foi o dia 16 de outubro de 2024, infelizmente o professor e os estudantes dividiram as despesas de transporte. Além da despesa com o transporte, cada estudante pagou seu próprio almoço em um restaurante previamente escolhido e reservado. O dia começou nublado e temperatura amena, mas logo o céu ficou limpo com o sol forte, mas um dia muito agradável para a caminhada pela Lapa.



Fonte: Acervo do autor.

Turma do Colégio Estadual do Campo Guajuvira em visita à Lapa, no dia 16 de outubro de 2024. Conhecendo a Antiga Rua das tropas.

36

Para fazer uma avaliação do aproveitamento e da qualidade dessa aula, ninguém melhor do que os próprios estudantes. Ao questionar a estudante Lorena se a aula foi boa, a estudante respondeu:

" Com toda certeza jamais vamos esquecer esse dia incrível que tivemos!! Obrigada Prof por tanto!! Sem dúvidas aprendemos e enriquecemos o nosso conhecimento, foi impossível não se encantar com tudo o que vimos!! Obrigada também a essa galerinha animada, vcs são os melhores!!! Foi muito divertido passar o dia com todos vcs!!!".



Fonte: Acervo do autor.

Turma do Colégio Estadual do Campo Guajuvira em visita à Lapa, no dia 16 de outubro de 2024. Ouvindo a orientação da atendente da Casa Lacerda.

A familiar que acompanhou a turma, Francielle Eloise, também participou da avaliação respondendo se a aula teve aproveitamento de aprendizado:

"Sem dúvidas foi um dia incrível, adorei a oportunidade de participar e aprender um pouco mais com vocês".

A estudante Ana Clara respondeu a pergunta sobre os diversos aprendizados que a aula produziu:

"Não foi apenas uma aula a campo... Foram risos, aprendizado e o cultivo de memórias que vão ser inesquecíveis, apesar de cansativo nada se compara a gratidão de ter essa oportunidade e de ver que não precisa ir muito longe pra ver as belezas que nosso Estado oferece aliado a história".

A estudante Thaynara destacou o valor humanizador da aula e a memória afetiva criada na aula:

"Verdade, agradecemos mesmo prof, tudo que foi feito hj, ficará pra sempre no nosso coração, em nossas lembranças, obrigada por trazer nesse nosso final de ano no colégio uma grande memória."

Ao agradecer a belíssima participação e contribuição de todos os estudantes ao final da aula e das avaliações, obtivemos um último retorno da estudante Jheniffer:

"Nós que agradecemos prof, foi tudo incrível !!!".



Fonte: Acervo do autor.

Estudantes da turma do Colégio Estadual do Campo Guajuvira em visita à Lapa, no dia 16 de outubro de 2024. Uma grande demonstração de empatia e acolhimento, as colegas acompanhando a visita com o colega autista. A visita também foi inclusão.

2.2 Estrutura para visitação

A Lapa recebe muitas turmas escolares diariamente, por tanto, organizar o trajeto de visitação é importante para aproveitar ao máximo o patrimônio que a Lapa abriga. Para atender a grande demanda, a Lapa oferece uma ótima estrutura de visitação.

A primeira decisão a tomar é referente data de visitação. Os museus da Lapa fecham nas segundas-feiras para manutenção, por isso os professores devem ficar atentos ao dia escolhido para a visitação ao patrimônio da Lapa.

Atenção!



Visitas escolares ao patrimônio da Lapa são mais indicadas entre terça-feira e sexta-feira, das 09:00 horas às 12:00 e das 13:30 às 17:30.

A segunda decisão é um Cronograma de Visitação, ou seja, uma visitação apenas pela manhã, apenas pela tarde, ou uma visita de dia inteiro. Nossa sugestão é reservar um dia (manhã e tarde) para uma visitação mais completa.

A proposta do presente guia é justamente auxiliar os professores na elaboração desse cronograma, com dicas de locais e tempo de duração da visita em cada local.

Atenção!



Entre em contato com a Prefeitura Municipal da Lapa para agendar a data de visita da sua turma. Escolas públicas são isentas da taxa de visitação, mediante solicitação de isenção via ofício. Para mais informações, ligar no número da recepção Turística:

41-3547-8021

Outra forma de contato é via e-mail:

turismo.lapa@gmail.com

Cada um dos museus e prédios históricos oferecem guias preparados e responsáveis para atender os visitantes. No entanto, cada ponto de visita  o atende um determinado número de pessoas a cada momento, por isso o cronograma da visita  o pode sofrer altera  es. O tempo de visita  o a cada atrativo pode variar por diversos fatores, como o tamanho dos grupos que podem revesar as visita  es.

O responsável pelo grupo de escola pública deve ter em mãos uma cópia do ofício enviado previamente, para garantir a isen  o da taxa de ingresso aos museus, validando a isen  o no Receptivo Turístico, mas apresentando o ofício em todos os museus.

Mais detalhes merecem a aten  o dos responsáveis pela visita  o   Lapa:

- O Centro Histórico da Lapa mant  m estrutura patrimonial bem preservada, inclusive postes de ilumina  o e calçamento, assim, ruas e calçadas são irregulares e podem apresentar dificuldades de deslocamento,   necessário pedir aos estudantes para **usar calçados confortáveis**, pois, mesmo em um espaço de poucas quadras, a caminhada será vigorosa;

- A escolha de roupas confortáveis são importantes para realizar as visitas, **mas o uso do uniforme escolar   importante**, pois garante uma identifica  o rápida do grupo visitante, mas a Lapa está localizada no sul da Região Metropolitana de Curitiba, por isso, a varia  o climática   um fator de aten  o. Dias de chuva são desafiadores para uma visita  o confortável, dias de sol também podem causar desconforto, importante usar protetor solar;

- Solicitar aos estudantes o uso de garrafas individuais de água.   permitido uso de mochilas durante a visita  o, por tanto, os estudantes podem levar uma lanche rápido, como frutas, biscoitos, suco, **mas o consumo de alimentos   proibido dentro dos museus**;

- Lembrar o grupo da aten  o aos cuidados com lixo. **Cada um dos visitantes deve levar para casa todo lixo que produziu**, como embalagens que sobram de consumo do lanche, além de fotografias, boas memórias e muito aprendizado.

- Os atrativos e atendentes garantem inclusão. São pessoas bem preparados para receber **estudantes com necessidades especiais e com Transtorno do Espectro Autista**.

- Todos são responsáveis pela segurança de todos, não são raros os casos de "interven  es" de pessoas externas do grupo, assim, todos devem saber como **lidar com possíveis interven  es tratando todos com extremo respeito**. O responsável pelo grupo deve pedir educadamente para que os externos não atrapalhem a aula da turma.

Calçamento típico da Lapa:

Placas de arenito, um tanto irregulares, por isso a necessidade de calçados confortáveis.

Fonte: Acervo do autor.



Mapa turístico da Lapa:

Entregue aos visitantes após a passagem no Receptivo Turístico. Bom material para usar na aula de campo.

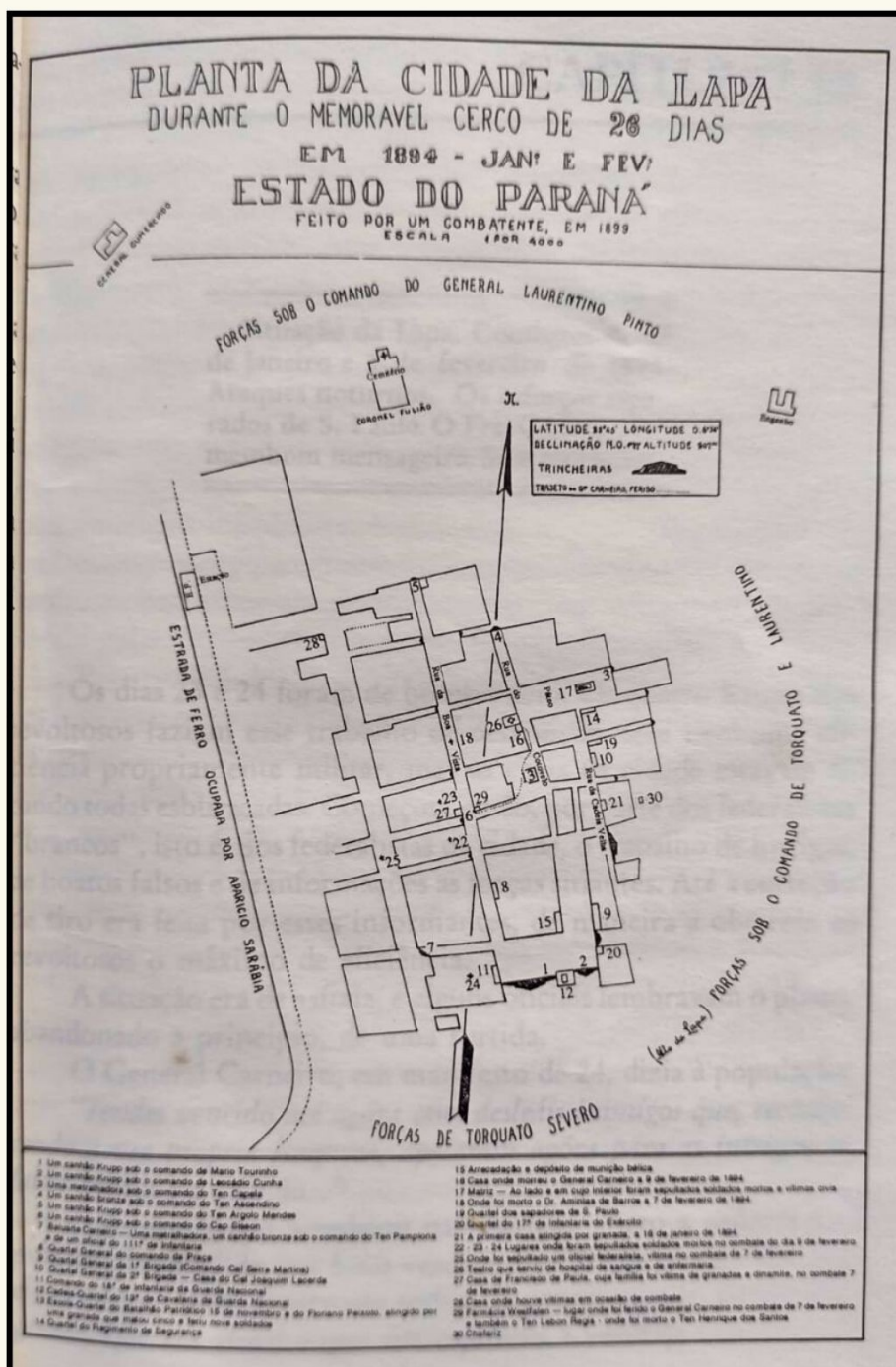


Disponível em: <https://www.lapaturismo.com.br/mapa>

Imagem 42 – Página 41 do material didático

Planta da Lapa durante o Cerco:

41



Disponível em: Carneiro, 1991, p. 113.

Sugerimos como atividade durante a visita, pontuar na planta os locais de visitação. Fazer discussões sobre transformações dos espaços e comparações usando imagens históricas e obras de arte.

Imagem 43 – Página 42 do material didático

42

Ao final da aula, após completar as visitas, o professor pode entregar aos estudantes o “Certificado de Lapeanista”, um certificado simbólico oferecido pelo Departamento de Turismo da Lapa para os grupos de estudantes e visitantes que completam as visitas nos museus da cidade.

O “Certificado de Lapeanista” e demais materiais impressos entregue ao visitantes no Receptivo Turístico. Podem ser usados durante a aula.



Fonte: Acervo do autor.

Sugestão: A entrega do “Certificado de Lapeanista” também pode ser entregue ao fim das avaliações, como finalização das aulas referente ao Cerco da Lapa.

A entrega dos “Certificados”, por mais simbólico que seja, provoca um interessante efeito de reconhecimento e valorização do estudante e seus esforços, como consequência, os estudantes também valorizam mais a aula, guardam as atividades da aula na memória com muito carinho e afeto, valorizando muito mais as aulas de História.

2.3 Espaços para visitação

• RECEPTIVO TURÍSTICO



Fonte: Acervo do autor.

Av. Caetano Munhoz da Rocha, 230 - Tel: 41-3547-8021 - Email: turismo.lapa@gmail.com

Tempo de Permanência: 10 minutos de vídeo, mais tempo de perguntas para os recepcionistas.

No Receptivo Turístico o grupo recebe as primeiras orientações, sugerimos começar o cronograma de visitação pelo Receptivo Turístico. Fica em local de fácil acesso, logo na entrada da cidade que abriga o monumento de Poty Lazzarotto, em homenagem aos tropeiros. No Receptivo Turístico o grupo recebe Folder com mapa e pontos turísticos que podem ser visitados na Lapa, mas o principal interesse é o vídeo explicativo sobre o Cerco da Lapa.

Representações: O vídeo apresentado foi produzido com apoio da Prefeitura Municipal da Lapa e pelo 15º GAC AP e também está no canal do *Youtube* do Exército Brasileiro. Reproduz e reforça a narrativa e a representação do Cerco da Lapa como responsável por salvar a República com bravura. Representa a atuação de Gomes Carneiro como heróica e corajosa. Junto do Coronel Joaquim Lacerda, reforçam a narrativa da Lapa e seus heróis como determinantes para salvar a República e o Brasil.

Problematização: O vídeo indica como referência o romance histórico de David Carneiro: *Rastro de sangue* (1971), a obra de Francisco Brito de Lacerda: *Cerco da Lapa: Do começo ao fim* (1985) e o livro de Milton Miró Vernalha: *Maragatos x Pica-paus* (1984), assim, a influência da narrativa de David Carneiro é muito evidente.

Sugestão de reflexão: Após assistir o vídeo, debater com o grupo a construção do conhecimento histórico pelo vídeo, refletir de que forma o vídeo produz permanências no conhecimento histórico, quais são essas permanências, refletir sobre a representação de mulheres e de ex escravos.

• THEATRO SÃO JOÃO

44



Fonte: Acervo do autor.

Rua Francisco Cunha, 26 - Praça Gal. Carneiro - Tel: 41-3547-8021 - Email: turismo.lapa@gmail.com

Tempo de Permanência: 20 a 30 minutos, dependendo do tempo de perguntas para os recepcionistas e das reflexões sobre o vídeo.

O Theatro São João é um dos prédios mais icônicos do centro histórico da Lapa, sua visita é obrigatória! O responsável pelo grupo pode recolher o material para auxiliar a aula no Receptivo Turístico e começar as visitas pelo Theatro São João, caso o Receptivo Turístico estiver ocupado com grupo, para não atrasar o cronograma, pois no Theatro São João também é possível assistir ao vídeo sobre o Cerco da Lapa, para assim, fazer as problematizações referentes a construção do conhecimento histórico sobre o Cerco da Lapa e suas representações.

O Theatro São João serviu como enfermaria durante o Cerco da Lapa, por isso muitas histórias envolvem o Cerco da Lapa ao Theatro São João, incluindo as histórias referentes a passagem por túnel que ligava o Theatro ao Museu Histórico da Lapa.

Problematizações: Pode-se discutir o uso dos espaços em épocas de paz e de guerra, como a guerra afetou o cotidiano da cidade e o uso dos seus espaços.

Sugestão interdisciplinar: ARTES: O Teatro; Arquitetura; Arte no Paraná.

História que "rompeu" o Cerco da Lapa: A visita de Dom Pedro II ao Theatro São João.

• MUSEU HISTÓRICO



Fonte: Acervo do autor.

Rua Francisco Cunha, 30 - Praça Gal Carneiro - Tel: 41-3547-8021 - Email: turismo.lapa@gmail.com

Tempo de Permanência: 20 a 30 minutos, dependendo do tempo de perguntas para os recepcionistas e das reflexões sobre o vídeo.

No Museu Histórico o grupo de visitantes encontra o local da morte de Gomes Carneiro e peças referente ao Cerco da Lapa. É uma antiga residência tombada, portanto, o espaço museológico é dividido em salas. No roteiro guiado a primeira sala visitada é a sala da morte de Gomes Carneiro, com peças originais e uma grande pintura do artista paranaense Theodoro de Bonna intitulado "A morte de General Carneiro".

Representações: Gomes Carneiro como mártir da República, o "sacrifício" de Gomes Carneiro representado como ato heróico e que foi essencial para a vitória legalista.

Problematizações: A construção do ideal identitário do herói, heriocização de personalidades históricas em um contexto de guerra civil, a representação da morte de Gomes Carneiro como "sacrifício" por um bem maior, a vitória legalista contra os revolucionários.

História que "rompeu" o Cerco da Lapa: A exposição das peças encontradas com a escavação arqueológica da Fonte Quebra Pote.

46

A morte do General Antonio Ernesto Gomes Carneiro, do pintor paranaense Theodoro De Bona, 1971.



Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/129453603@N07/17239421211>

A pintura original está na sala do Museu histórico da Lapa, em cômodo que reconstruiu a cena da morte de Gomes Carneiro a partir da obra de arte.

Problematizações: É possível identificar influência da representação histórica de Gomes Carneiro como mártir da República, ou herói do Brasil, na produção de arte paranaense?

Quais elementos da pintura mais chamam a sua atenção?

• PRAÇA GENERAL CARNEIRO



Fonte: Acervo do autor.

Praça General Carneiro, Centro

Tempo de Permanência: 10 a 15 minutos. O momento muito bom para pedir para alguns estudantes comentar sobre os resultados das problematizações.

No centro da Praça está um dos maiores símbolos da representação heróica de Gomes Carneiro, além de batizar a praça, Gomes Carneiro está representado no alto de um monumento, por uma grande estátua de bronze, da autoria de João Turin, o grande escultor paranaense e pioneiro do Movimento Paranista.

A Praça General Carneiro é o ponto central da cidade da Lapa, no seu entorno se encontram importantes patrimônios tombados da Lapa, como o Theatro São João, o Museu Histórico, a Matriz de Santo Antônio e um bom conjunto arquitetônico, que mistura a prédios típicos da arquitetura colonial com outros modelos arquitetônicos, como o solário de Hipólito Alves de Araújo, neto do Barão dos Campos Gerais. O prédio de dois andares serviu como primeiro hospital da cidade da Lapa, mas atualmente está desativado e em desuso.

Representação: A exaltação dos heróis do Cerco da Lapa e o ideal identitário paranaense.

Problematização: No centro da praça, em frente da estátua de Gomes Carneiro, problematizar o excesso de memória de Gomes Carneiro e a construção do conhecimento histórico apenas de homens, líderes, brancos e ricos.

História que “rompeu” o Cerco da Lapa: A arte paranista e o papel de João Turin na construção de uma identidade heróica do povo do Paraná; O preservacionismo patrimonial e o Solário Hipólito Alves de Araújo.

48

Estátua de General Carneiro em bronze:

Obra de Joao Turin.



Fonte: Acervo do autor.

*Como a estátua representa Gomes Carneiro?**A construção da imagem de herói é reforçada ou não?***Fotografia antiga da Praça***Compare a imagem de época com a paisagem atual. A paisagem apresenta quais transformações e quais permanências?*

Disponível em: <https://memoriaparanaense.com.br/2022/04/22/fotos-antigas-da-cidade-paranaense-da-lapa/>

• IGREJA MATRIZ DE SANTO ANTÔNIO



Fonte: Acervo do autor.

Praça General Carneiro, 84, Centro

Administrados pela Paróquia de Santo Antônio da Lapa

Tel: (41) 3622-1484

Tempo de Permanência: 15 a 20 minutos. A visitação ao interior da Matriz de Santo Antônio depende do uso para as celebrações. Nas quartas-feiras acontecem as novenas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, durante o dia todo, nos intervalos entre uma e outra novena é possível visitar o interior da igreja.

A igreja Matriz de Santo Antônio é a construção mais antiga da Lapa, obra de 1784, como é indicada a data no alto da porta de entrada da igreja. Construção colonial, a imponência da construção com paredes feitas de arenito, muito espessas chamam a atenção.

O interior abriga grande conjunto de obra sacra dos séculos XVIII, XIX e XX. Durante o Cerco da Lapa, foi no interior da Matriz que combatentes foram sepultados, incluindo Gomes Carneiro e Cândido Dulcídio, como indica placas na sacristia lateral da Matriz.

Problematização: O uso dos espaços durante o Cerco da Lapa.

História que “rompeu” o Cerco da Lapa: O Tropeirismo e o seu papel no desenvolvimento do Paraná; O mito do Paraná sem escravidão ou com pouca influência de herança africana em seu desenvolvimento, uma vez que a prova mais evidente da presença dos escravizados na formação do Paraná está nas construções do século XVIII, como é o caso da Matriz de Santo Antônio da Lapa.

Imagem 51 – Página 50 do material didático

50

Interior da Matriz de Santo Antônio



Fonte: Acervo do autor.

Altar principal



Fonte: Acervo do autor.

Lápide da sepultura de Gomes Carneiro dentro da Igreja Matriz



Fonte: Acervo do autor.

• PANTEON DOS HEROES



Fonte: Acervo do autor.

Rua XV de Novembro, s/n, Centro - Tempo de Permanência: 15 a 20 minutos.

* Até o momento da escrita desta parte do material, o Panteon estava fechado para restauro, por tanto, impossível visitar o interior do mausoléu. A parte externa do monumento é livre para visitação.

Foi construído como parte das homenagens do cinquentenário do Cerco da Lapa, em 1944. É um mausoléu que abriga restos mortais de combatentes do Cerco da Lapa. Representados com bustos de bronze em local de destaque na construção, estão os restos mortais do general Gomes Carneiro, do coronel Joaquim Lacerda, do coronel Dulcídio Pereira e de José Amintas da Costa Barros, como parte do conjunto do monumento, quatro canhões krupp da época do Cerco da Lapa duas placas de bronze, uma em cada lado do Panteon, com a planta da Lapa durante o Cerco, a outra, com a carta de capitulação da Lapa.

Representações: A Lapa como ponto essencial de resistência e seus heróis como salvadores da República, construção da memória, de representações através do patrimônio. Reforço do mitificação do herói regional.

Problematização: Como o patrimônio contribui para permanência das representações criadas sobre personagens envolvidas no Cerco da Lapa. Ausência de mulheres, negros ou federalistas nas representações do patrimônio.

Parte externa à direita do Panteon dos Heroes



Fonte: Acervo do autor.

Dois canhões KRUPP da época do Cerco da Lapa, em cada lateral do mausoléu central. Além dos canhões, uma placa de bronze com a planta da cidade da Lapa durante o Cerco na Revolução Federalista, onde o visitante pode entender a posição das tropas sitiadas, dos sitiantes, entender as estratégias ofensivas e da resistência, locais de combates e transformações que ocorreram na Lapa ao longo dos anos, entre elas, estação e a linha ferroviária, que atualmente estão mais distantes do centro histórico.

Parte externa à esquerda do Panteon dos Heroes



Fonte: Acervo do autor.

Na lateral direita do monumento central, os dois canhões e uma placa de bronze com uma transcrição da Ata de Capitulação, ou o rendimento da Lapa após os 26 dias de resistência.

• CASA LACERDA



Fonte: Acervo do autor.

Rua XV de Novembro, 67, Centro.

Tempo de Permanência: entre 50 a 60 minutos, dependendo do interesse dos estudantes em esclarecer dúvidas com atendente do museu.

O museu é composto por muitos cômodos, por isso sua visita pode demorar mais tempo do que o previsto, mas caso isso ocorra, significa que os estudantes vão aproveitar bem a visita.

É o museu de administração federal na Lapa, administrado pelo IPHAN. Foi residência da família Lacerda, construída pelo pai do Coronel Lacerda. Serviu como Quartel General da resistência durante o Cerco da Lapa. A Ata de Capitulação, com a presença de Gumerindo Saraiva foi assinada na sala principal da casa. Além dos cômodos internos, o átrio nos fundos do prédio é outro espaço interessante de visita, que favorece a ambientação do visitante a um ambiente típico de uma família de certas posses e renda confortável do século XIX.

Cada peça, mobília, arte que está em exposição guarda uma interessante história sobre o cotidiano do século XIX.

Problematização: A influência que o Coronel Lacerda exercia sobre a população lapaense; A assinatura da Ata de Capitulação e a rendição da Lapa; As mulheres Lacerda, por exemplo, a corajosa participação de Dona Maria Magdalena Moojem Lacerda, a esposa do Coronel Lacerda, que sofre apagamento na historiografia.

História que “rompeu” o Cerco da Lapa: A história do cotidiano do século XIX, a relação dos hábitos familiares devido ao tropeirismo, o Ciclo econômico da erva-mate.

• MUSEU DE ARMAS



Fonte: Acervo do autor.

Alameda David Carneiro, 380 - Centro.

Tempo de Permanência: entre 30 a 40 minutos, dependendo do interesse dos estudantes em esclarecer dúvidas com atendente do museu.

A parte externa do museu abriga monumentos, um em homenagem aos combatentes da Força Expedicionária Brasileira lapeanos, que lutaram na Segunda Guerra Mundial e outro em homenagem ao Barão dos Campos Gerais. A visitação do Museu de Armas pode se estender aos referidos monumentos.

No Museu de Armas os visitantes conhecem um acervo bélico com peças da Primeira Guerra Mundial, da Segunda Guerra Mundial, de caça e referentes ao Cerco da Lapa. O imponente prédio de dois pavimentos já teve diversos usos, foi Casa de Câmara e Cadeia e instituição de ensino. Atualmente o pavimento térreo abriga o Museu de Armas e o piso superior a Câmara Municipal.

Grande parte do acervo foi doação do senhor Osires Stenghel Guimarães, engenheiro de formação, atuou em diversos governos estaduais na segunda metade do século XX. Foi superintendente do Porto de Paranguá, o que explica a presença de peças da Marinha no acervo do Museu de Armas.

A exposição sobre a O Cerco da Lapa apresenta armamento da época, retratos de personagens e eventos do Cerco da Lapa.

Representações: Uma grande pintura representa Gomes Carneiro como líder corajoso, valente, sempre a frente da batalha. Por tanto, reforça a representação heróica de Gomes Carneiro.

Problematização: Construção do conhecimento histórico, preservacionismo patrimonial e uso dos espaços históricos.

55



Fonte: Acervo do autor.

Monumento em homenagem aos veteranos lapenaios que lutaram na Segunda Guerra Mundial

Monumento localizado no pátio externo da Câmara Municipal (ou Museu de Armas).

O Monumento e a visita ao Museu de Armas permite debater o assunto da participação de soldados paranaenses na Segunda Guerra Mundial.



Fonte: Acervo do autor.

Monumento que abriga os restos mortais do Barão e da Baronesa dos Campos Gerais

O Monumento em homenagem a David dos Santos Pacheco, o Barão dos Campos Gerais, também se encontra no pátio externo do Museu de Armas. Posa na fotografia, Marina Martins da Silveira, 6 anos, estudante da Escola Municipal João Franco, de Contenda - PR. Nosso Guia pode ser adaptado para auxiliar aulas em diferentes níveis de instrução.

A visita ao Monumento em homenagem ao Barão dos Campos Gerais pode inserir debate sobre a atividade tropeira, monarquia no Brasil e a visita de D. Pedro II à Lapa.

56

- **ESQUINA DAS RUAS BARÃO DO RIO BRANCO COM RUA WESTPHALEN: LOCAL DO FERIMENTO DE GOMES CARNEIRO**



Fonte: Acervo do autor.

Ponto da cidade da Lapa de maior tensão no dia da batalha mais sangrenta do Cerco da Lapa, ocorrido no dia 07 de fevereiro de 1984. Gomes Carneiro é ferido na trincheira da rua da Boa Vista, em frente a farmácia Westfalen (atual esquina das ruas Barão do Rio Branco com Westphalene). Gomes Carneiro é levado ferido até a casa de Pedro Fortunato (atual Museu Histórico), assim, Dr. João Cândido poderia atendê-lo e manter o hospital (atual Theatro São João) sob sua supervisão, que circulava de um lugar a outro pelo túnel citado anteriormente.

Sugestão de atividade: comparar as fotografias de época com pinturas e fotografias que representam a batalha de 07 de fevereiro de 1894 com a paisagem atual.

57

Pintura que representa luta na esquina da Farmácia Westphalen (autor e data desconhecidos).



Disponível em: <https://www.15gacap.eb.mil.br/index.php/institucional/historico/cercodalapa>

Fotografias da esquina onde Gomes Carneiro foi ferido



Disponível em: <https://www.lapaturismo.com.br/historia-lapa-pr>



Disponível em: <http://www.ibamendes.com/2020/11/fotos-antigas-da-lapa-parana.html>

- **PARQUE ESTADUAL DO MONGE:** Vista privilegiada da cidade da Lapa.



Fonte: Acervo do autor.

Av. Getúlio Vargas, s/n. Parque administrado pelo Instituto Água e Terra (IAT) - Tel: (41) 3213-3400 - E-mail: uc_ercba@iat.pr.gov.br ou iatcuritiba@iat.pr.gov.br

Tempo de Permanência: Visita ao mirante 20 a 30, mais tempo de caminhada curta entre o ponto de desembarque e o mirante.

Realizar visita à bica e à gruta do monge é opcional, mas uma ótima sugestão de atividade interdisciplinar, ou para compreender outros temas da História do Paraná. Por isso sugerimos deixar a visita ao Parque do Monge por último, se for interesse e objetivo da aula. Não sugerimos a visita ao Parque do Monge em caso de chuva.

** Até o momento da finalização da escrita deste Guia didático, a trilha até a gruta do monge estava interditada. Para planejar a realização da trilha é necessário contactar o IAT.*

A área urbana da Lapa é circundada por um trecho da Escarpa Devoniana, região de visão privilegiada da Lapa, foi ocupada pelos federalistas, que ganham grande vantagem estratégica para o fechamento do cerco sobre a cidade e ataque de artilharia.

Foi local de abrigo do místico monge João Maria D'Agostinis, que andarilhava pela região, tratando a quem buscava pela sua ajuda, com ervas e plantas medicinais que encontrava pela natureza.

Atualmente é um Parque Estadual e uma unidade de conservação ambiental, mas ainda destinada a peregrinação religiosa de devotos do monge João Maria.

59

O parque do monge também recebe grande número de atividades de aventura, como caminhada por trilha ou voo livre.

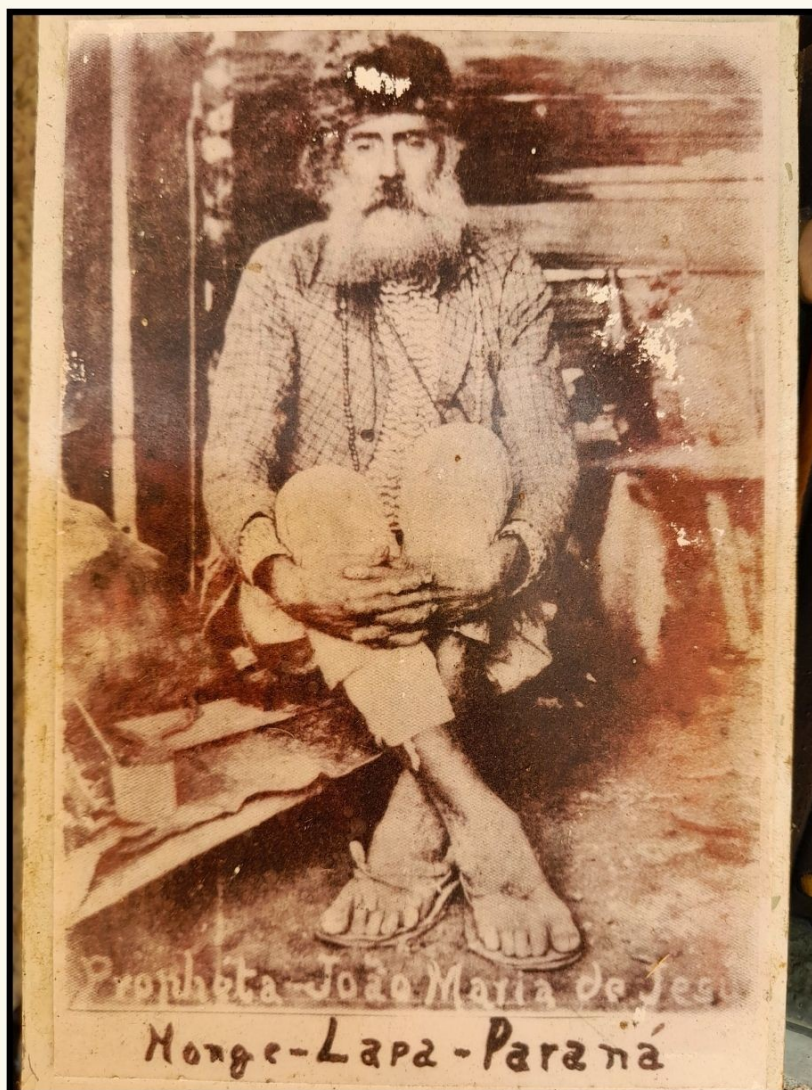
Sugestão interdisciplinar:

CIÊNCIAS, BIOLOGIA: Preservação ambiental: o papel do Estado e o manejo de unidades de conservação no Estado;

CIÊNCIAS HUMANAS: Religião, fé na cura e no monge João Maria D'Agostinis;

EDUCAÇÃO FÍSICA: Esportes de Aventura: Trilha em ambiente natural;

GEOGRAFIA: Formação do relevo Paranaense.



Fonte: Acervo do autor.

Fotografia de promessa por graça alcançada:
Monge João Maria, Curandeiro, profeta e considerado santo por muitos.

• DEMAIS PONTOS DE VISITA PARA APRENDER MAIS SOBRE A HISTÓRIA DO PARANÁ

A cidade histórica da Lapa nos apresenta a oportunidade de aprender e refletir sobre vários assuntos da história do Paraná, além da sua participação na Revolução Federalista, podemos abordar vários assuntos da história do Paraná, desde períodos pré-históricos, até acontecimentos do Período Colonial, do Período Monárquico e de diversas fases da República.

- Avenida Dr. Manoel Pedro: O ponto principal de passagem de tropas pela Lapa, por isso chamada de Rua das Tropas, onde os principais serviços para as tropas eram prestados, por muito tempo era chamada de Rua das Tropas. A Avenida Dr. Manoel Pedro é um grande patrimônio histórico sobre o desenvolvimento regional pelo movimento tropeiro.



Fonte: Acervo do autor.

Início da Avenida Dr. Manoel Pedro, antiga Rua das Tropas.



Fonte: Acervo do autor.

Placas que indicam que a avenida Dr. Manoel Pedro era conhecida como Rua das Tropas.

61

A atividade tropeira deixou heranças marcantes na sociedade, na cultura e na cidade da Lapa. Além de auxiliar no estudo sobre a Revolução Federalista, a Lapa oferece muitos recursos para o ensino do Tropeirismo.



A Lapa: Debrtet, Jean-Baptiste. 1827.

A obra de Debret sobre a Lapa mostra como o cotidiano da Lapa tropeira. Durante a aula na cidade da Lapa, observe as heranças do tropeirismo que são preservadas na Lapa até hoje,

62

- Casa Vermelha: Ganhou esse nome pela característica avermelhada da sua pintura exterior. É a construção particular mais antiga da Lapa, atualmente é um espaço polivalente, é um espaço de realização de cursos e práticas de artes manuais, abriga uma loja de artesanato local e suvenirs. É um espaço memorial, pois abriga um acervo referente ao tropeirismo, Abriga também peças da tradicional Congada da Lapa.



Fonte: Acervo do autor.

Esquina das ruas Barão do Rio Branco e Hipólito Alves de Araújo. Tel: 41-3547-8021 - Email: turismo.lapa@gmail.com

A visitação à Casa Vermelha, principalmente ao salão da Congada permite discutir a a construção historiografia paranaense, se a presença negra na construção do Paraná é tão evidente, onde aparece o negro nos livros de História do Paraná?

- Santuário de São Benedito: Construído no local da antiga capela de São Benedito, o santuário também representa influência de cultura afro-brasileira no construção da Lapa, que é apagada na historiografia do Paraná.



Fonte: Acervo do autor.

Rua Cel. João Antônio Ramalho, s/n - Centro - Tel: (41) 3622-1484 - Administrados pela Paróquia de Santo Antônio da Lapa: <https://santoantoniolapa.com.br/santu-ario-de-sao-benedito>

Interior do Santuário de São Benedito

Imagem 64 – Página 63 do material didático

63

Rua Barão do Rio Branco

Fonte: Acervo do autor.



Rua da Boa Vista

Disponível em: <https://memoriaparanaense.com.br/2021/12/16/fotos-historicas-da-cidade-da-lapa/>

As imagens acima mostram uma mesma rua em diferentes épocas. Aponte transformações visíveis comparando as imagens.

- Centro Histórico: Museu da Moda e Prédio da Prefeitura Municipal.



Fonte: Acervo do autor.

Calçada da rua Westphalen, s/n - Centro - Tel: 41-3547-8021 - Email: turismo.lapa@gmail.com



Fonte: Acervo do autor.

Praça Mariazinha Braga, 87 - Centro - Tel: 41-3547-8021 - Email: turismo.lapa@gmail.com

O Museu da Moda foi a casa onde nasceu Ney Braga, governador do Paraná, atualmente abriga acervo museológico com peças de vestuário dos séculos XV, XVI, XVII, XVIII, XIX e XX.

O prédio que atualmente serve como sede do poder executivo municipal construído com recursos doados por D. Pedro II pessoalmente para construção da primeira escola da Lapa. O prédio está no trajeto percorrido por Gomes Carneiro ferido.

Ambos são parte do conjunto de prédios do centro históricos da cidade, ao visitar os prédios, mesmo que externamente, podemos perceber o conjunto arquitetônico colonial e da época imperial.

- Centro Histórico: Casa da Memória (ou casa dos Cavalinhos).



Fonte: Acervo do autor.

Calçada da rua Westphalen, s/n - Centro - Tel: 41-3547-8021 - Email: turismo.lapa@gmail.com

O prédio histórico se localiza bem no centro da área tombada. Abriga grande acervo documental. Sua elegante fachada mostra uma moradia com “eira e beira”, ou seja, uma propriedade de um dono com “posses”. Além disso, é muito característica da casa, os 10 cavalinhos alados, 8 no frontão e mais 2, um em cada lateral da casa. No centro do frontão as iniciais do proprietário DOS e o ano de sua construção, 1888.

Diz a tradição que, Davi Oliveira dos Santos, humilde caixeiro viajante, desejava estabelecer conúbio com uma bela donzela lapena, no entanto, o pai da senhorita proibia o cortejo do rapaz, que não tinha “eira nem beira”, ou seja, não aprovava a relação da sua filha com um paupérrimo rapaz. Davi segue sua vida, mas sem perder a esperança de desposar a donzela. Em uma de suas viagens a Curitiba, lembrando de um antigo sonho, com 10 cavalos alados voando pelo céu, dos quais dois se escondiam atrás de nuvens, em 1888, Davi compra um bilhete da loteria imperial premiado. Com muito dinheiro, Davi Oliveira dos Santos construiu sua casa contando sua história. Casou e viveu feliz para sempre.

Apesar dos elementos fantásticos da história, não se trata de fábula, foram eventos reais, que nos dá oportunidade para abordar temas na aula, como hábitos do cotidiano no século XIX: os mitos de classificação sociais de época; profissões da época; a sorte, os milagres que acontecem diariamente, que sem sempre conseguimos ver, pois, em 1888, acaba a escravidão no Brasil, sendo esse, um fato que contribuiu para o fim da Monarquia no Brasil, pouco mais de um ano depois, junto com a Loteria Imperial. Provavelmente Davi Oliveira dos Santos foi um dos últimos premiados com a Loteria Imperial.

- Centro Histórico: Praça Quebra Pote.

66



Fonte: Acervo do autor.

Rua da Fonte, s/n - Centro (entre as Ruas Tenente Henrique dos Santos e Duca Lacerda).

A pesquisa arqueológica na Fonte Quebra Pote encontrou peças que estão em exposição no Museu Histórico. Após encerrar as escavações e pesquisas, o local foi preservado e se transformou em praça.

Pode servir para aprofundar o tema sobre pesquisas arqueológicas com os estudantes e visitantes. O uso de espaços de antigas pesquisas arqueológicas.

- Culinária Tropeira: Em uma aula que pode usar o dia inteiro de visitas, a pausa para o almoço pode ser mais um momento oportuno para uma experiência histórica, a sugestão é encontrar um restaurante que sirva a culinária típica tropeira. Na Lapa existem vários estabelecimentos especializados em culinária típica, uma rápida pesquisa de preços e cardápios com muitas possibilidades pode ser feita rapidamente e decidida coletivamente com os estudantes. Mas é necessário agendar com antecedência um local de almoço.



Disponível em: <https://institutopuruna.com.br/tradicoes-tropeiras-2/>

Culinária Tropeira

*Arroz tropeiro (ou carreteira);
Feijão tropeiro (virado de feijão);
Quirerinha;
Couve refogada com bacon;
Massas;
Ovos estralados;
Torresmo pururuca;
Costela fogo de chão;
Salda para equilibrar.*

Só o básico.

2.4 Proposta de Avaliação

O conjunto de aulas em sala e da possível visita ao patrimônio histórico da Lapa, assim como qualquer conjunto de aulas, deve passar por uma avaliação. Para avaliar o conjunto completo de aulas sugerimos a produção de um Relatório Direcionado sobre a visita, que apresente os seguintes elementos:

- 1 - Relato sobre os pontos visitados: Importância histórica de cada ponto visitado;
- 2 - Quais aspectos da Revolução Federalista e do Cerco da Lapa podemos aprender com a visita ao patrimônio histórico da Lapa?
- 3 - As respostas para as problematizações levantadas durante a aula, sobre a construção da historiografia tradicional paranaense, as representações, a construção dos heróis regionais e sobre os personagens que não aparecem na historiografia nem no patrimônio, justificando a frase "A historiografia do Paraná e seu patrimônio histórico ainda esquece de importantes personagens, produzindo excesso de memória sobre os homens, líderes, ricos e poderosos."

Mensagem Final

Nos direcionamos agora aos professores de História. Esperamos oferecer esse material para ajudar no desenvolvimento de aulas significativas para nossos estudantes, aulas que promovam reflexão sobre a produção do conhecimentos históricos e que faça os estudantes se enxergarem como estudantes históricos, independente de sua origem, classe social, gênero ou religião, que promova valorização das aulas de História. Não é nosso interesse fazer um material definitivo queremos que o presente material seja útil, despertando interesse em produção de novas pesquisas e novos materiais, para assim, realizar mais ações promotoras de qualidade das aulas de História. Desejamos grandes realizações em suas aulas.

REFERÊNCIAS

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História, Sociedade & Cidadania**. Fund. II. 9 ano. 1ª. ed. SÃO PAULO: FTD EDUCAÇÃO, 2022.

BRASIL. **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL**. Rio de Janeiro, 24 fev. 1891. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm. Acesso em 23 jun. 2023.

CARNEIRO, David. **A História da História do Paraná**. Curitiba: Secção de Artes Gráficas da Escola Técnica, 1952.

CARNEIRO, David. **O cerco da Lapa e seus heróis**: antecedentes e consequências da Revolução Federalista no Paraná. Curitiba: Imprensa Oficial, 2004.

CARNEIRO, David. **O cerco da Lapa e seus heróis**: antecedentes e consequências da Revolução Federalista no Paraná. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1991.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2006.

NAÇÕES UNIDAS. **Declaração e Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz**. A/RES/53/243. 06 out. 1999. Disponível em: https://www.comitepaz.org.br/dec_prog_1.htm. Acesso em: 29 out 2024.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Revolução Federalista**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PREFEITURA MUNICIPAL DA LAPA. **Lapa Turismo**. Lapa Turismo, 2024. Disponível em: <https://www.lapaturismo.com.br/>. Acesso em: 29 out 2024.

SÊGA, R. A. **Tempos Belicosos**: a Revolução Federalista no Paraná. 2. ed. Curitiba, PR: Instituto Memória, 2008. v. 1. 234p.

Desejamos um bom proveito do nosso Guia Didático. Acreditamos que o Guia Didático proposto também pode ser adaptado para aulas em diferentes etapas de formação. Além disso, esperamos incentivar professores de diferentes regiões a pensar sobre o potencial de seus espaços de memória para usá-los em suas aulas, assim, esperamos que nosso Guia também sirva de inspiração para a construção de um conhecimento histórico, usando como fonte o local onde se vive, mostrando aos estudantes o seu papel como sujeitos inseridos na história, não somente observadores passivos de uma história que não lhes diz respeito, mas que inclua e produza significado para os estudantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir queremos evidenciar que no primeiro capítulo, referente aos aspectos historiográficos que explicam as origens e o desenvolvimento da Revolução Federalista. Suas origens estão ligadas a conflitos entre elites econômicas pelo comando político regional, reflexo das tensões que surgiram com a instalação do regime republicano no Brasil. As rivalidades regionais sofrem interferência dos episódios de instabilidade do quadro político e econômico nacional, mas que geram comoções e paixões exacerbadas em toda população riograndense.

Ficou muito claro que o conflito apresentou características de uma Guerra Civil, mas a historiografia produziu uma grande diversidade de classificações do episódio, pois muitos escreveram sobre o conflito, em diferentes épocas e afetados de forma diversa por ideologias diversas. Desse modo, é muito difícil conceber que a Revolução Federalista tenha sido um conflito do bem contra o mau, ou do certo contra o errado, os excessos foram cometidos por ambos os lados. No fim, as ideologias divergentes: militarista, liberal, com mais ou menos autonomia federalista, centralizadora, só refletiam os interesses de elites regionais.

Por motivos estratégicos, a Revolução marcha para Santa Catarina e atinge o Paraná.

No entanto, a visão historiográfica paranaense sobre os eventos da Revolução Federalistas tomam um claro posicionamento contrário aos federalistas, criando a representação do maragato inimigo do Brasil, da República, com interesse em restaurar a monarquia ou interesses separatistas.

Um dos grandes e legitimados autores sobre a Revolução Federalista no Paraná foi David Antonio da Silva Carneiro (1904-1990). David Carneiro foi intelectual membro da elite social curitibana do século XX, foi seu lugar social quem determinou sua narrativa historiográfica sobre a Revolução Federalista, carregada de representações.

No segundo capítulo nos esforçamos em analisar obras específicas de David Carneiro sobre a Revolução Federalista no Paraná. O objetivo foi reconhecer nas obras as representações que David Carneiro produziu em sua narrativa. Usamos como principais fontes os livros: *Cerco da Lapa e seus heróis: antecedentes e consequências da Revolução Federalista no Paraná* (2004) e *O Paraná e a Revolução Federalista* (1982). Selecionamos três diferentes representações,

primeiro, a representação da Lapa, são só como o palco dos eventos, mas como o local destinado ao acaso para defender a República, um local que serviria para construção da identidade regional. Segundo conjunto de representação que selecionamos é referente a luta, em suas obras, David Carneiro representa o Cerco da Lapa como o fator determinante para a consolidação da República, mesmo a Lapa capitulando, na perspectiva de David Carneiro, foram os 26 dias de resistência que impediram os federalistas gaúchos atingirem São Paulo e unir forças com mais tropas paulistas, formando a força necessária para destituir Floriano Peixoto do poder e alterar os rumos da República. A terceira representação que destacamos nas obras de David Carneiro é referente aos “heróis”. David Carneiro cria em suas narrativas a representação de “heróis” para a atuação de alguns personagens. O herói político, para David Carneiro, seria Floriano Peixoto, por liderar e salvar a República no momento em que mais foi necessário. Carneiro defende a legalidade da permanência de Peixoto no poder e justifica seu comando autoritário e violento, mas também pode ser entendido como consequência da formação militar de David Carneiro que influencia sua construção narrativa. O herói civil eleito por David Carneiro foi Coronel Joaquim Rezende Correia de Lacerda, líder civil local durante os eventos do Cerco da Lapa, assinou a Capitulação da Lapa, logo depois se refugiou. Joaquim Lacerda era irmão do sogro de David Carneiro, Manuel José Correia de Lacerda, foi ouvindo suas histórias desperta o interesse de David Carneiro sobre o tema. Por fim, grande parte dos trabalhos de David Carneiro são dedicados a enaltecer o herói máximo na narrativa de Carneiro, é o herói militar, Antônio Ernesto Gomes Carneiro. Carneiro descreve com muito entusiasmo a atuação de Gomes Carneiro como líder que salvou a República, por resistir em condições precárias por 26 dias, determinantes para salvaguardar a República. Além da liderança, a morte de Gomes Carneiro é entendida como sacrifício máximo, em nome da lealdade cumprimento do dever, com muita coragem e convicção do seu papel. Outra fonte selecionada para nossa pesquisa, escrita por David Carneiro, foi uma biografia do General Carneiro, chamada *Gomes Carneiro e a consolidação da República* [19--], que reforçam a construção e a mitificação do herói regional.

Ainda no segundo capítulo, nos dedicamos a refletir sobre os efeitos das obras de David Carneiro na historiografia e no ensino de História. Verificamos que a narrativa de David Carneiro foi legitimada, se transformou em referência e é reproduzida constantemente, produzindo um “ponto final” no debate, um efeito de

definição histórica para o assunto. Recentemente pesquisadoras produziram estudos para provocar reflexões sobre a produção historiográfica de David Carneiro sobre o Cerco da Lapa, entre elas destacamos Daiane Vaiz Machado e Maria Julieta Weber Cordova.

A influência de David Carneiro também aparece na construção patrimonial do Paraná. Como primeiro representante do antigo SPHAN no Paraná, contribuiu para o tombamento de vários prédios históricos da Lapa. Esse patrimônio reforça as representações da narrativa de David Carneiro, reproduz a memória do Cerco da Lapa narrado por Carneiro.

Pela lógica, o ensino de História do Paraná e do Cerco da Lapa também sofre impactos da narrativa de David Carneiro. Primeiro, pelos materiais didáticos usados nas aulas de História. No Ensino Fundamental I, muitos materiais didáticos usam como referências obras de David Carneiro. No Ensino Fundamental II, o material disponibilizado pela Secretaria Estadual de Educação, além de usar referências diretas e indiretas de obras de David Carneiro, reproduz as representações criadas por suas obras, como a Lapa e o Cerco como salvadores e com papel determinante para consolidar a República, assim como, reforça a construção mítica de Gomes Carneiro como herói, por sua coragem e sacrifício.

Também concluímos que as obras de David Carneiro são importantes para historiografia do Paraná, no entanto, após quase um século de suas primeiras publicações, percebemos uma permanência na construção de memória e de representações, como o maragato como selvagem, sanguinário e perigoso para o desenvolvimento do Brasil. Vemos permanência no esquecimento de personagens.

Partindo de experiências anteriores, com ótimos resultados, produzimos um material didático como contribuição final, composto por aulas para refletir sobre a construção historiográfica da Revolução Federalista e do Cerco da Lapa, essas aulas servem como preparação para realização de uma visita ao patrimônio histórico da Lapa, sobre o Cerco da Lapa. O Material também é composto por um Guia Didático para usar na aula de visita ao patrimônio da Lapa, com indicação de locais de visitação, de atividades para refletir as representações historiográficas e patrimoniais sobre o episódio do Cerco da Lapa.

Desse modo, tentamos contribuir para realização de aulas de História significativas, inclusivas, que despertem no estudante consciência de seu papel

como indivíduos históricos, que valorizem e contribuam cada vez mais para melhorar a qualidade das aulas em sala de aula.

REFERÊNCIAS

BALHANA, Altiva Pilatti; MACHADO, Brasil Pinheiro; WESTPHALEN, Cecília Maria. **História do Paraná**. Curitiba: Grafipar, 1969. v. 1.

BASBAUN, Leôncio. **História Sincera da República**: de 1889 a 1930. São Paulo: Fulgor, 1968.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2009.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História, Sociedade & Cidadania**. Fund. II. 9 ano. 1ª. ed. SÃO PAULO: FTD EDUCAÇÃO, 2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base**. Brasília, MEC/ CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf Acesso em 28 ago. 2023.

BRASIL. **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL**. Rio de Janeiro, 24 fev. 1891. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm. Acesso em 23 jun. 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.570, de 21 de dezembro de 2017**. Institui o dia 9 de fevereiro como o Dia Nacional do Cerco da Lapa. Diário Oficial da União, Brasília, 22 dez. 2017. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13570.htm. Acesso em 23 jun. 2023.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 6.691-A, de 5 de novembro de 2013**. Institui o dia 9 de fevereiro como o Dia Nacional do Cerco da Lapa. Brasília, 7 mai. 2014. Disponível em https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=7A41B9F51D8C0C7D5AA8AFD94C131D9F.node1?codteor=1200893&filename=Avulso+-PL+6691/2013. Acesso em 23 jun. 2023.

BURKE, Peter. **A história dos acontecimentos e o Renascimento da narrativa**. In: BURKE. **A escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, p. 327-348, 1992.

CARDOSO, Jayme Antonio; WESTPHALEN, Maria Cecília. **Atlas Histórico do Paraná**. 2 ed. rev. ampl. Curitiba: Ed. do Chain, 1986.

CARNEIRO, David. **A História da História do Paraná**. Curitiba: Secção de Artes Gráficas da Escola Técnica, 1952.

CARNEIRO, David. **Gomes Carneiro e a consolidação da República**. Curitiba: edição de autor, [19--].

CARNEIRO, David. **O cerco da Lapa e seus heróis**: antecedentes e consequências da Revolução Federalista no Paraná. Curitiba: Imprensa Oficial, 2004.

CARNEIRO, David. **O cerco da Lapa e seus heróis**: antecedentes e consequências da Revolução Federalista no Paraná. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1991.

CARNEIRO, David. **O Paraná e a Revolução Federalista**. Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte, 1982.

CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem**: a elite política imperial. **Teatro de sombras**: a política imperial. José Murilo de Carvalho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: **A História Cultural**. Lisboa: DIFEL, 1990. p. 13-28.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estudos Avançados, p. 173-191, 1991.

CORDOVA, M. J. Weber. **BENTO, BRASIL E DAVID**: o discurso regional de formação social e histórica paranaense. 1. ed. Curitiba: Editora da UFPR, 2016. v. 1.

CORDOVA, M. J. Weber. **David Carneiro e a legendária Lapa no Paraná**: a produção historiográfica regional e a memória do patrimônio tombado. Revista Eletrônica Documento/Monumento, v. 10, p. 367-380, 2013.

CORDOVA, M. J. Weber. **O paranismo e o processo de produção historiográfica paranaense**: o episódio do Cerco da Lapa. Revista de História Regional, v. 12, p. 151-190, 2007.

CUNHA, Euclides da. **Contrastes e Confrontos**. 1 ed. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013.

DAMIN, Cláudio Júnior. **1983, Sangue na Lagoa Vermelha**: Episódios da Revolução Federalista no Rio Grande do Sul. 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Editora, 2023.

DOBERSTEIN, Juliano Martins. **O Brasil e o sul - David Carneiro, o movimento regional paranista e o patrimônio cultural nacional**: imigração europeia, etnicidade e disputas pela afirmação das identidades sociais paranaense e brasileira. In: **XIII RAM – Reunião de Antropologia do Mercosul** – Antropologias do Sul, 2019, Porto Alegre/RS. XIII RAM - Reunião de Antropologia do Mercosul – Antropologias do Sul, 2019.

DOURADO, Ângelo. **Os Voluntários do martírio**: Factos e epizodios da Guerra Civil. Pelotas: Livraria Americana, 1896.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2006.

GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HOBBSBAWM, Eric. **A invenção das tradições**. In: Eric Hobsbawm e Terence Ranger, **A invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOERNER JUNIOR, Valério. **Maragatos**: ensaio de compreensão histórica: a Revolução Federalista no Paraná e o General Gumerindo Saraiva. 1ª reimp. Curitiba: Juruá, 2008.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em 20 jun. 2024.

JENKINS, Keith. **A História repensada**. São Paulo: Contexto, 2001.

LACERDA, Francisco Brito de. **Cerco da Lapa do começo ao fim**. Curitiba: SECE, 1985.

MELLO, Paulo E. D. **Historiografia e produção didática**: permanências e mudanças na produção didática de História do Paraná. Ponta Grossa: No prelo, 2025, s.p.

MACHADO, Daiane Vaiz. **O percurso intelectual de uma personalidade curitibana**: David Carneiro. Curitiba. Dissertação. Universidade Federal do Paraná. 2012a.

MACHADO, Daiane Vaiz. **A comemoração de uma memória**: o cinquentenário do Cerco da Lapa/PR (1894-1944). Patrimônio e Memória (UNESP), v. 8, p. 111-127, 2012b.

MARTINS, Romário. **Paranística**. In: **A DIVULGAÇÃO**. Curitiba, p. 91, fev./mar. 1946, p. 91.

MILCZEWSKI, Iára S. **O Cerco da Lapa**. Lapa: Prefeitura municipal da Lapa. [19--].

MILCZEWSKI, Iára S. **Introdução**. In: **Lapa: Um passeio pela História**. Lapa: Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer. [19--].

NAÇÕES UNIDAS. **Declaração e Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz**. A/RES/53/243. 06 out. 1999. Disponível em: https://www.comitepaz.org.br/dec_prog_1.htm. Acesso em: 29 out 2024.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.

OLIVEIRA, Marcelo França de. **A trincheira discursiva: escritos políticos de Ângelo Dourado em livros e na imprensa rio-grandina na formação do Rio Grande do Sul republicano (1893-1905) - usos e possibilidades para a pesquisa e o ensino de História no Ensino Superior**. Rio Grande. Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande. 2014.

OLIVEIRA, Ricardo C. **O silêncio dos vencedores: genealogia, classe dominante e estado no Paraná**. Curitiba: Moinho do Verbo, 2001.

OLIVEIRA, Ricardo C. **O silêncio das genealogias: classe dominante e Estado no Paraná (1853-1930)**. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Os 120 anos da Guerra Civil de 1893**. *Historiæ, [S. l.]*, v. 4, n. 2, p. 137–148, 2014. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/3669>. Acesso em: 24 abr. 2024.

PARANÁ. Secretaria de Estado de Educação. **Referencial Curricular do Paraná: Princípios, Direitos e Orientações**. Curitiba: SEED, 2018.

PARANÁ. Secretaria de Estado de Educação. **Currículo da Rede Estadual Paranaense - CREP – História, EF**. Curitiba: SEED, 2019.

PARANÁ. Secretaria de Estado de Educação. **História 9º ano – aula 03: Governo Floriano Peixoto e a Revolução Federalista**. Curitiba: SEED, 2025.

PAULA, Thiago de. **História, ficção e regionalismo: a escrita da história em David Carneiro (1941 1952)**. Ponta Grossa, Dissertação. UEPG. 2023.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Revolução Federalista**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PEREIRA, Fernando M.. **O “Clã da Lapa” na formação da classe dominante paranaense**. REVISTA NEP - NÚCLEO DE ESTUDOS PARANAENSES DA UFPR, v. 4, p. 73-88, 2018.

PETERS, Ana Paula. **O movimento paranista**. In: Rezende, Cláudio Joaquim; Triches, Rita Inocência. (Org.). **Paraná espaço e memória: diversos olhares histórico-geográficos**. Curitiba: Editora Bagozzi, 2005, v. , p. 256-281.

PREFEITURA MUNICIPAL DA LAPA. **Lapa Turismo**. Lapa Turismo, 2024. Disponível em: <https://www.lapaturismo.com.br/>. Acesso em: 29 out 2024.

PRIORI, Ângelo., et al. **História do Paraná: séculos XIX e XX** [online]. Maringá: Eduem, 2012.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ROJAS, Carlos Antônio A. **Depois de 1989**. Uma história dos Annales. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2004. p. 143-161.

SAMPAIO, Raimundo. **Introdução**. In: CARNEIRO, David. *O Paraná e a revolução federalista*. 2 ed. Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte, 1982, p. 7-9.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

SÊGA, R. A. **Revolução Federalista, 110 anos**. Historia & Perspectivas (UFU), v. 29/30, p. 177-215, 2004.

SÊGA, Rafael Augustus. **Tempos Belicosos: a Revolução Federalista no Paraná**. 2. ed. Curitiba, PR: Instituto Memória, 2008. v. 1. 234p .

SÊGA, Rafael Augustus. **Degola no Sul**. In: **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, n. 64, p. 48 - 51, 05 jan. 2011.

SILVA, Luiz Cesar K. **Tropeirismo**. In: Rezende, Cláudio Joaquim; Triches, Rita Inocência. (Org.). **Paraná espaço e memória: diversos olhares histórico-geográficos**. Curitiba: Editora Bagozzi, 2005, v. 1, p. 106-129.

SILVA, Luiz Cesar K. **Revolução Federalista**. In: Rezende, Cláudio Joaquim; Triches, Rita Inocência. (Org.). **Paraná espaço e memória: diversos olhares histórico-geográficos**. Curitiba: Editora Bagozzi, 2005, v. 1, p. 182-203.

SZESZ, Christiane M. **O discurso regional e a definição das fronteiras cartográficas (1889-1920)**. Curitiba. Dissertação. Universidade Federal do Paraná. 1997.

WHITE, Hayden. **O texto histórico como artefato literário**. In: Tópicos do discurso. São Paulo: EDUSP, 1994.